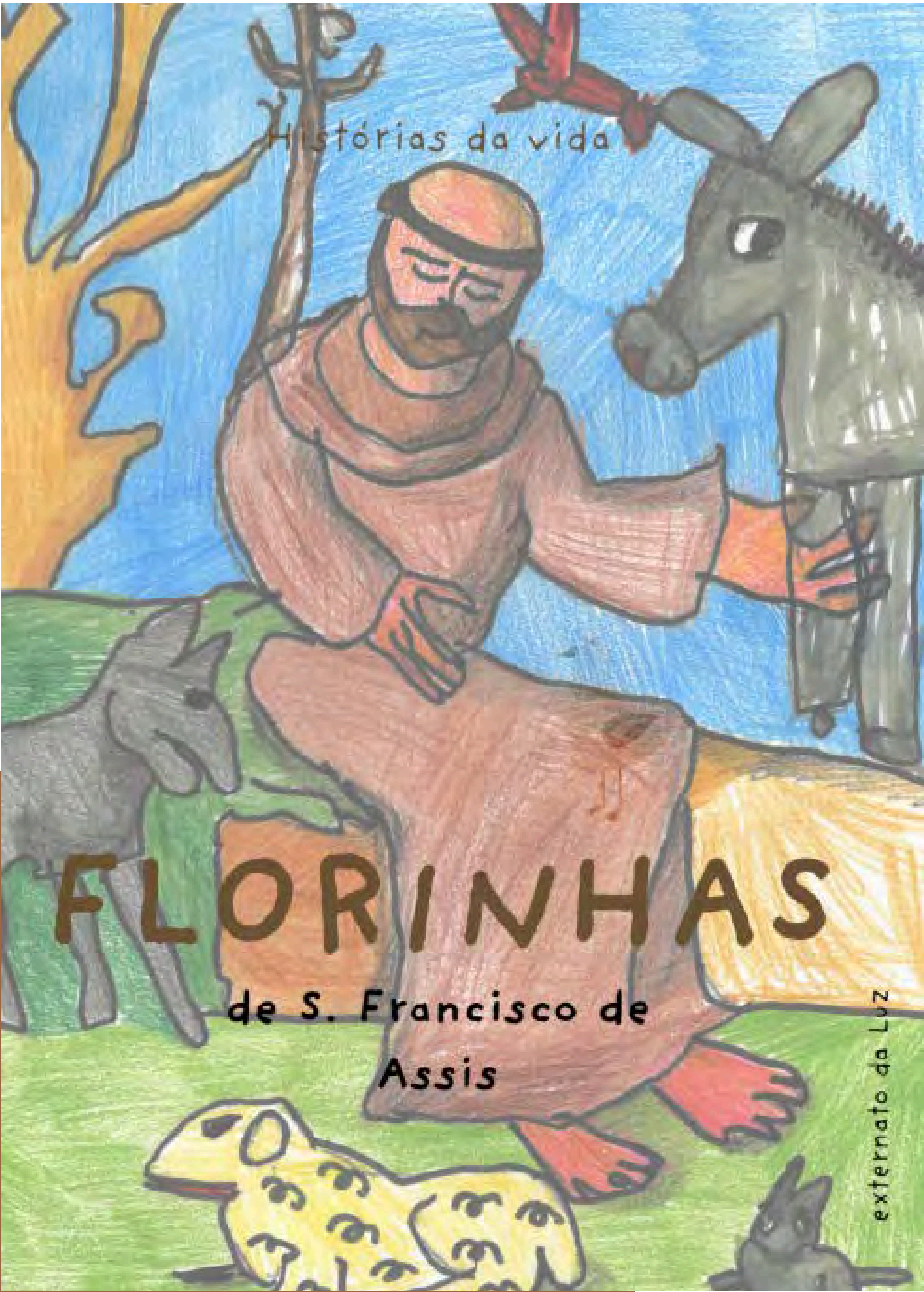




Histórias da vida

FLORINHAS

de S. Francisco de
Assis

externato da Luz

PREFACIO

As nossas florinhas resultam de um desafio lançado aos alunos no ano letivo 2025/2026, no qual celebramos os 800 anos da Páscoa de S. Francisco de Assis. O projeto consistia em reescrever as Florinhas de S. Francisco, publicadas pela Editorial Franciscana.

As Florinhas de S. Francisco são um conjunto de textos que, de uma forma simples e popular, procuram dar a conhecer a vida do Pobrezinho de Assis.

Pela sua simplicidade, torna-se uma obra de leitura fácil, captando a atenção do leitor e criando o desejo de continuar a sua leitura. É, sem sombra de dúvida, uma obra talentosa e narrativa que nos dá exemplos, testemunhos e nos mostra como podemos viver a nossa vida de forma simples, alegre e numa atitude de louvor.

A partir do texto Florinhas de S. Francisco de Assis, os/as alunos/as procuraram reescrever e ilustrar as suas próprias florinhas. Este trabalho é o resultado da colaboração e da partilha de todos/as.

Agradecemos a todos/as os/as alunos/as, professores, pessoal auxiliar e a todos os que ajudaram e colaboraram para que o desafio fosse concretizado e para que, neste ano em que celebramos os 800 anos da Páscoa de S. Francisco de Assis, um projeto com esta envolvimento pudesse ganhar vida.

Que as gerações vindouras, ao lerem este texto, possam também elas escrever as suas próprias florinhas e que este mesmo texto possa fazer parte das memórias do externato e daqueles que o tornaram possível.

Um abraço fraterno de enorme gratidão.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA DA ÉPOCA DE SÃO FRANCISCO. (HISTÓRIA)

São Francisco de Assis viveu entre 1181 e 1226, na transição do século XII para o século XIII.

Foi uma época de mudanças importantes, caracterizada pelo ressurgimento da importância das cidades, a ascensão da burguesia e uma crise de valores dentro da Igreja Católica.

Nos centros urbanos, a burguesia começava a desafiar o poder da Nobreza. A maioria da população, pessoas simples e humildes que trabalhavam na agricultura, atividades artesanais e comércio, continuava a viver com muitas dificuldades. Este cenário gerou tensões sociais que acabaram por contribuir para a mudança de vida assumida por Francisco de Assis e para o exemplo espiritual extremo que viria a marcar o cristianismo da época.

A Itália não era uma unidade política (estado) como nos nossos dias. O território encontrava-se dividido em cidades autónomas, dirigidas por príncipes, duques, condes, assembleias, membros do clero e outros. As rivalidades e conflitos eram permanentes, manifestando-se na economia, na diplomacia e na arte.

Muitos elementos Clero valorizavam excessivamente a riqueza material, o poder político, a liderança militar esquecendo-se ou colocando num plano secundário o seu papel religioso (espiritual). Esta conduta gerava críticas intensas dentro e fora da Igreja católica, levando ao surgimento de movimentos religiosos espiritualmente renovadores. Este século foi igualmente marcado por heresias, desvios da verdadeira fé católica, que muito abalaram a sociedade no final da Idade Média. Neste contexto bastante complexo, o movimento franciscano, para além de renovador, afirmou-se como radical, procurando divulgar a palavra de Deus através da pobreza, fraternidade e minoridade.

A época em que Francisco de Assis viveu foi um período de conflitos militares e religiosos. Os mais famosos aconteceram no Próximo Oriente e são vulgarmente conhecidos como Cruzadas. São Francisco esteve diretamente envolvido na Quinta Cruzada (1217-1221). A sua intervenção no Egito, junto do Sultão al-Kamil (Camil) é considerada absolutamente notável, tendo do ponto de vista religioso quanto diplomático, abrindo caminho para a presença e influência franciscana no território da Palestina/Israel que se mantém na atualidade.

A VIDA DE SÃO FRANCISCO CONTADA PELAS CRIANÇAS

PARTE I

S. FRANCISCO...

...nasceu em 1181, na cidade de Assis, em Itália, no dia 5 de julho. Os seus pais chamavam-se Pedro Bernardone e Dona Pica, e eram comerciantes ricos, pertencentes à burguesia. O pai viajava com frequência para França a fim de vender tecidos. O nome de batismo de Francisco era João, mas, por o pai gostar muito da França, passou a chamá-lo de Francesco — que em português significa Francisco — nome que o acompanhou por toda a vida.



ERA...

...filho único e teve uma boa educação: sabia ler, escrever e frequentou uma escola episcopal. Quando jovem, gostava de festas e de se divertir com os amigos, mas também sonhava em ser cavaleiro, pois os cavaleiros eram respeitados, reconhecidos e, muitas vezes, tornavam-se nobres após regressarem da guerra.



DECIDIDO...

...Francisco partiu para a guerra, mas foi derrotado e acabou por ser feito prisioneiro durante mais de um ano. Nesse tempo ficou muito doente. Durante a prisão, ouviu uma voz que lhe perguntava se queria servir o servo ou o Senhor. Francisco refletiu profundamente e decidiu dedicar a sua vida a Deus, o Senhor.



Ao...

...regressar a Assis, entrou numa igreja em ruínas e, diante do crucifixo, ouviu Jesus dizer-lhe: “Francisco, reconstrói a minha Igreja.” Tomando as palavras de forma literal, começou a reconstruir a pequena Igreja de São Damião com as próprias mãos.



QUANDO...

...o pai soube, ficou furioso, mas Francisco decidiu renunciar a todos os seus bens e, em público, despiu-se das roupas ricas e vestiu uma simples túnica de pobre, escolhendo viver na humildade.



COM...

...o tempo, Francisco percebeu que o pedido de Jesus não era apenas para reconstruir uma igreja de pedra, mas para renovar a fé do povo. Começou a ajudar os leprosos e os mais necessitados, e o seu exemplo atraiu muitas pessoas que decidiram seguir o mesmo caminho de simplicidade e amor.



ASSIM...

...nasceu a Ordem Franciscana. Francisco foi até Roma pedir ao Papa Inocêncio III que aprovasse a nova ordem. Inicialmente, o Papa recusou, mas, depois de sonhar com Francisco a sustentar a Igreja de São João de Latrão, mudou de ideia e aprovou oficialmente a Ordem Franciscana.



DURANTE...

...a vida, São Francisco também tentou promover a paz. Durante as Cruzadas, viajou até ao Egito para falar com o sultão muçulmano, correndo mesmo o risco de ser morto. No entanto, o sultão ficou de tal modo impressionado com a sua fé e respeito, que acolheu-o e partilhou com ele vários momentos.



ALGUNS...

...anos depois, em Monte Alverne, Francisco recebeu os estigmas de Cristo — as marcas das chagas de Jesus crucificado — sinal da sua profunda união com Ele.



S. FRANCISCO...

...morreu no dia 3 de outubro de 1226, com 44 anos. A sua vida de humildade, amor e fraternidade marcou profundamente a história da Igreja e do mundo.

Quase 800 anos depois, em 1999, foi nomeado “Pessoa do Milénio” pela revista Time, que nem sequer é católica, mostrando o impacto universal da sua mensagem de paz e amor por todas as criaturas.



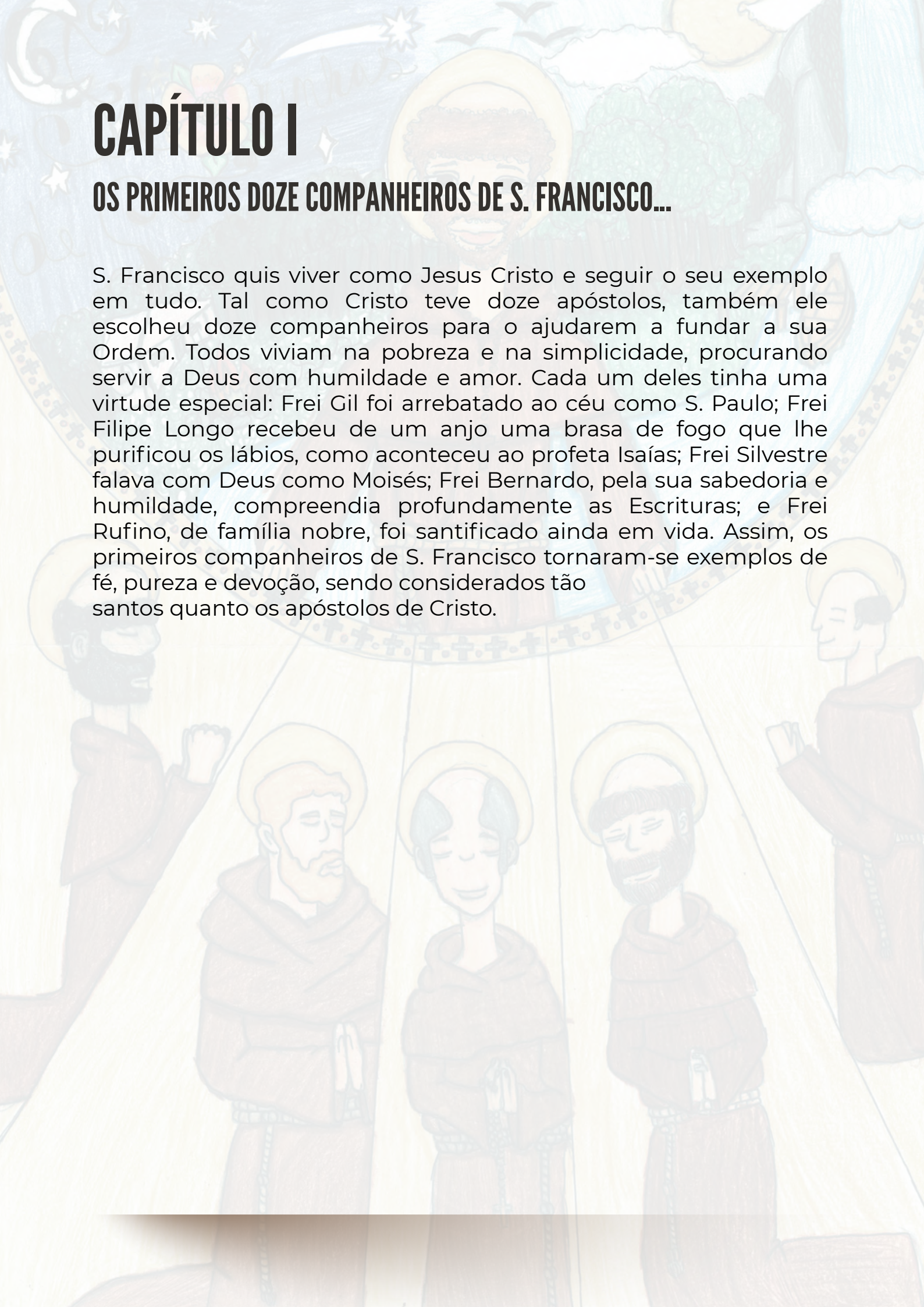
AS FLORINHAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

PARTE II

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS DOZE COMPANHEIROS DE S. FRANCISCO...

S. Francisco quis viver como Jesus Cristo e seguir o seu exemplo em tudo. Tal como Cristo teve doze apóstolos, também ele escolheu doze companheiros para o ajudarem a fundar a sua Ordem. Todos viviam na pobreza e na simplicidade, procurando servir a Deus com humildade e amor. Cada um deles tinha uma virtude especial: Frei Gil foi arrebatado ao céu como S. Paulo; Frei Filipe Longo recebeu de um anjo uma brasa de fogo que lhe purificou os lábios, como aconteceu ao profeta Isaías; Frei Silvestre falava com Deus como Moisés; Frei Bernardo, pela sua sabedoria e humildade, compreendia profundamente as Escrituras; e Frei Rufino, de família nobre, foi santificado ainda em vida. Assim, os primeiros companheiros de S. Francisco tornaram-se exemplos de fé, pureza e devoção, sendo considerados tão santos quanto os apóstolos de Cristo.





AS NOSSAS FLORINHAS

Desde pequena que o desporto faz parte da minha vida. Não é apenas uma atividade que pratico depois das aulas, mas sim um espaço onde aprendo sobre quem sou e quem quero ser. Para mim, o valor mais importante dentro e fora do campo é a humildade.

Sempre acreditei que ganhar não nos torna superiores a ninguém, tal como perder não nos torna inferiores. Existiram momentos em que joguei muito bem, em que tive um papel muito importante dentro do jogo e ouvi o meu nome a ser elogiado. Nessas alturas, senti muito orgulho do meu trabalho, claro, mas também sentia algo mais significativo para mim que é a certeza de que nada daquilo era apenas meu. Era da equipa, dos treinos à chuva, do apoio que sempre recebi, das palavras dos treinadores e da entajuda das minhas colegas. A humildade, para mim, é lembrar-me disso.

Também existiram jogos em que falhei e muito. Em vez de culpar os outros ou desistir, aprendi a levantar a cabeça, aceitar os meus erros, a ouvir as críticas, e acima de tudo, a trabalhar mais. A humildade ajuda-nos a reconhecer que ainda tenho muito para aprender. Permite-nos ouvir conselhos, respeitar as adversárias e entrar sempre em campo com a vontade de vencer, mas sobretudo, crescer.

Mesmo que um dia alcance grandes conquistas, quero continuar com a mesma simplicidade de sempre e a dar o meu melhor sem me achar superior.

Tanto no desporto, como na vida, quero ser lembrada não apenas pelas vitórias, mas pela forma em como faço as coisas, que é com respeito, dedicação e um coração humilde.

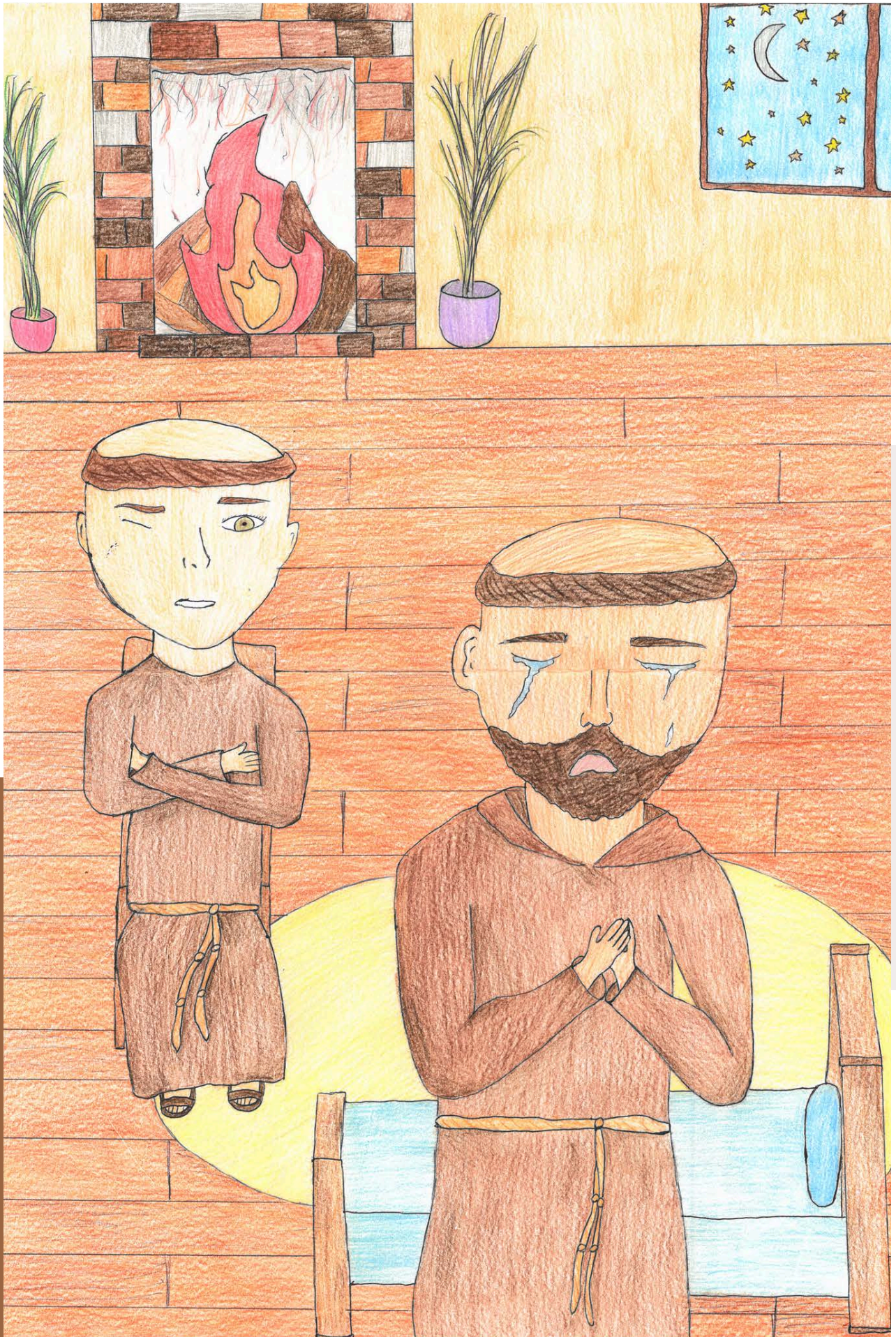
CAPÍTULO II

COMO S. FRANCISCO CONVERTEU O SENHOR BERNARDO DE ASSIS...

S. Francisco já tinha abandonado a vida mundana, mas continuava a ser insultado e desprezado por muitos, que o chamavam de louco e até lhe atiravam pedras. Ele, porém, suportava tudo com humildade e alegria. O senhor Bernardo de Assis, impressionado com tal paciência, convidou-o para sua casa. Fingindo dormir, observou Francisco a rezar e chorar durante toda a noite, repetindo apenas: “Meu Deus, meu Deus”. Tocado pelo que viu, Bernardo decidiu seguir o seu exemplo.

Vendeu todos os seus bens, deu o dinheiro aos pobres e tornou-se o primeiro companheiro de S. Francisco, dando início à Ordem dos Frades Menores.





AS NOSSAS FLORINHAS

A Teresa tinha 15 anos e andava no 9.º ano. Gostava do cheiro dos cadernos novos e da rotina previsível das aulas. Ainda assim, vivia inquieta. Passava horas a comparar a sua vida nas redes sociais com a das colegas: viagens, roupas, festas. Sentia que estava sempre em falta.

A conversão começou devagar, quase escondida. Numa tarde chuvosa, depois das aulas, entrou numa igreja para se abrigar enquanto esperava que a mãe a fosse buscar. Sentou-se no último banco, a mexer no telemóvel, até que o silêncio a desarmou. Pela primeira vez em muito tempo, não tinha nada para mostrar nem ninguém para impressionar. Só ela e Deus.

Voltou nos dias seguintes. Não porque tivesse respostas, mas porque encontrava ali uma paz simples. Começou a rezar com palavras suas, oferecendo a Deus as pequenas frustrações do dia: um teste que corresse mal, uma discussão com uma amiga, o medo de não ser aceite. Percebeu que vivia agarrada à necessidade de aprovação.

Aos poucos, abraçou a pobreza evangélica como um caminho de liberdade. Decidiu desejar menos e agradecer mais. Em vez de insistir em ter roupa nova sempre que saía uma moda, aprendeu a valorizar o que já tinha. Da mesada, guardava uma parte para ajudar discretamente uma colega com mais dificuldades.

O desapego não a tornou indiferente, mas mais leve. Já não precisava de aplausos para se sentir valiosa. E, no meio dos cadernos e dos intervalos barulhentos, a Teresa encontrou algo que a popularidade não dá: um coração livre.

CAPÍTULO III

COMO S. FRANCISCO SE PERTURBOU UMA VEZ, AO CHAMAR POR FREI BERNARDO, E ESTE LHE NÃO RESPONDE...

Quando São Francisco estava triste fazia muitas orações e penitências. Um dia, quis conversar com seu amigo Frei Bernardo, sobre Deus e as coisas divinas.

Quando o foi procurar, Frei Bernardo estava no bosque, a rezar e a pensar em Deus.

São Francisco foi lá falar com ele. Frei Bernardo estava tão concentrado que não o ouviu nem lhe respondeu. São Francisco chamou-o de novo, várias vezes, e nada!

São Francisco ficou triste e aborrecido, porque o seu amigo não lhe respondeu, nem foi ao seu encontro. Assim, dirigiu-se para um lugar mais sossegado para rezar e pedir a Deus que lhe explicasse a razão pela qual o Frei Bernardo não respondeu.

Deus disse-lhe:

— Francisco, por que estás tão triste? Deve o homem deixar Deus para falar com outra pessoa? Frei Bernardo está tão unido a mim que não te ouviu e daí que não podia ir ao teu encontro.

São Francisco entendeu e dirigiu-se novamente até ao Frei Bernardo, para lhe pedir desculpas pelos pensamentos que teve contra ele.

Como penalização, S. Francisco ordenou a Frei Bernardo que o mandasse fazer alguma coisa como castigo por tais pensamentos. Assim, São Francisco deitou-se no chão e o Frei Bernardo calcou-o e passou por cima dele três vezes, fazendo-o perceber o mal que tinha feito.

Frei Bernardo ficou com pena, mas obedeceu, porque era muito obediente.

Depois disso, Frei Bernardo pediu que São Francisco o corrigisse sempre que ele fizesse algo de errado. Mas São Francisco achava o Frei Bernardo tão bom e santo, que não queria chamá-lo à atenção.

Por isso, ele começou a passar menos tempo com Frei Bernardo, mas sempre o tratava com muito amor e respeito quando estava com ele.

AS NOSSAS FLORINHAS

Num dia ensolarado, o Gustavo estava a jogar futebol e errou um golo mesmo fácil. A Maria, que estava a ver, começou a gozar com ele. O Gustavo ficou muito triste e sentiu-se envergonhado, porque ele só queria divertir-se.

Ele afastou-se um bocadinho e começou a pensar. Lembrou-se de rezar e pediu ajuda a Deus para não ficar zangado e para fazer a coisa certa. Depois disso, decidiu falar com a Maria, mas com calma.

A Maria também começou a pensar no que tinha feito. Ela percebeu que não tinha sido simpática e que, se fosse com ela, também não iria gostar. Então foi ter com o Gustavo e pediu desculpa pelo que disse.

O Gustavo aceitou as desculpas e disse que também não queria ficar chateado.

A Maria aceitou que tinha errado e ficou ao lado do campo a apoiar o Gustavo, em vez de gozar com ele. Ela começou a incentivá-lo e a dizer palavras simpáticas. O Gustavo sentiu-se melhor e continuou a jogar com mais confiança.

Depois daquele dia, a Maria aprendeu que devemos respeitar sempre as outras pessoas, mesmo quando erram. E o Gustavo percebeu que ser calmo e perdoar também é muito importante.

E assim, os dois ficaram amigos e nunca mais se esqueceram que o respeito vem sempre em primeiro lugar.



CAPÍTULO IV

COMO UM ANJO VEIO À PORTARIA FALAR COM FREI ELIAS...

Há muito tempo, quando a Ordem de São Francisco ainda estava a começar e havia poucos frades, São Francisco foi em peregrinação até Santiago de Compostela. Levou consigo alguns companheiros, entre eles Frei Bernardo.

Pelo caminho, encontraram um homem muito doente. Francisco teve tanta pena dele que pediu a Frei Bernardo para ficar e cuidar do doente, enquanto ele continuava a viagem. Frei Bernardo obedeceu, e o doente acabou por ficar curado.

Mais tarde, Francisco voltou e deixou Frei Bernardo ir também em peregrinação a Santiago.

Depois disso, Francisco foi viver com alguns frades num lugar calmo, no meio da natureza. Estavam lá Frei Masseu, Frei Elias e outros. Todos tinham muito respeito por São Francisco e tentavam não o incomodar quando ele rezava, porque sabiam que Deus lhe mostrava coisas maravilhosas.

Um dia, enquanto Francisco rezava na floresta, apareceu à porta do convento um jovem muito bonito, vestido como um viajante. Bateu com força e muita pressa.

Frei Masseu estranhou o barulho e foi abrir.

— Quem és tu e por que bates assim? — perguntou.

— Como é que devo bater, então? — respondeu o jovem.

Frei Masseu explicou-lhe que os frades batiam devagar, três vezes, e depois esperavam.

O jovem respondeu:

— Tenho pressa. Vim falar com Frei Francisco, mas como ele está a rezar, não quero interromper. Chama antes Frei Elias, porque quero fazer-lhe uma pergunta.

Frei Masseu foi avisar Frei Elias, mas este, irritado, recusou-se a ir. O jovem voltou a bater, e Masseu, confuso, foi contar tudo a São Francisco.

Francisco, sem parar de rezar, disse:

— Vai e diz a Frei Elias que, por obediência, vá falar com o jovem.

Frei Elias, zangado, foi até à porta e disse com má cara:

— Que queres?

— Espera um pouco, que ainda estás irritado — disse o jovem calmamente —, e a raiva não deixa as pessoas pensarem bem.

Frei Elias ficou ainda mais impaciente:

— Diz logo o que queres!

— Quero perguntar se quem segue o Evangelho pode comer o que lhe oferecem, como disse Jesus, e se é certo fazer regras contra essa liberdade.

Frei Elias respondeu com arrogância:

— Eu sei essas coisas muito bem, mas não te quero responder.

O jovem respondeu:

— Eu conseguiria responder melhor do que tu.

Frei Elias fechou a porta com raiva. Depois ficou a pensar e percebeu que a pergunta do jovem o deixava em dificuldade, pois ele tinha feito uma regra contra o Evangelho, proibindo os frades de comer carne. Quis voltar a falar com o rapaz, mas já era tarde — ele tinha desaparecido.

Deus mostrou a São Francisco o que tinha acontecido. Então Francisco voltou do bosque e disse, zangado:

— Fizeste mal, Frei Elias! Expulsaste um anjo de Deus, que tinha vindo ensinar-nos. Cuidado, porque a tua vaidade pode fazer-te sair da Ordem.

E assim aconteceu: Frei Elias acabou mesmo por deixar a Ordem.

Nessa mesma hora, o anjo apareceu a Frei Bernardo, que estava junto de um rio, a regressar de Santiago. O anjo cumprimentou-o com alegria:

— Deus te dê a paz, bom irmão!

Frei Bernardo ficou admirado e perguntou:

— Quem és tu?

— Venho do lugar onde está Frei Francisco — respondeu o anjo. — Quis falar com ele, mas estava em oração. Também tentei falar com Frei Elias, mas ele não quis ouvir-me.

Depois, o anjo pegou na mão de Frei Bernardo e ajudou-o a atravessar o rio num instante. Frei Bernardo percebeu então que era um anjo e perguntou:

— Como te chamas?

— O meu nome é maravilhoso — respondeu o anjo, e desapareceu.

Frei Bernardo ficou cheio de alegria e contou tudo a São Francisco e aos outros frades, que agradeceram a Deus.

AS NOSSAS FLORINHAS

Numa pequena aldeia vivia um menino chamado Jeremias. Jeremias era curioso e esperto, mas tinha um problema: nunca escutava ninguém até ao fim.

A mãe dizia:

— Jeremias, leva o casaco!

A avó dizia:

— Jeremias, não vás pelo caminho do rio.

Mas ele achava que ouvir era perder tempo e queria sempre fazer tudo à sua maneira.

Até que um dia a mãe lhe pediu para levar um lanchinho à avó, que estava doente:

— Mas escuta bem: vai pelo caminho da estrada, não pelo rio. A chuva que tem estado a cair deixa o chão perigoso.

Jeremias fez de conta que não ouviu e pensou: «Eu conheço melhor o caminho do que ninguém.» E lá foi ele pelo caminho do rio. Estava tudo a correr bem e ele ia todo contente, mas, devido às chuvas, o chão cedeu e o Jeremias ficou enterrado na lama. Tentou sair, mas não conseguiu. Pediu socorro, mas ninguém o ouviu.

Com muito esforço, agarrou-se a uma árvore e conseguiu sair, mas perdeu o lanchinho da avó.

Regressou a casa e a mãe disse-lhe:

— Caíste, não foi?

Jeremias baixou a cabeça e pensou: «Se eu ouvisse e obedecesse...»

Então a mãe explicou:

— Quem ouve aprende antes de errar, e quem obedece confia em quem já caminhou mais.

Jeremias aprendeu a lição.



CAPÍTULO V

COMO FREI BERNARDO FUNDOU UM PEQUENO CONVENTO EM BOLONHA...

São Francisco e os seus amigos queriam viver como Cristo: de forma simples, humilde e cheia de amor.

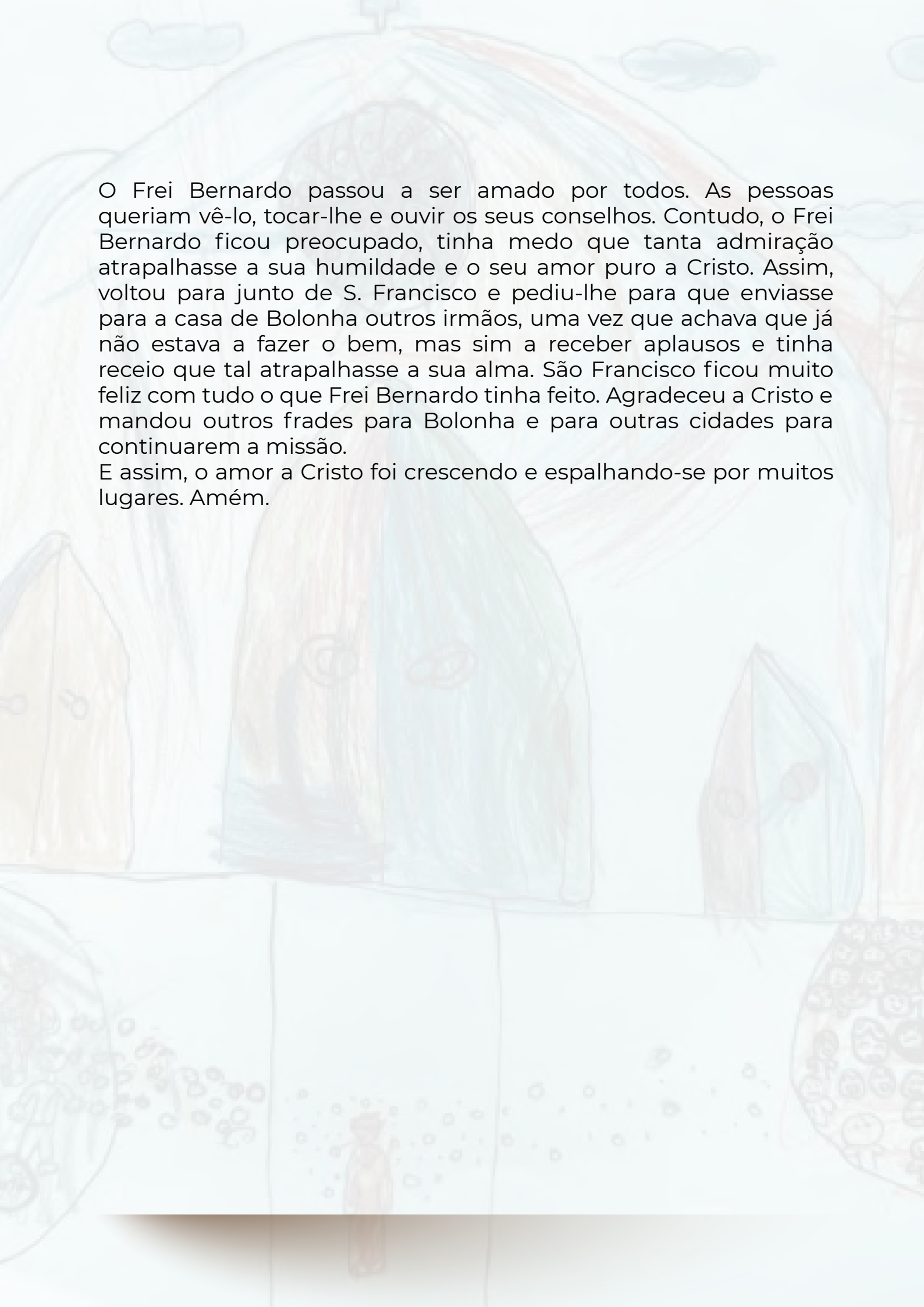
Viajavam de cidade em cidade, levando apenas o amor de Cristo no coração. Por onde passavam, ajudavam muitas pessoas a conhecer Cristo. Um dia, no começo da sua missão, São Francisco mandou o Frei Bernardo para a cidade de Bolonha falar de Cristo e por lá fazerem o bem.

Frei Bernardo obedeceu com alegria. Fez o sinal da cruz e seguiu viagem.

Quando chegou a Bolonha, as pessoas estranharam a sua roupa simples e a sua forma de ser, algumas até se riram dele, gozaram, atiraram pedras, terra, empurraram-no e chamavam-no de maluco.

Mas o Frei Bernardo não se zangou, pelo contrário, sorria e voltava todos os dias para o mesmo lugar, mesmo sabendo que iam gozar com ele. Certo dia, um homem, professor de leis, ficou impressionado com a calma e paciência do Frei Bernardo.

Assim, dirigiu-se a ele e questionou-o sobre o porquê de estar ali e aceitar que gozassem com ele. Frei Bernardo, retirou um papel de dentro da sua túnica, onde estavam escritas as regras de São Francisco. Ao ler as regras, o professor das leis ficou muito admirado, reconhecendo perante todos que aquela forma de viver era a mais bonita e santa que alguma vez viu e que, quem vivia desta forma eram verdadeiros amigos de Cristo. O homem ofereceu a Frei Bernardo um lugar para morar e assim melhor servir a Deus. Frei Bernardo aceitou com muita alegria, uma vez que acreditava que tinha sido Cristo que tinha tocado no coração daquele homem.



O Frei Bernardo passou a ser amado por todos. As pessoas queriam vê-lo, tocar-lhe e ouvir os seus conselhos. Contudo, o Frei Bernardo ficou preocupado, tinha medo que tanta admiração atrapalhasse a sua humildade e o seu amor puro a Cristo. Assim, voltou para junto de S. Francisco e pediu-lhe para que enviasse para a casa de Bolonha outros irmãos, uma vez que achava que já não estava a fazer o bem, mas sim a receber aplausos e tinha receio que tal atrapalhasse a sua alma. São Francisco ficou muito feliz com tudo o que Frei Bernardo tinha feito. Agradeceu a Cristo e mandou outros frades para Bolonha e para outras cidades para continuarem a missão.

E assim, o amor a Cristo foi crescendo e espalhando-se por muitos lugares. Amém.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia eu vi um mendigo na rua. Ele estava a pedir dinheiro e parecia muito triste. Eu fiquei a olhar para ele e senti uma coisa estranha no coração, como se quisesse ajudar, mas também tive um bocadinho de medo.

Quando cheguei a casa, contei aos meus pais. Eles disseram que às vezes as pessoas passam por momentos difíceis e que, se pudermos ajudar com cuidado, devemos fazê-lo.

No dia seguinte, voltámos juntos àquela rua. O mendigo ainda lá estava, sentado no mesmo sítio. Desta vez eu não fui sozinho, fui com os meus pais. Levei uma sandes e uma garrafa de água.

Aproximei-me devagar e dei-lhe a comida. Ele olhou para mim e sorriu. Tinha um sorriso cansado, mas ao mesmo tempo muito bonito. Disse “obrigado” baixinho.

Eu senti-me muito feliz por dentro, como se tivesse feito algo mesmo importante, mesmo sendo pequeno. Não dei muito, mas para ele parecia ter sido muito.

Quando fomos embora, a minha mãe disse que o amor também é isto: ajudar quem precisa, mesmo que seja com coisas simples. O meu pai disse que não podemos mudar o mundo todo, mas podemos fazer o dia de alguém melhor.

Eu fiquei a pensar nisso o resto do dia. E percebi que o amor não é só dizer “gosto de ti”. É também fazer coisas boas pelos outros.

E naquele dia, eu acho que fiz alguém sorrir. E isso fez-me sorrir também.



CAPÍTULO VI

DA MORTE DE FREI BERNARDO...

Frei Bernardo era muito bom. São Francisco gostava muito dele e respeitava-o muito.

Uma vez, São Francisco estava a rezar, e Deus disse-lhe que frei Bernardo tinha sido o escolhido para enfrentar demónios em violentos combates.

São Francisco gostava muito deste frade e chorou com medo de que lhe acontecesse alguma coisa.

São Francisco, preocupado, decidiu rezar todos os dias, pedindo muito a Deus e a Cristo por este frade, para ele ganhar todos os combates contra os demónios.

Deus respondeu a São Francisco para ele não ter medo, porque ele ia vencer todas as tentações que os demónios lhe iam dar.

São Francisco ficou muito feliz, aliviado e ainda passou a gostar mais daquele frade. Tornou-se amigo dele durante a vida e a morte.

Quando o São Francisco estava quase a morrer, foi visitado por muitas pessoas, entre as quais o frei Elias e frei Bernardo. Apesar de São Francisco estar quase cego, ainda conseguiu abençoar o frei Bernardo e pediu-lhe que quando morresse, dirigisse a ordem que ele tinha criado.

Depois da morte de São Francisco, os frades passaram a respeitar frei Bernardo como um pai. Quando frei Bernardo chegou ao final da sua vida, pediu aos frades que nunca se desentendessem e se amassem uns aos outros. Passada esta mensagem o frei Bernardo morreu descansado.

AS NOSSAS FLORINHAS

No seu dia a dia, o Manuel pega muitas vezes no caderno e reflete sobre assuntos que quer tentar melhorar na sua vida. Estes assuntos normalmente estão relacionados com o respeito pelos outros e pelos valores que lhe ensinaram. Como exemplo disto, temos: não chatear a irmã; fazer o que os pais dizem à primeira; deitar-se mais cedo... Neste esforço de mudança, ele tenta ser fiel ao que os seus pais lhe dizem, como respeitar os mais velhos, ajudar quem precisa e evitar conflitos com outras pessoas.

Também na escola vê diariamente exemplos de desrespeito: conflitos entre colegas, falta de entreajuda, palavras inadequadas e falta de solidariedade em geral.

O Manuel, como cristão que é, tenta diariamente melhorar o seu relacionamento com os outros, ajudando quem mais precisa, sendo amigo do seu amigo e admitindo os seus erros para, assim, poder ser uma melhor pessoa no futuro.

Seguindo o exemplo de Jesus, de São Francisco de Assis e de Frei Bernardo, que tantas dificuldades ultrapassaram nas suas vidas, o Manuel não pode perder a esperança de que, no futuro, o mundo será melhor.

Se todos nós — na nossa família, na nossa escola e em comunidade — fizemos um pequeno esforço, dando a mão ao próximo, certamente esse pequeno gesto fará uma grande diferença no mundo em que vivemos.



CAPÍTULO VII

COMO S. FRANCISCO JEJUOU UMA QUARESMA, NO LAGO DE PERÚSIA, TENDO COMIDO NESSE TEMPO SÓ MEIO PÃO...

Certo dia, durante o Carnaval, São Francisco estava perto do lago de Perúsia e decidiu que queria passar a Quaresma num lugar solitário, só para rezar e estar com Deus. Pediu a um amigo que o levasse, de barco, para uma ilha deserta no meio do lago.

Foram à noite, para ninguém ver. Francisco levou apenas “dois pãezinhos”.

Quando chegaram, pediu ao amigo que não contasse a ninguém onde ele estava e que só o viesse buscar na Quinta-feira Santa.

Francisco encontrou um canto escondido na floresta, feito de ramos e arbustos, e ali rezou durante toda a Quaresma.

Quando o amigo voltou, viu que um dos pães estava inteiro e o outro só pela metade. Percebeu que, em quarenta dias, Francisco tinha comido “apenas meio pão”!

Ele fez isto para imitar Jesus, que também jejuou quarenta dias no deserto, mas não quis gabar-se disso — por isso comeu um bocadinho, para evitar o orgulho.

Mais tarde, começaram a acontecer milagres nessa ilha. As pessoas construíram lá casas e, com o tempo, nasceu uma aldeia. Os frades também fizeram um pequeno convento, que ainda hoje é conhecido como “Eremitério da Ilha”, onde todos têm grande respeito e devoção.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um menino quis rezar sozinho. Acendeu uma vela e sentou-se quieto.

Nesse dia, decidi não comer o doce que mais gostava. Foi difícil, mas ofereceu isso a Deus. Às vezes pensava que não ia conseguir, mas continuou a tentar.

Enquanto rezava, olhou para a vela. Se soprasse muito, a chama apagava-se. Se se mexesse demasiado, tremia. Ele percebeu que precisava de ter cuidado com a vela, senão estragava-se.

Então pensou que o coração dele era igual à vela: quando ficava zangado ou com pressa, quase se apagava; quando ficava calmo e paciente, brilhava.

Ele tentou pensar antes de se zangar e respirar devagar.

Falou baixinho com Deus e pediu ajuda para ser paciente, obediente e bom. Às vezes ainda se esquecia e ficava impaciente, mas tentava sempre de novo.

Foi aprendendo que, mesmo quando é difícil, oferecer esforço a Deus faz bem ao coração.

No fim, disse baixinho para si mesmo:

— Deus, ajuda-me a cuidar do meu coração como cuido desta vela. E sentiu-se feliz, calmo e tranquilo. Aprendeu que, quando controla o seu coração, a sua vida também fica mais calma.



CAPÍTULO VIII

COMO S. FRANCISCO, CAMINHANDO COM FREI LEÃO, LHE EXPÔS EM QUE CONSISTE A PERFEITA ALEGRIA...

Num dia de inverno, S. Francisco caminhava com frei Leão de Perúcia para Santa Maria dos Anjos. Estava um frio muito intenso e os dois sofriam bastante. S. Francisco chamou frei Leão e começou a ensinar-lhe algo importante. Disse-lhe que, mesmo que um frade fizesse coisas extraordinárias — curasse doentes, expulsasse demónios, desse a vida aos mortos ou soubesse todas as línguas e ciências do mundo — isso não era a perfeita alegria. Mesmo que pregasse tão bem que convertesse todos os infiéis, ainda assim, não era a verdadeira alegria.

Frei Leão perguntou: “Então, Padre, onde está a perfeita alegria?”

S. Francisco respondeu que ela está em suportar com paciência e amor todas as dificuldades por Cristo. Se chegarem a um lugar molhados, com frio, sujos e com fome e forem mal tratados, insultados ou até expulsos, mas continuarem humildes, pacientes e de coração bom, aí estaria a perfeita alegria. Mesmo que continuem a sofrer, pensando que é Deus quem o permite, e aceitando tudo por amor a Cristo, isso também seria a verdadeira alegria.

E concluiu, dizendo que a maior graça que Deus dá é vencer-se a si mesmo e suportar com amor todas as tribulações e desprezos. Os dons de Deus não são para nos vangloriarmos, mas para usarmos com humildade. Só na cruz e nas dificuldades é que podemos realmente gloriar-nos, porque aí tudo é nosso por amor a Jesus Cristo.

À honra de Deus. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Há um dia que ficou e ficará gravado na minha memória. O dia em que o meu avô me desafiou a plantar uma semente no meu quintal. Ele deu-me com um grande sorriso no rosto e disse-me que dali podia nascer uma cerejeira, mas apenas se eu tivesse paciência.

Na altura apenas pensei que seria fácil, bastaria regar todos os dias e, passadas apenas uma ou duas semanas, ela já teria brotado... simples, pensei eu.

Mas as semanas foram passando e por mais que regasse todos os dias nada acontecia. Comecei a desanimar e a perder a paciência. Estará morta? Perguntei-me. Mas, ao mesmo tempo o meu avô estava tão tranquilo e apenas dizia: “As coisas precisam do seu tempo”.

Certo dia quando eu fui regar e vi um pequeno rebento verde a sair da terra. Fiquei tão contente que fui a correr contar ao meu avô. E ele apenas disse: Viste? A paciência traz sempre recompensas”.

Ao longo do tempo o rebento tornou-se uma árvore e ainda hoje sempre que a vejo lembro-me do que o meu avô me ensinou sobre ser paciente, nem tudo acontece quando queremos, mas sim, quando deve/tem de acontecer. E é preciso paciência para perceber isso.

CAPÍTULO IX

COMO S. FRANCISCO, EM COMPANHIA DE FREI LEÃO, REZOU MATINAS SEM BREVIÁRIO...

Nos primeiros tempos da Ordem, S. Francisco estava numa gruta onde não tinham livro de orações. Quando chegou a primeira hora de rezar, S. Francisco disse a frei Leão que como não tinham livro de orações para conseguirem rezar, S. Francisco ia dizendo e Frei Leão respondia, tal como o S. Francisco o ensinara.

Por vezes, frei Leão não cumpria os pedidos de S. Francisco, e dizia coisas menos agradáveis sobre ele. Algum tempo depois, S. Francisco perguntou porque é que frei Leão estava sempre a responder o contrário do que ele lhe tinha pedido, e a ser desobediente. Frei Leão respondeu que muitas vezes tentou dizer o que lhe foi pedido, mas Deus não o deixava, pois não era a sua vontade.

Então S. Francisco pediu que, desta vez, frei Leão respondesse como lhe era pedido em nome de Deus, mas frei Leão respondeu de imediato “Ó frei Francisco, miserável, pensas tu que Deus terá misericórdia de ti?”

Frei Leão respondeu, mais uma vez o contrário, dizendo “Antes receberás de Deus inumeráveis graças, e te exaltará e glorificará na eternidade, porque todo o que se humilha será exaltado. E outra coisa não posso dizer, porque Deus fala por minha boca.”

E assim, apesar deste leve desentendimento, com muitas lágrimas, ficaram em paz e continuaram a rezar os dois até de manhã.

Seja Cristo Louvado. Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

São Francisco, mesmo sendo líder da sua Ordem, aceitou as críticas e correções de Frei Leão, sem se zangar ou sem se sentir superior. Ele mostrou que reconhecer os próprios limites e ouvir os outros é uma forma de crescer e agradar Deus. Também na minha vida reconheço que a humildade é necessária quando recebo conselhos ou chamadas de atenção por parte dos familiares ou dos professores. Recordo-me que uma vez fiz uma tarefa pensando que estava magnífica, mas o professor apontou alguns erros. No início, senti-me enervado e até um pouco envergonhado, mas depois percebi que aquela crítica me ajudava a crescer e a melhorar. Aprendi, com o exemplo de São Francisco, que a humildade ajuda a encarar os nossos erros com verdade, a ouvir os outros e a procurar melhorar. Ser humilde torna-nos pessoas mais justas, pacientes e capazes de conviver bem com todos.



CAPÍTULO X

RESPOSTA NOBRE E HUMILDE DE S. FRANCISCO A FREI MASSEU, SEU COMPANHEIRO...

Um dia, Frei Masseu — um dos companheiros mais próximos de São Francisco — começou a pensar por que motivo tanta gente queria ver e ouvir Francisco. Ele não era bonito, não vinha de família rica, nem era um homem muito instruído.

Frei Masseu, curioso, foi perguntar-lhe:

— Francisco, por que razão tu atraís tanta gente? Não és nobre, não sabes ler bem, nem és mais forte ou mais inteligente que outros.

Francisco sorriu e respondeu com grande calma e humildade:

— Queres saber o porquê? É simples. Deus não escolheu os mais fortes nem os mais sábios. Ele escolheu-me precisamente por eu ser pequeno e fraco, para mostrar ao mundo que toda a força e todo o bem vêm d'Ele, e não de nós.

Depois acrescentou:

— Se Deus tivesse encontrado alguém ainda mais simples e pecador do que eu, teria escolhido essa pessoa.

Frei Masseu ficou muito admirado com a resposta. Percebeu que a verdadeira grandeza de Francisco estava na sua humildade.

A partir desse dia, Frei Masseu deixou de se admirar com a fama do seu amigo, porque entendeu que era Deus quem o tornava especial — e não a aparência ou o talento.

AS NOSSAS FLORINHAS

Era segunda-feira e eu estava na escola, como sempre. No intervalo da manhã, o de 20 minutos, o recreio estava muito barulhento. Eu estava sentado num banco quando reparei no Tomás, um colega novo da outra turma. Notei que ele estava sozinho, triste e a olhar para o chão. Como fiquei preocupado, decidi ir falar com ele: perguntei-lhe de que escola tinha vindo, quantos anos tinha e por que motivo estava triste. Ele ficou logo mais animado; contou-me que tinha vindo da Escola Básica Fernando Pessoa, que tinha 11 anos e explicou-me a razão da sua tristeza.

O Tomás estava triste por se sentir sozinho e porque se tinha esquecido do lanche em casa. Naquele momento, olhei para o meu lanche favorito: uma sandes de queijo e fiambre e uns Chocoflakes.

Lembrei-me da história de São Francisco e de como ele dizia que somos todos iguais. Em vez de comer tudo sozinho, decidi dividir: — Não faz mal, Tomás! Eu tenho comida a mais, vamos partilhar!

Dividimos o lanche e ficámos a conversar sobre futebol. Não contei a ninguém o que fiz, porque senti que ajudar o Tomás era, simplesmente, a coisa certa a fazer.

Naquele momento, percebi que a verdadeira alegria não vinha de comer o lanche todo sozinho, mas sim de ver o Tomás mais feliz e incluído no grupo. A humildade de partilhar o que temos, sem querer nada em troca, tornou o meu dia muito melhor!



CAPÍTULO XI

COMO S. FRANCISCO FOI A SENA E RECONCILIOU HOMENS QUE SE BATIAM DE MORTE...

Certa vez, São Francisco foi à cidade de Sena. Lá, havia uma grande briga entre duas famílias que se odiavam tanto que já tinham matado pessoas umas das outras.

Francisco, ao chegar, percebeu o clima de raiva e tristeza. Então, pediu para reunir todos os homens das duas famílias na praça.

Quando estavam todos juntos, começou a falar com muita calma:

— Meus irmãos, como pode o ser humano, criado por Deus, querer matar o seu próprio irmão? Não percebem que o ódio vos separa também de Deus?

As palavras de Francisco eram simples, mas cheias de amor e verdade.

Enquanto falava, os corações dos homens começaram a amolecer.

Alguns começaram a chorar.

Francisco continuou:

— Se quereis realmente ser felizes, perdoai-vos uns aos outros. O perdão é o caminho da paz.

Então, comovidos, os homens aproximaram-se e abraçaram-se, prometendo deixar as armas. Todos se reconciliaram, e a cidade inteira ficou admirada com o milagre da paz que Deus tinha feito por meio de São Francisco.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia, o Abílio e o Sandro estavam chateados um com o outro por causa do jogo.

O Abílio disse:

— Ó Sandro, andas sempre a mandar-me com a bola para eu perder.

O Sandro conseguiu a bola e fez de propósito para o Abílio perder.

O Abílio exclamou:

— Fogo, Sandro, és surdo? Já te avisei!

Com estas palavras, o Sandro começou a bater no Abílio e começou uma briga em que ninguém conseguia separar os dois colegas.

De repente, apareceu a D. Josefina e disse:

— Vocês acham que dois irmãos, como vocês, que Deus criou, se podem andar a bater tanto, ao ponto de quase partirem um braço?

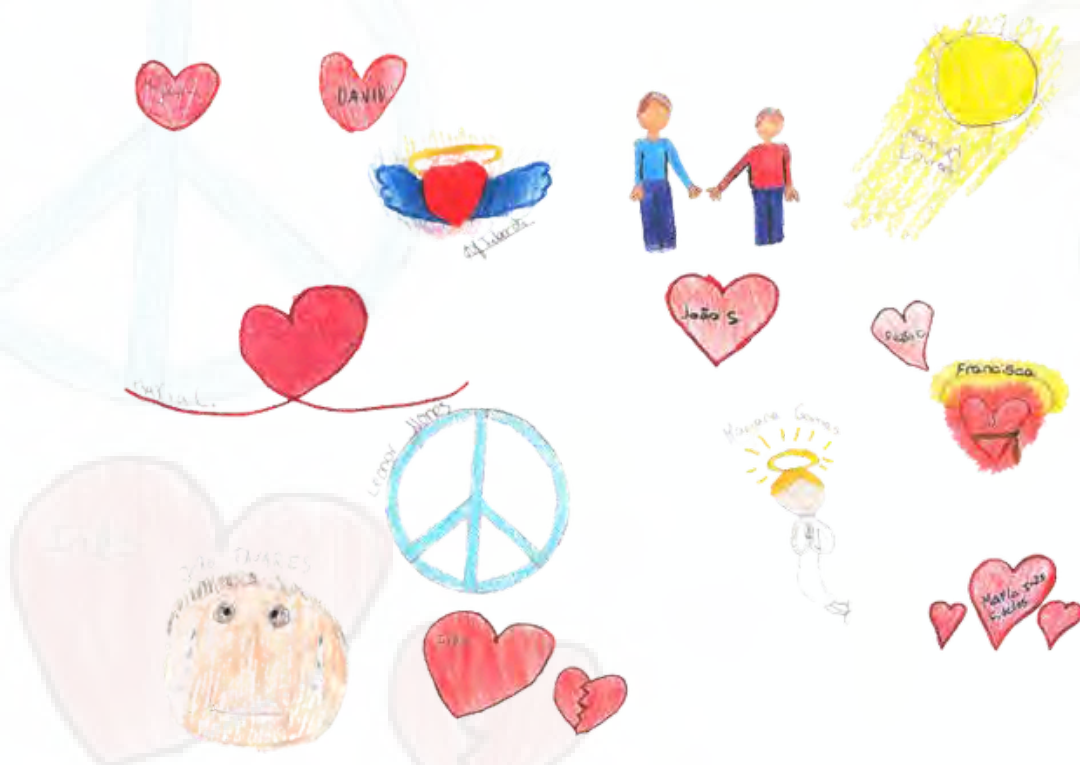
Estas palavras fizeram-nos pensar e reconciliaram os dois colegas.

Então abraçaram-se e disseram em coro:

— Vamos ser melhores amigos.

A partir daí, nunca mais discutiram.

E a D. Josefina ficou recordada como D. Concórdia.



CAPÍTULO XII

COMO S. FRANCISCO EXPERIMENTOU A HUMILDADE DE FREI MASSEU, SEU COMPANHEIRO...

S. Francisco quis humilhar o Frei Masseu para ele crescer em virtude, à frente dos seus companheiros. Para o tornar humilde, disse-lhe que uma vez que tinha o dom de pregar bem, queria que tivesse as tarefas de porteiro, de dar a esmola aos pobres e de cozinheiro. Assim, quando os irmãos estivessem a comer, o Frei iria comer atrás da porta para anunciar a palavra de Deus.

Durante muitos dias o Frei obedeceu e fez tudo o que S. Francisco lhe mandou, mas os companheiros começaram a ter pena dele e a dizer que o Frei Masseu era perfeito demais para fazer aqueles trabalhos sozinho, e foram pedir a S. Francisco para aquelas tarefas serem distribuídas por todos.

S. Francisco ouviu-os, concordou e decidiu repartir aqueles ofícios entre todos.

O Frei Masseu respondeu que todos os trabalhos que S. Francisco lhe dera, ele os teria feito por Deus e com humildade.

Nessa altura S. Francisco viu a caridade dos irmãos e do Frei Masseu e falou sobre a humildade, ensinando que, quanto mais humildes os frades fossem, mais iriam receber de Deus. Acrescentou que ser humilde é mesmo muito importante para agradar a Deus e sem humildade, Deus não aceita as outras virtudes.

Quando acabou de falar, distribuiu as tarefas entre todos com uma grande caridade.

Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

Havia um menino chamado Manuel. O Manuel era muito bom a Matemática, porém gostava muito de jogar no seu tablet, convidando por vezes o seu amigo Francisco para jogarem.

No entanto, o Manuel estava muito viciado nos jogos e, quando os pais o chamavam para comer ou para fazer alguma tarefa, ele nunca respondia à primeira, o que fazia com que fosse um menino mal-educado e desobediente. Quando chegava à cozinha para comer ou ia para junto dos pais para realizar as tarefas, eles ficavam muito chateados, pois o Manuel demorava muito tempo a aparecer por querer estar sempre a jogar.

Já o seu amigo Francisco obedecia sempre aos pais; mesmo que lhe apetecesse muito jogar o seu jogo preferido, ele ia logo. Quando o Francisco ia a casa do Manuel, achava muito estranho que ele não obedecesse aos pais, mas pensava que talvez fosse por ele ali estar e o Manuel querer aproveitar para jogarem juntos.

Certo dia, o Francisco perguntou ao Manuel se ele era sempre assim desobediente com os pais ou se era apenas quando ele lá ia a casa. O Manuel respondeu-lhe que era sempre assim, e o Francisco disse-lhe que os pais deviam ficar muito tristes por ele nunca lhes obedecer. Nesse dia, o Francisco foi para casa a pensar: “O que posso fazer para ajudar o meu amigo Manuel a ser mais obediente?”. Passado algum tempo, o Francisco teve uma ideia: ia criar “desafios de obediência” para o seu amigo. No dia seguinte, falou com o Manuel sobre o que tinha pensado; o Manuel achou que era uma boa ideia e começaram a treinar.

Entretanto, o Manuel começou a aperceber-se de que era o melhor aluno da turma a Matemática e vangloriava-se desse facto.

O Francisco aconselhou-o a ser mais humilde, deixando de se vangloriar e passando a ajudar os colegas que tinham mais dificuldades.

Com tudo isto, o Manuel tornou-se uma pessoa mais humilde e obediente, graças à ajuda do seu amigo Francisco.



CAPÍTULO XIII

EXEMPLO MARAVILHOSO DE POBREZA E HUMILDADE DE S. FRANCISCO...

Um dia, São Francisco viajava com um companheiro. Estava muito frio, e eles caminhavam por um caminho difícil.

Encontraram um homem que lhes ofereceu dinheiro e roupas. Francisco agradeceu, mas recusou:

— Não precisamos disso. A nossa riqueza é confiar em Deus.

O homem ficou espantado e perguntou:

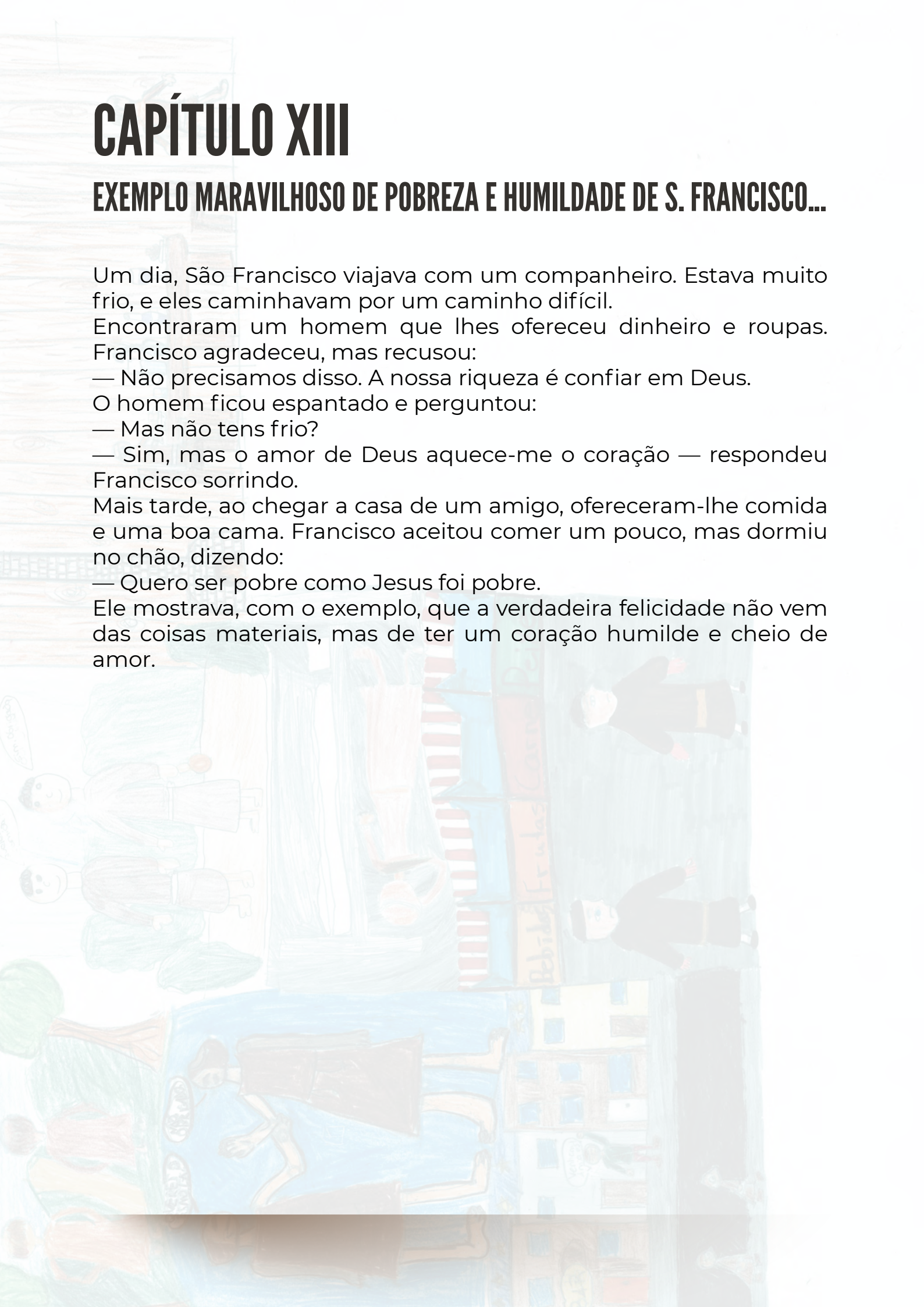
— Mas não tens frio?

— Sim, mas o amor de Deus aquece-me o coração — respondeu Francisco sorrindo.

Mais tarde, ao chegar a casa de um amigo, ofereceram-lhe comida e uma boa cama. Francisco aceitou comer um pouco, mas dormiu no chão, dizendo:

— Quero ser pobre como Jesus foi pobre.

Ele mostrava, com o exemplo, que a verdadeira felicidade não vem das coisas materiais, mas de ter um coração humilde e cheio de amor.



AS NOSSAS FLORINHAS

Era uma vez uma família muito rica: a família Menezes de Almeida. O filho mais novo, o Tiago, era um rapaz que pensava muito nos outros e nas histórias que ouvia sobre Deus.

Os seus pais davam-lhe tudo o que ele queria: a consola mais moderna, ténis de marca e festas de aniversário gigantes. Mas o Tiago começou a sentir-se mal com isso. Ele via que alguns colegas na escola não tinham sequer lanche ou material escolar novo.

Quando fez 10 anos, o Tiago tomou uma decisão. Não fugiu de casa, mas decidiu que ia viver de forma simples, como Jesus. Os pais ficaram espantados quando ele pediu para doar quase todos os seus brinquedos e começou a usar apenas as roupas mais básicas que tinha.

Os pais tentaram convencê-lo: — Tiago, tu podes ter estas coisas, nós trabalhamos para te dar o melhor! Mas o Tiago respondeu calmamente: — Eu não preciso de tudo isto para ser feliz. Quero ver se consigo viver com pouco.

Na escola, os amigos estranharam. No inverno, ele não queria usar o casaco mais caro e fofinho, preferindo um mais antigo. — Mas Tiago, não tens frio? Com tanto dinheiro que o teu pai tem, andas assim? — perguntavam os colegas. — Sim, às vezes tenho um bocadinho de frio — respondia ele com um sorriso. — Mas ajudar quem não tem nada e sentir o coração leve aquece-me muito mais.



CAPÍTULO XIV

COMO CRISTO APARECEU A S. FRANCISCO E AOS SEUS COMPANHEIROS...

Uma vez, no começo da história dos frades franciscanos, São Francisco estava com os seus amigos a falar sobre Jesus. Eles estavam muito felizes e animados.

Então, São Francisco pediu a um dos amigos que falasse sobre Cristo, dizendo o que o Espírito Santo colocava no seu coração. O amigo começou a falar coisas lindas sobre Cristo. Passado algum tempo, São Francisco pediu que ele parasse, e chamou outro amigo para fazer o mesmo. Esse também falou de forma muito sábia e bonita. São Francisco fez o mesmo com um terceiro amigo, e ele também falou coisas maravilhosas sobre os segredos de Cristo.

Foi assim que São Francisco percebeu que os três estavam a ser guiados pelo Espírito Santo — era Cristo quem estava a colocar aquelas palavras na boca deles.

De repente, aconteceu algo incrível: Cristo apareceu no meio deles como um jovem bonito e sorridente. Cristo abençoou-os e naquele momento, eles sentiram uma alegria tão grande, uma paz tão doce, que ficaram em silêncio total, como se tivessem esquecido o mundo.

Quando voltaram a si, São Francisco disse:

— Meus queridos irmãos, vamos agradecer a Cristo! Ele quis mostrar, através de pessoas simples como nós, os tesouros da Sua sabedoria. É Cristo quem dá palavras cheias de sabedoria até mesmo àqueles que não sabem muito.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia eu estava a ver as notícias com a minha família e vi imagens de guerras em lugares como Israel, Gaza, Ucrânia e Rússia. As casas estavam destruídas e havia pessoas com medo, sem comida e sem um lugar seguro para viver. Fiquei a pensar muito nisso.

Depois fui para o meu quarto e olhei à minha volta. Tinha a minha cama quentinha, os meus brinquedos e comida na cozinha. Percebi que, às vezes, eu reclamava de coisas pequenas, como não gostar do jantar ou ter de fazer os trabalhos de casa. Mas naquele momento isso já não parecia importante.

No dia seguinte, acordei e decidi agradecer mais. Agradei à minha mãe pelo pequeno-almoço, ao meu pai por me levar à escola e até aos meus amigos por brincarem comigo. Também pensei nas crianças que vivem em países com guerra e como elas gostariam de ter um dia tranquilo como o meu.

Aprendi que a gratidão é muito importante. Mesmo quando não temos tudo o que queremos, já temos muito. E devemos lembrar-nos disso todos os dias.

Agora, antes de dormir, penso em três coisas boas que aconteceram no meu dia. Assim, sinto-me mais feliz e agradecido por viver num lugar onde há paz e onde posso crescer em segurança.



CAPÍTULO XV

DA MARAVILHOSA REFEIÇÃO QUE S. FRANCISCO FEZ COM SANTA CLARA EM SANTA MARIA DOS ANJOS...

Quando S. Francisco visitava a cidade de Assis, visitava sempre Santa Clara para lhe dar instruções do que devia fazer.

Santa Clara pedia-lhe para que ele comesse uma refeição com ela, contudo, S. Francisco dizia sempre que não. Os companheiros de S. Francisco, ao perceberem que Santa Clara ficava triste, pediram a S. Francisco para repensar a sua atitude.

S. Francisco concordou e preparou essa refeição em Santa Maria dos Anjos, uma vez que Santa Clara já vivia há muito tempo no Convento de S. Damião e iria ter muito gosto em ver de novo o outro Convento, onde tinha iniciado a sua vida de dedicação a Deus.

Chegado o dia do jantar, Santa Clara saiu do Convento de São Damião na companhia de uma irmã e de alguns companheiros de S. Francisco. Quando chegou ao convento de Santa Maria dos Anjos, Santa Clara saudou a Virgem Maria diante do altar e visitou o eremitério.

Chegada a hora de jantar, Santa Clara e São Francisco sentaram-se à mesa, preparada no chão de terra, juntamente com todos os que os acompanhavam.

Enquanto jantavam, S. Francisco começou a falar tanto e tão bem de Deus, que todos se sentiram abençoados, de tal modo que os habitantes da cidade próxima de Assis, acreditaram que viam chamas a consumir o convento e o bosque. Correram para apagar o incêndio, contudo, quando lá chegaram verificaram que não havia incêndio algum. Perceberam rapidamente que o fogo que eles achavam que tinham visto era o calor da Fé de todos os que comiam aquela refeição, era o fogo do divino amor.

Desta forma todos estavam consolados, não só as pessoas que acorreram para apagar o incêndio, como todos os que jantavam.

Terminada a refeição, Santa Clara voltou para o Convento de S. Damião. As irmãs ficaram muito contentes por terem visto Santa Clara regressar, uma vez que receavam que S. Francisco a tivesse mandado para outro convento.

Em louvor de Cristo. Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

Num dia normal de escola, durante o recreio, aconteceu algo na nossa turma que ninguém estava à espera. Uma aluna levou para a escola uma pulseira que a avó lhe tinha oferecido no aniversário. Ela mostrou-a às amigas e todas disseram que era gira. Estava muito feliz! A pulseira tinha um grande valor sentimental para ela. Quando o recreio acabou e voltaram para a sala, ela percebeu que não tinha a pulseira no pulso. Começou a ficar nervosa. Explicou à professora que tinha perdido a pulseira e esta deixou que a turma procurasse pela sala e pelo recreio. Mas não encontraram nada. O ambiente ficou estranho, pois alguns alunos começaram a desconfiar uns dos outros.

Uma colega, que esteve sentada ao lado dela durante o recreio, tinha encontrado a pulseira no chão, perto do banco onde tinham estado. Tinha-a apanhado e guardado no bolso para a entregar depois, mas quando viu toda aquela confusão ficou com medo que pensassem que tinha sido ela a roubar. Então, ficou calada. Sentia o coração a bater depressa e estava muito nervosa.

Entretanto, pensava para si mesma que se deve sempre dizer a verdade, mesmo quando se tem medo. Algum tempo depois, levantou-se, dirigiu-se até junto da professora e disse-lhe que tinha encontrado a pulseira e a tinha guardado para entregar posteriormente. Explicou que teve medo de ser acusada e que por isso não tinha dito anda.

De seguida, entregou a pulseira e a alua ficou muito aliviada e abraçou a colega. A professora elogiou a coragem da Marta e disse que é importante resolver as coisas com calma e respeito. Assim, voltou a haver paz e amizade na turma. No fim, todos aprenderam que a honestidade evita os conflitos, que a paz se constrói a falar com calma, que o amor se concretiza nos pequenos e boas ações do dia-a-dia e que a verdadeira amizade se mostra nos momentos difíceis.



CAPÍTULO XVI

COMO DEUS REVELOU A SANTA CLARA E A FREI SILVESTRE QUE S. FRANCISCO DEVIA IR PREGAR. COMO FUNDOU A ORDEM TERCEIRA, E PREGOU ÀS AVEZINHAS...

S. Francisco sentia dúvidas: deveria passar a vida apenas em oração ou também sair a pregar a palavra de Deus? Para descobrir a vontade divina, pediu a ajuda de duas pessoas muito espirituais: Santa Clara e Frei Silvestre. Ambos rezaram e receberam de Deus a mesma resposta — Francisco devia sair pelo mundo a pregar, pois tinha sido chamado não só para si, mas para a salvação de muitos. Com grande entusiasmo, o santo partiu com Frei Masseu e Frei Ângelo. Durante o caminho, pregou num castelo e até mandou as andorinhas calarem-se para que o povo o pudesse ouvir — e elas obedeceram! Mais tarde, vendo uma multidão de pássaros, Francisco chamou-os de “irmãozinhos” e falou-lhes do amor de Deus. As aves escutaram em silêncio e, no final, abriram as asas e voaram em quatro direções, como sinal de que a mensagem de Cristo devia espalhar-se por todo o mundo. Dessa forma, S. Francisco mostrou que todas as criaturas louvam o Criador e que devemos viver em harmonia com a natureza.





AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia, em casa, a minha irmã mais nova estava muito triste, porque se tinha rasgado um desenho que ele tinha feito. Era um desenho importante para ela, porque tinha posto muito esforço e imaginação nele. Ela chorava e dizia que ninguém ligava ao que ela fazia.

Ao princípio, continuei a fazer o que estava a fazer, mas depois refleti que é importante parar para ouvir. Foi, então, que me sentei ao lado dela e deixei-a exprimir o que sentia. Ela contou-me porque aquele desenho era especial e o que pretendia fazer com ele.

Depois, ficou mais calma. Juntos, pegámos no papel rasgado e colámo-lo com cuidado. O desenho não ficou perfeito, mas ela ficou feliz por eu a ter escutado e ajudado.

Com este acontecimento, aprendi que o respeito não é só dizer “por favor” ou “obrigado”, mas é, também, saber ouvir, compreender e cuidar do que é importante para os outros, tal como São Francisco nos ensina na Florinha.



CAPÍTULO XVII

DUM MENINO QUE DESMAIOU, VENDO S. FRANCISCO A FALAR COM CRISTO...

Um menino muito puro e inocente entrou para a Ordem de São Francisco. Ele gostava muito de São Francisco e queria aprender a ser santo como ele.

São Francisco costumava acordar, durante a noite, para ir rezar em silêncio. O menino queria descobrir o que São Francisco fazia quando se levantava para orar. Então, teve uma ideia, deitou-se ao lado dele e amarrou a sua corda na corda de São Francisco, para assim acordar quando ele se levantasse. São Francisco nem percebeu!

De madrugada, quando todos dormiam, São Francisco levantou-se e viu a corda amarrada, desamarrou-a com cuidado para não acordar o menino, foi para o bosque, entrou numa caverna e começou a rezar.

Pouco tempo depois, o menino acordou e percebeu que a corda estava solta e que São Francisco tinha saído! Ao ver a porta aberta para o bosque, correu.

Quando chegou perto do lugar onde São Francisco rezava, o menino ouviu um som bonito, como um murmúrio de muitas vozes. Aproximou-se e viu uma luz muito forte e linda que envolvia São Francisco.

No meio da luz, o menino viu Jesus, a Virgem Maria, São João Batista, São João Evangelista e uma multidão de anjos. Os Anjos conversavam com São Francisco!

O menino ficou tão emocionado por ver tudo aquilo que desmaiou.

Quando a visão acabou, São Francisco regressou e pelo caminho encontrou o menino caído, como se estivesse morto. Com muito carinho, levou o menino nos braços de volta a casa.

Quando o menino acordou, São Francisco percebeu que ele tinha visto tudo e pediu-lhe para não contar a ninguém o que vira enquanto ele estivesse vivo.

O menino obedeceu. Cresceu e tornou-se Frade. Depois da morte de São Francisco revelou aos outros irmãos o que tinha visto naquela noite maravilhosa.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia na escola, eu e os meus amigos vimos um colega muito triste sentado num canto do recreio. Ele estava sozinho e não brincava com ninguém. Ficámos a pensar no que podia ter acontecido e sentimos vontade de o ajudar.

Durante o resto do dia, não conseguimos parar de pensar nele. Parecia que estava sempre calado e com os olhos no chão. Então decidimos que não podíamos deixá-lo assim. No dia seguinte, convidámo-lo para brincar connosco no recreio.

Ao início, ele ficou um pouco tímido, mas depois começou a sorrir. Brincámos todos juntos e ele parecia muito mais feliz. Aos poucos, começou a falar mais, a rir e a sentir-se parte do grupo.

Com o tempo, tornámo-nos bons amigos. Sempre que ele precisava de ajuda, nós estávamos lá. E quando algum de nós ficava triste, ele também ajudava. Aprendemos que a amizade é muito importante e que ninguém deve ficar sozinho.

Desde esse dia, ele nunca mais ficou triste nem sozinho, nem no recreio, nem na sala de aula, nem em casa. Percebemos que, às vezes, um simples gesto pode fazer uma grande diferença.

E assim, a nossa amizade ficou mais forte, porque ajudámos alguém que precisava e ganhámos um amigo para sempre.



CAPÍTULO XVIII

COMO S. FRANCISCO CELEBROU CAPÍTULO EM ASSIS...

S. Francisco reuniu, uma vez, todos os frades em Santa Maria dos Anjos, em Assis, para um Capítulo Geral, participando mais de cinco mil frades. Entre eles estava S. Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores e um Cardeal que, mais tarde, se tornaria Papa Gregório IX.

O Cardeal ficou maravilhado ao ver tantos frades sentados em grupos, cada um ocupado em oração. Tudo era feito em silêncio, com humildade e modéstia.

Emocionado disse:

– Verdadeiramente, este é o campo e o exército dos cavaleiros de Deus!

As acomodações eram simples, feitas de vimes ou esteiras e as camas eram apenas terra com um pouco de palha. Os travesseiros eram pedras ou pedaços de madeira. Apesar disso, muitos vinham de longe para ver a santidade daqueles homens, inclusive nobres, cavaleiros, cardeais e bispos. Todos vinham principalmente para ver S. Francisco, o líder que os guiava a seguir Jesus.

Durante o Capítulo, S. Francisco pregou com fervor, lembrando a todos as palavras: "Breve é o prazer do mundo, mas eterna é a pena; curta é a dor desta vida, mas infinita é a glória da outra."

Falou da importância de obedecer à Igreja, de viver em caridade, de ser paciente, puro e casto, e de amar a pobreza. Também lhes disse para não se preocuparem com comida ou bebida, mas para se dedicarem inteiramente a orar e a louvar a Deus, confiando que Ele cuidaria de tudo. Todos ficaram felizes com estas palavras.

S. Domingos achou a ordem de S. Francisco muito ousada e não acreditava que tanta gente pudesse ser cuidada sem se preocupar com as coisas do corpo. Mas, de repente, Deus enviou pessoas de cidades próximas com pão, vinho, favas, queijo e outros alimentos para alimentar todos os frades. Até os nobres que tinham vindo por curiosidade ajudaram a servir com humildade.

Vendo isto, S. Domingos reconheceu ter sido injusto com S. Francisco e prometeu também seguir a pobreza na sua Ordem. Durante o Capítulo, alguns frades mostraram que usavam cilícios e correntes de ferro, o que os fazia adoecer e dificultava a oração. S. Francisco mandou que deixassem tudo ali, para que pudessem viver de maneira mais saudável e orar melhor. No fim, todos voltaram para suas províncias, consolados e alegres, seguindo os ensinamentos de S. Francisco sobre como viver bem e sem pecado. À honra de Cristo. Ámen.





AS NOSSAS FLORINHAS

Numa escola tão comum como as outras, os alunos do 8.º ano estão a ter Educação Física. É uma das aulas divertidas de que todos os alunos gostam, pois praticam futebol, um dos muitos desportos de equipa em que todos têm de se ajudar para ganhar. Mas, por esse motivo, o Theo não sente essa animação. Ele foi criado num país em que os desportos praticados eram outros e, quando se mudou para cá, além de muitas mudanças e obstáculos, teve ainda de carregar esta dificuldade. Ele, todas as vezes, olha para os restantes e percebe que é o único que não tem habilidade para este jogo, como se quem tratasse deste dom se tivesse esquecido dele. Isso só lhe retirava a vontade de treinar e praticar.

Quando se formam as equipas, ele é o último a ser escolhido. Mas é aqui que entra o Lourenço que, por algum motivo, sentiu que hoje era um dia para estar atento a este tipo de situações que parecem passar despercebidas. Ele não só percebeu, como decidiu estar atento durante o jogo todo. Assim que acabou a partida, tomou uma decisão simples, mas que ninguém tinha tomado antes.

Foi falar com o Theo e ofereceu-se para o ajudar a melhorar a sua técnica. Assim, passadas umas semanas de muito trabalho e esforço, as dificuldades tinham desaparecido e o Theo mostrava-se confiante e pronto para jogar — um desporto que agora já não lhe causava medo.

Aprendeu uma lição importante: assim como o Lourenço o ajudou, ele também ajudará alguém que precise.

CAPÍTULO XIX

COMO CRISTO APARECEU A S. FRANCISCO QUE ESTAVA DOENTE DOS OLHOS...

Estando S. Francisco muito doente dos olhos, o Cardeal Hugolino, escreveu-lhe para ele vir à sua casa dele em Rieti, onde havia bons médicos dos olhos. Depois de ter recebido uma carta do Cardeal, resolveu partir, passando primeiro por São Damião onde se encontrava S. Clara.

Na noite a seguir, S. Francisco piorou dos olhos, e já não via nada, não conseguindo prosseguir viagem. Pernoitou em S. Damião, mas como tinha dores muito fortes, não conseguia dormir. Pediu a Deus para lhe dar a graça e a virtude de nenhuma doença ou dor o afastar Dele. Ouviu então a voz de Deus que o encorajou a ficar alegre e a aceitar as suas dores. Foi então que S. Francisco decidiu prosseguir a viagem. Antes de partir, tranquilizou S. Clara e partiu para Rieti. Quase a chegar, vieram tantas pessoas ter com S. Francisco que ele não quis entrar na cidade e foi para uma igreja um pouco distante dali.

Sabendo as pessoas da cidade que S. Francisco estava na igreja foram todos vê-lo. Como a multidão era grande, as pessoas destruíram os campos em redor da igreja. O padre queixou-se muito e arrependeu-se de ter recebido S. Francisco na sua igreja. Deus revelou a S. Francisco a preocupação do padre e este quis recompensa-lo, dizendo que se ele deixasse as pessoas se aproximarem de S. Francisco a colheita desse ano seria abundante, superior ao que o padre esperava.

Ao louvor de Cristo. Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia, a minha avó ficou gravemente doente e teve de ser hospitalizada. Fiquei muito triste e bastante preocupado, porque gosto muito dela e tinha receio do que poderia acontecer. Sentia medo e pensava muitas vezes se ela iria melhorar.

Numa noite, senti-me muito triste e sem esperança. Decidi rezar. Pedi a Deus que cuidasse da minha avó, que lhe desse força e que ajudasse a nossa família a viver aquele momento difícil. A rezar, sentia-me mais calmo e com mais confiança, como se não estivesse sozinho.

Continuei a rezar e confiei em Deus. Mesmo sem saber o que ia acontecer, mantive a esperança e procurei dar sempre apoio à minha família. Acreditei que tudo iria correr pelo melhor.

Com o passar do tempo, a minha avó começou a melhorar e, finalmente, regressou a casa. Fiquei muito feliz e agradecido a Deus. Essa experiência ensinou-me que, mesmo quando temos medo ou estamos tristes, devemos ter fé e confiar em Deus.

Tal como São Francisco confiou em Deus no meio do seu sofrimento, também eu aprendi que a fé e a confiança em Deus nos dão força, esperança e coragem para enfrentar os momentos difíceis.



CAPÍTULO XX

DE UM NOVIÇO QUE FOI TENTADO A SAIR DA ORDEM...

Um jovem nobre entrou para a Ordem de S. Francisco, mas logo começou a sentir repulsa pelo hábito que vestia. Achava-o feio, grosseiro e desconfortável. Tentado pelo demónio, decidiu abandonar a vida religiosa. Na noite em que planeava fugir, passou diante do altar e, como era seu costume, ajoelhou-se em sinal de respeito.

Nesse momento, teve uma visão maravilhosa: viu uma procissão de santos, todos vestidos com roupas brilhantes e cheios de luz. Dois deles, mais resplandecentes que os outros, eram S. Francisco e S. António. Os santos explicaram-lhe que aquelas vestes gloriosas lhes tinham sido dadas por Deus como recompensa pela paciência e humildade com que suportaram o hábito rude da Ordem. Encorajaram o jovem a permanecer fiel à sua vocação. Ao acordar da visão, o noviço arrependeu-se, confessou o seu erro e viveu santamente até ao fim dos seus dias.

AS NOSSAS FLORINHAS

Num dia de escola, a Ana acordou muito cansada e sem vontade de fazer nada. Tinha um trabalho de grupo para apresentar e estava com medo de se enganar. Pensou até em dizer que estava doente, porque assim não teria de o apresentar, mas depois lembrou-se de que, para melhorar, é preciso tentar sempre, mesmo quando não temos muita vontade. Então, levantou-se e foi para a escola.

Quando chegou a hora da apresentação, ficou muito nervosa. As suas mãos tremiam um pouco e, no início, enganou-se em algumas palavras, mas continuou a falar. A Ana respirou fundo e tentou explicar o melhor que conseguiu. No fim, a professora disse que ela estava bem preparada e isso deixou-a feliz, porque percebeu que tinha valido a pena não desistir e ser perseverante.

Mais tarde, no intervalo, alguns colegas disseram-lhe que iam copiar partes de um trabalho da internet para o entregar mais rápido. Por um momento, ela pensou em fazer o mesmo, mas depois lembrou-se de que isso não seria a coisa certa. Decidiu fazer o seu próprio trabalho, mesmo que demorasse mais tempo. A Ana sentiu que conseguiu discernir entre o certo e o errado.

Nesse dia, depois das aulas, ela estava a passar pela rua perto de casa e viu a porta de uma igreja aberta. Como estava um ambiente muito calmo e silencioso, entrou por curiosidade. Lá dentro, viu um padre ajoelhado a rezar, muito concentrado. Ficou um pouco surpreendida, porque nunca tinha visto ninguém a rezar assim. Esperou um pouco e, depois, aproximou-se devagar. Quando ele acabou, perguntou-lhe o que estava a fazer. Ele respondeu com um sorriso que estava a falar com Deus e que aquele momento ajudava a pensar melhor nas coisas da vida, a agradecer e também a pedir força quando as coisas são difíceis.

As palavras dele fizeram-na pensar. Às vezes, ela também tem sonhos e objetivos, mas tinha medo de não os conseguir alcançar. Há momentos em que pensa que talvez seja demasiado difícil ou que não é capaz. Mas percebeu que, para alcançar os nossos sonhos, não podemos desistir logo no primeiro obstáculo. Nesse dia, aprendeu duas coisas importantes: a perseverança ajuda-nos a continuar mesmo quando temos medo ou quando algo parece difícil, e o discernimento ajuda-nos a escolher o que é correto fazer. Talvez não seja o caminho mais fácil, mas é o melhor. E, mesmo que demore mais tempo, o importante é continuar a tentar.



CAPÍTULO XXI

COMO S. FRANCISCO ARRANJOU AS PAZES ENTRE O LOBO E OS HABITANTES DA CIDADE DE GÚBIO...

Na cidade de Gúbio, havia um lobo muito grande e perigoso. Esse lobo atacava animais e assustava pessoas. As pessoas tinham medo e ficavam em casa.

São Francisco ouviu falar do lobo e preocupou-se com o povo. Então, ele saiu da cidade com alguns amigos e foi à procura do lobo. Quando o encontrou, São Francisco fez o sinal da cruz e falou ao lobo com muita calma.

—Irmão lobo, eu peço-te para não fazeres mal às pessoas nem aos animais.

O lobo ficou quieto, abriu a boca e aproximou-se de São Francisco de uma forma meiga. Depois levantou uma pata e colocou-a na mão de S. Francisco, como sinal de que não faria mais mal às pessoas e aos animais.

São Francisco disse ao povo.

—Prometem cuidar do lobo, dar-lhe de comer, enquanto ele viver, se ele prometer não atacar ninguém?

O povo respondeu que sim, prometendo alimentar o lobo e cuidar dele. O lobo passou a viver perto das casas e das pessoas, sem atacar ninguém.

As pessoas deixavam comida à porta para o lobo e ele andava tranquilo pelas ruas.

Passados dois anos, o lobo morreu de velhice.

Toda a cidade ficou triste. Ficaram também muito agradecidos a São Francisco, porque ele trouxe paz entre o homem e o animal.

Moral: Devemos tratar os animais com respeito e tentar resolver os problemas com calma e bondade.

AS NOSSAS FLORINHAS

Era uma vez um grupo de crianças que gostava muito de brincar. Mas às vezes havia chatices e até parecia que estavam em guerras, porque ninguém concordava com ninguém. Uns queriam jogar futebol e outros queriam brincar às escondidas, e começavam as lutas de palavras.

Num dia, no recreio, ficaram mesmo zangados e ninguém estava a divertir-se. Alguns ficaram tristes e outros irritados. Então perceberam que assim não era bom e que precisavam de ter paz.

Eles decidiram parar e pensar melhor. Começaram a ouvir-se uns aos outros com mais calma e tentaram perceber o que cada um sentia. Aos poucos, viram que todos queriam brincar e ser felizes.

Depois tiveram uma ideia: podiam brincar a coisas diferentes, mas todos juntos e sem discussões. Primeiro jogaram futebol e depois brincaram às escondidas. Assim, ninguém ficou de fora.

No fim, estavam todos contentes e a rir. Eles aprenderam que a paz é muito importante e que, quando falamos com calma e ouvimos os outros, conseguimos resolver os problemas.

E desde esse dia, tentaram sempre lembrar-se de escolher a paz em vez das guerras e das lutas.



CAPÍTULO XXII

COMO UM JOVEM DEU A S. FRANCISCO UMAS ROLAS, QUE ELE PÔS EM LIBERDADE...

Um jovem tinha algumas pombas e ia vendê-las. O jovem passou por São Francisco e disse-lhe olhando para as pombinhas com ternura:

— Dá-me essas pombinhas, por favor. São inocentes e mansinhas, não as leves para pessoas que as possam magoar.

O jovem ficou comovido e deu-as a São Francisco.

São Francisco fez ninhos para as pombas e cuidou delas. As pombinhas sentiram-se seguras, puseram ovos e criaram os seus filhotes, junto das pessoas do convento.

As pombinhas tornaram-se amigas dos frades, e passavam muito tempo com eles.

O jovem que deu as pombas ficou feliz e mais tarde tornou-se Frei e viveu ajudando os outros.

Moral: Ser bondoso com os animais e com as pessoas é importante. Um pequeno gesto de carinho pode mudar muitas coisas.

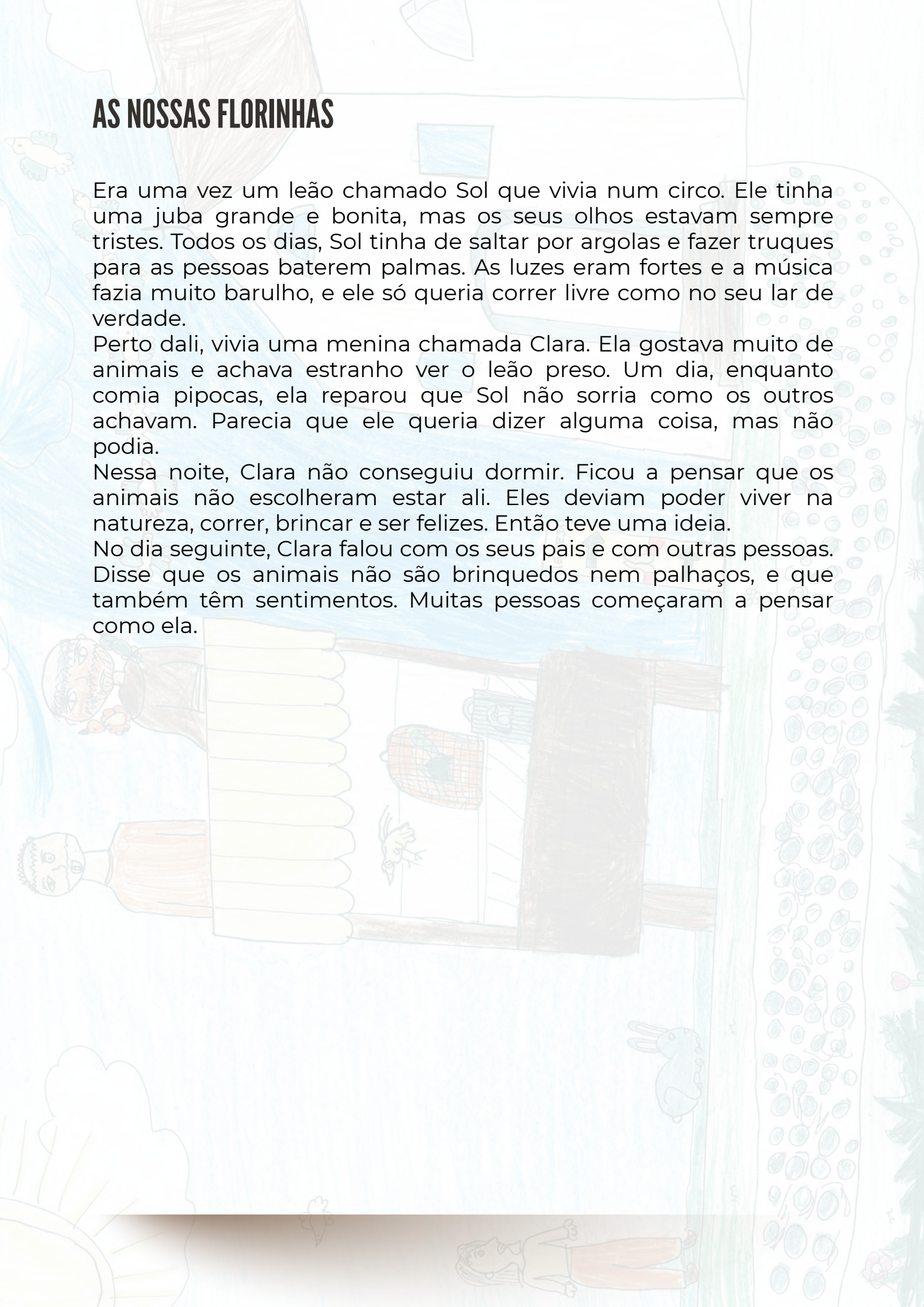
AS NOSSAS FLORINHAS

Era uma vez um leão chamado Sol que vivia num circo. Ele tinha uma juba grande e bonita, mas os seus olhos estavam sempre tristes. Todos os dias, Sol tinha de saltar por argolas e fazer truques para as pessoas baterem palmas. As luzes eram fortes e a música fazia muito barulho, e ele só queria correr livre como no seu lar de verdade.

Perto dali, vivia uma menina chamada Clara. Ela gostava muito de animais e achava estranho ver o leão preso. Um dia, enquanto comia pipocas, ela reparou que Sol não sorria como os outros achavam. Parecia que ele queria dizer alguma coisa, mas não podia.

Nessa noite, Clara não conseguiu dormir. Ficou a pensar que os animais não escolheram estar ali. Eles deviam poder viver na natureza, correr, brincar e ser felizes. Então teve uma ideia.

No dia seguinte, Clara falou com os seus pais e com outras pessoas. Disse que os animais não são brinquedos nem palhaços, e que também têm sentimentos. Muitas pessoas começaram a pensar como ela.



Com o tempo, o circo deixou de ter animais. Sol foi levado para um lugar grande, cheio de árvores e espaço para correr. Quando ele saiu da jaula, deu um salto enorme e correu como o vento. Pela primeira vez, parecia mesmo feliz.

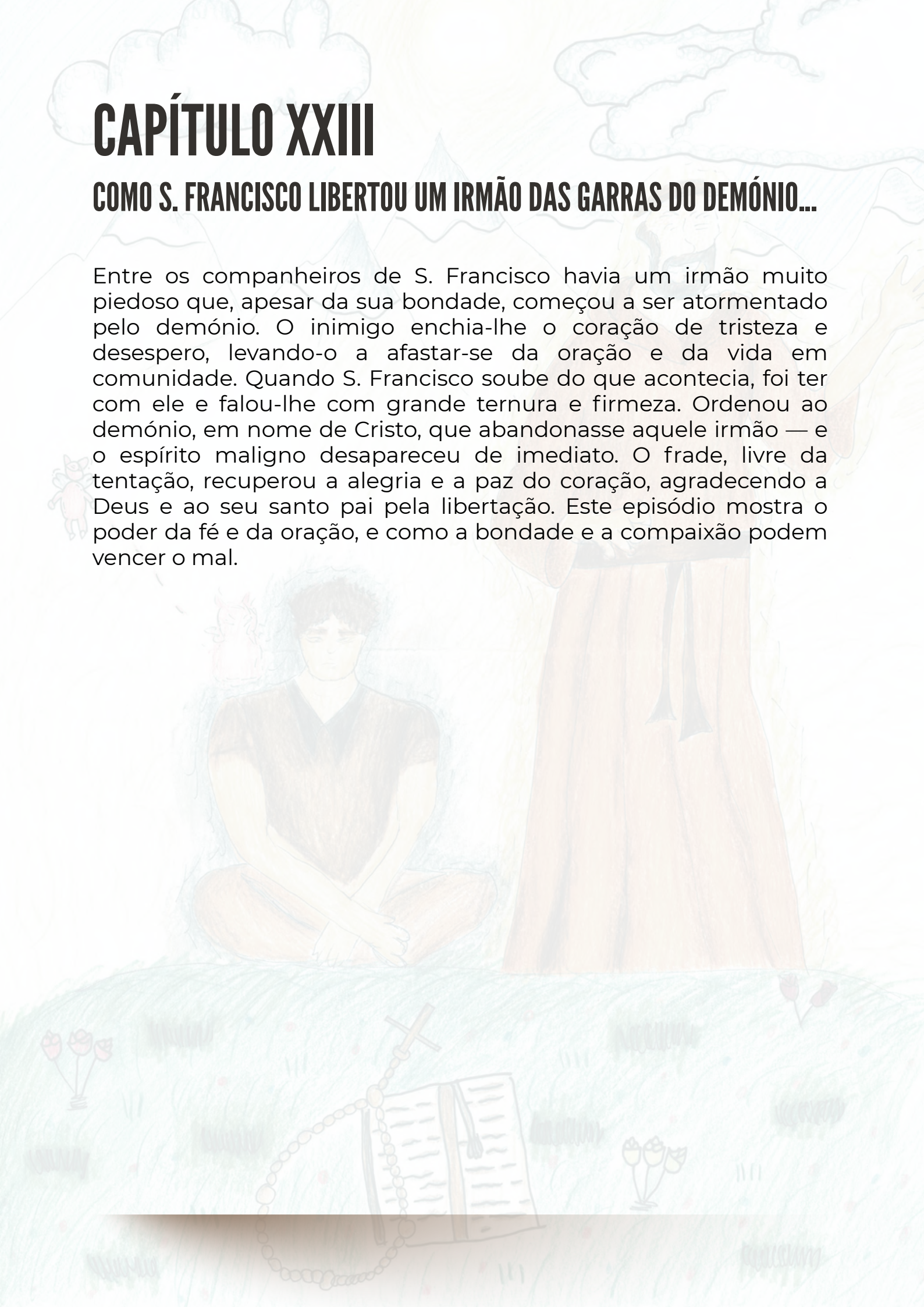
Clara sorriu, porque percebeu uma coisa muito importante: a liberdade é para todos, não só para as pessoas. E quando ajudamos os outros a serem livres, o mundo fica um bocadinho melhor.

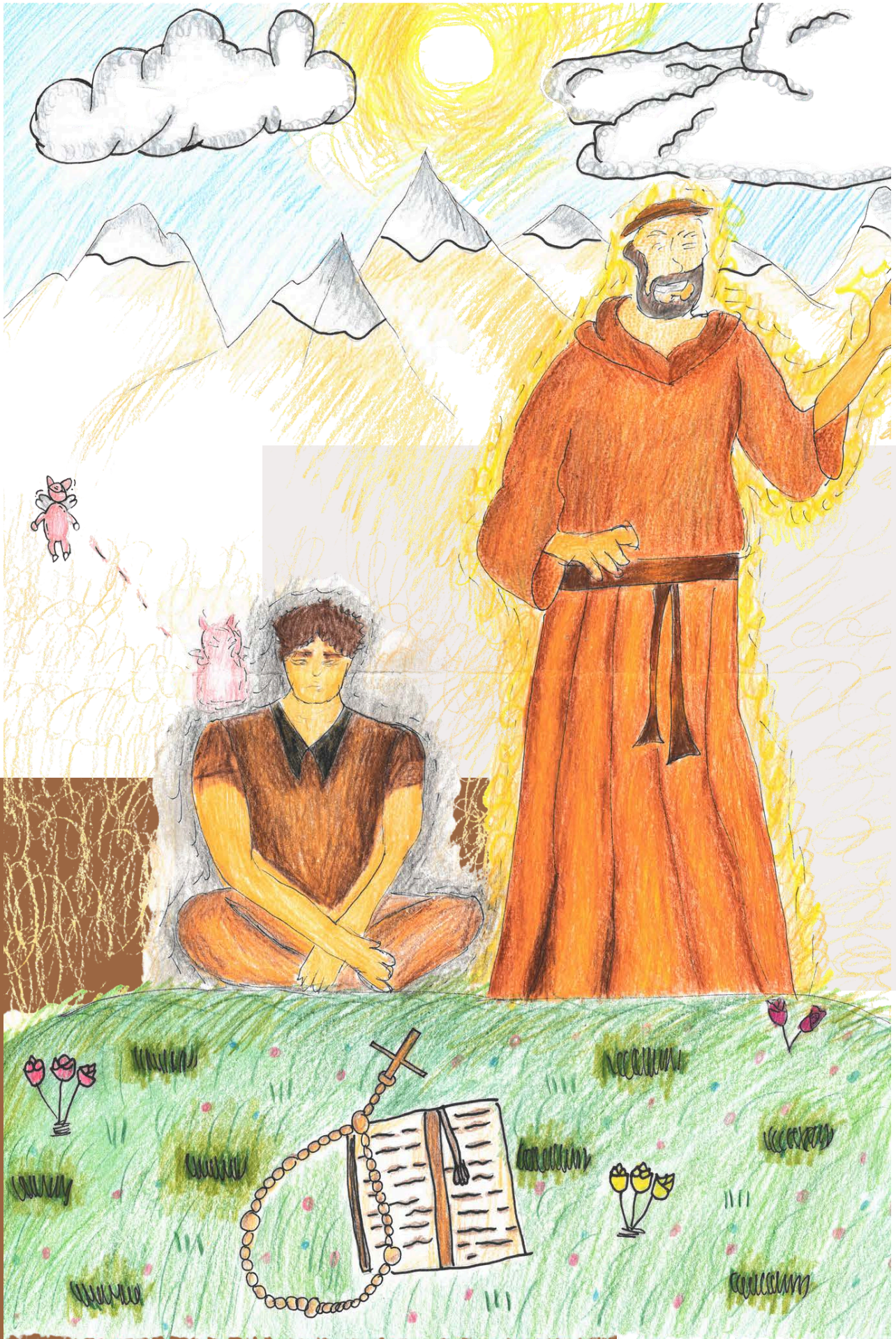


CAPÍTULO XXIII

COMO S. FRANCISCO LIBERTOU UM IRMÃO DAS GARRAS DO DEMÓNIO...

Entre os companheiros de S. Francisco havia um irmão muito piedoso que, apesar da sua bondade, começou a ser atormentado pelo demónio. O inimigo enchia-lhe o coração de tristeza e desespero, levando-o a afastar-se da oração e da vida em comunidade. Quando S. Francisco soube do que acontecia, foi ter com ele e falou-lhe com grande ternura e firmeza. Ordenou ao demónio, em nome de Cristo, que abandonasse aquele irmão — e o espírito maligno desapareceu de imediato. O frade, livre da tentação, recuperou a alegria e a paz do coração, agradecendo a Deus e ao seu santo pai pela libertação. Este episódio mostra o poder da fé e da oração, e como a bondade e a compaixão podem vencer o mal.





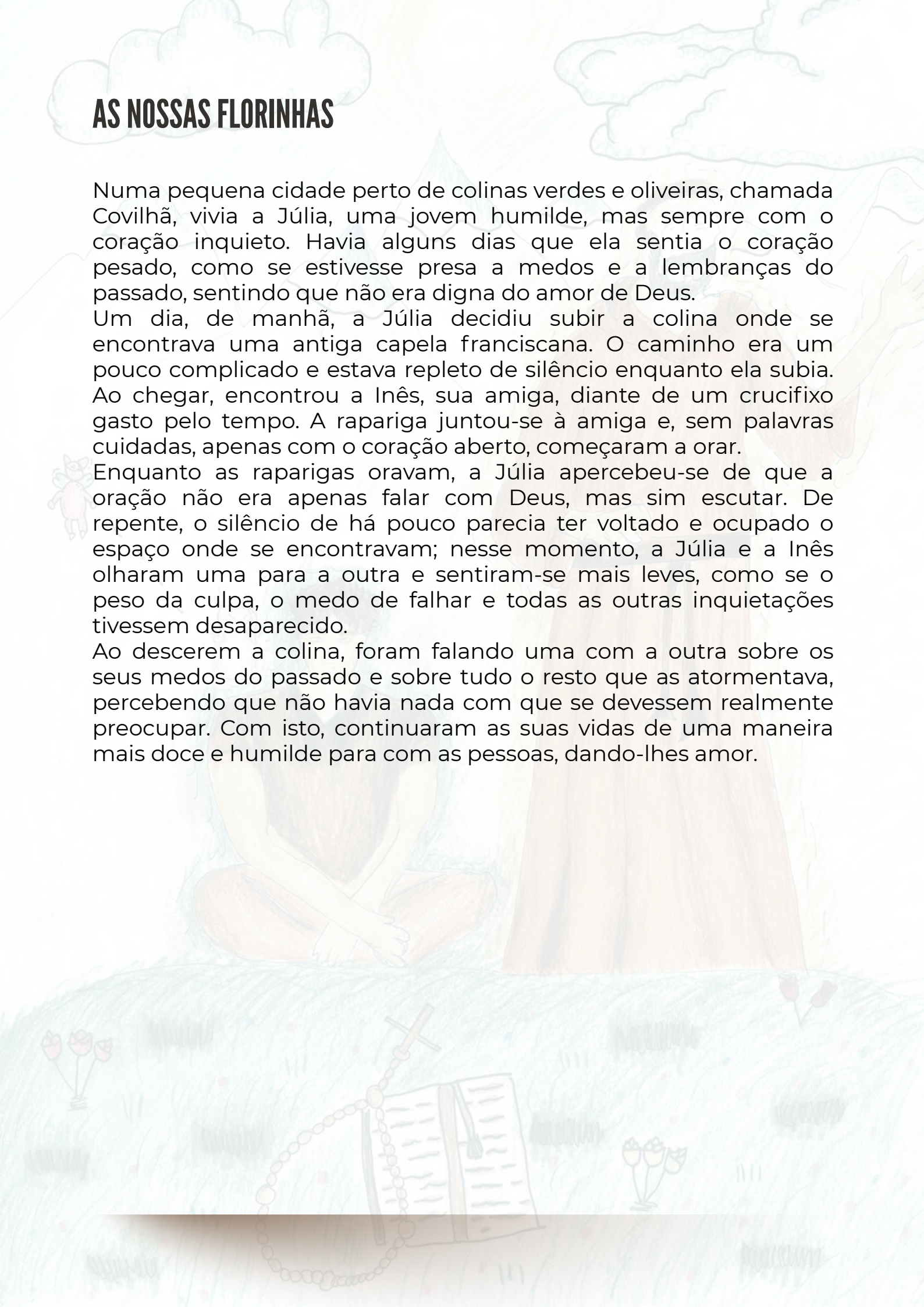
AS NOSSAS FLORINHAS

Numa pequena cidade perto de colinas verdes e oliveiras, chamada Covilhã, vivia a Júlia, uma jovem humilde, mas sempre com o coração inquieto. Havia alguns dias que ela sentia o coração pesado, como se estivesse presa a medos e a lembranças do passado, sentindo que não era digna do amor de Deus.

Um dia, de manhã, a Júlia decidiu subir a colina onde se encontrava uma antiga capela franciscana. O caminho era um pouco complicado e estava repleto de silêncio enquanto ela subia. Ao chegar, encontrou a Inês, sua amiga, diante de um crucifixo gasto pelo tempo. A rapariga juntou-se à amiga e, sem palavras cuidadas, apenas com o coração aberto, começaram a orar.

Enquanto as raparigas oravam, a Júlia apercebeu-se de que a oração não era apenas falar com Deus, mas sim escutar. De repente, o silêncio de há pouco parecia ter voltado e ocupado o espaço onde se encontravam; nesse momento, a Júlia e a Inês olharam uma para a outra e sentiram-se mais leves, como se o peso da culpa, o medo de falhar e todas as outras inquietações tivessem desaparecido.

Ao descerem a colina, foram falando uma com a outra sobre os seus medos do passado e sobre tudo o resto que as atormentava, percebendo que não havia nada com que se devessem realmente preocupar. Com isto, continuaram as suas vidas de uma maneira mais doce e humilde para com as pessoas, dando-lhes amor.



CAPÍTULO XXIV

COMO S. FRANCISCO EMPREENDEU VIAGEM PARA CONVERTER O SULTÃO...

S. Francisco, cheio de amor por Cristo e cheio de desejo de espalhar a fé, atravessou o mar com doze companheiros para ir ter com o Sultão da Babilónia. Quando chegaram a uma terra de sarracenos, encontraram homens cruéis que costumavam matar todos os cristãos que passassem por ali. Mas, pela providência de Deus, S. Francisco e os seus companheiros foram presos e feridos, sem morrer e levados até ao Sultão.

Na presença do Sultão, S. Francisco, inspirado pelo Espírito Santo, pregou com grande devoção sobre a fé em Cristo. O Sultão ficou admirado com a coragem, humildade e pobreza de S. Francisco e passou a ouvi-lo com atenção. Então, concedeu-lhe a si e aos seus companheiros liberdade para pregar onde quisessem, garantindo que ninguém os molestaria.

Assim, S. Francisco enviou os seus frades, dois a dois, a diferentes regiões para pregar a fé. Ele, acompanhado de outro frade, chegou a uma terra onde entrou numa estalagem para descansar. Lá, estava uma mulher muito bonita, mas má de coração, que tentou levá-lo ao pecado. S. Francisco, com grande fé, levou-a a uma câmara com uma fogueira, lançou-se sobre o fogo sem se queimar e convidou-a a deitar-se numa cama quente. A mulher ficou maravilhada com aquele milagre, arrependeu-se e converteu-se totalmente à fé de Cristo, tornando-se tão santa que ajudou muitas pessoas a salvar-se.

Depois de ver que não podia fazer mais nada naquela terra, S. Francisco decidiu voltar com os companheiros à terra dos cristãos. Antes de partir, foram despedir-se do Sultão. Este disse-lhe que gostaria de se converter, mas tinha medo de ser morto se o fizesse e pediu a S. Francisco que o ensinasse a salvar-se. S. Francisco respondeu que, depois da sua morte, enviar-lhe-ia dois dos seus frades, de quem receberia o batismo e seria salvo. O Sultão, por sua vez, prometeu preparar-se para receber a fé.

Alguns anos depois, quando o Sultão adoeceu, aguardou que a promessa de S. Francisco se cumprisse. Dois frades, guiados pelo próprio S. Francisco em espírito, foram ter com o Sultão que ficou muito feliz ao vê-los e recebeu o batismo, salvando a sua alma pelas orações de S. Francisco.

À honra de Cristo. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

No nosso dia a dia podemos ter atitudes que revelam bondade sem ser necessário grandes feitos ou gestos. Dar atenção a outra pessoa, parar e ser empático no quotidiano, sobretudo quando alguém está mais fragilizado, tem o mesmo efeito de um milagre e não exige muito de nós.

Recordo-me de participar numa campanha de solidariedade perante uma catástrofe, cujo objetivo visava ajudar as pessoas que foram afetadas pelas tempestades. Foi um gesto simples de bondade praticada por todos os que ajudaram. Não podemos esquecer que para muitas pessoas, a ajuda é sempre necessária mesmo não havendo catástrofes, provocadas pelas intempéries climáticas.

Dar atenção a alguém, num momento em que precisa, pode valer tanto ou mais do que dinheiro. Recordo-me que há uns tempos o café da nossa rua fechou de um dia para o outro. Como conhecíamos a dona, ficámos preocupados e procurámos saber o que se tinha passado. Foi quando soubemos que ela tinha tido um acidente que a impediu de trabalhar. Perante esta informação perguntámos como podíamos ajudá-la e disponibilizámo-nos para o que fosse necessário.

Ter gestos de bondade para com os nossos amigos, familiares ou conhecidos, pode ser um valor que colocamos em prática diariamente. Mas, o maior desafio para mim é ser bondoso com quem se mostra antipático e, até, mau. Embora seja muito mais difícil para mim, é um objetivo que procuro alcançar. Para isso, eu trago à minha mente o seguinte pensamento: 'Será que o dia correu mal a esta pessoa? Perdeu o emprego? O filho está doente?' E assim torna-se mais fácil manter a empatia e, por vezes, até conseguir fazer o outro sorrir num dia triste.

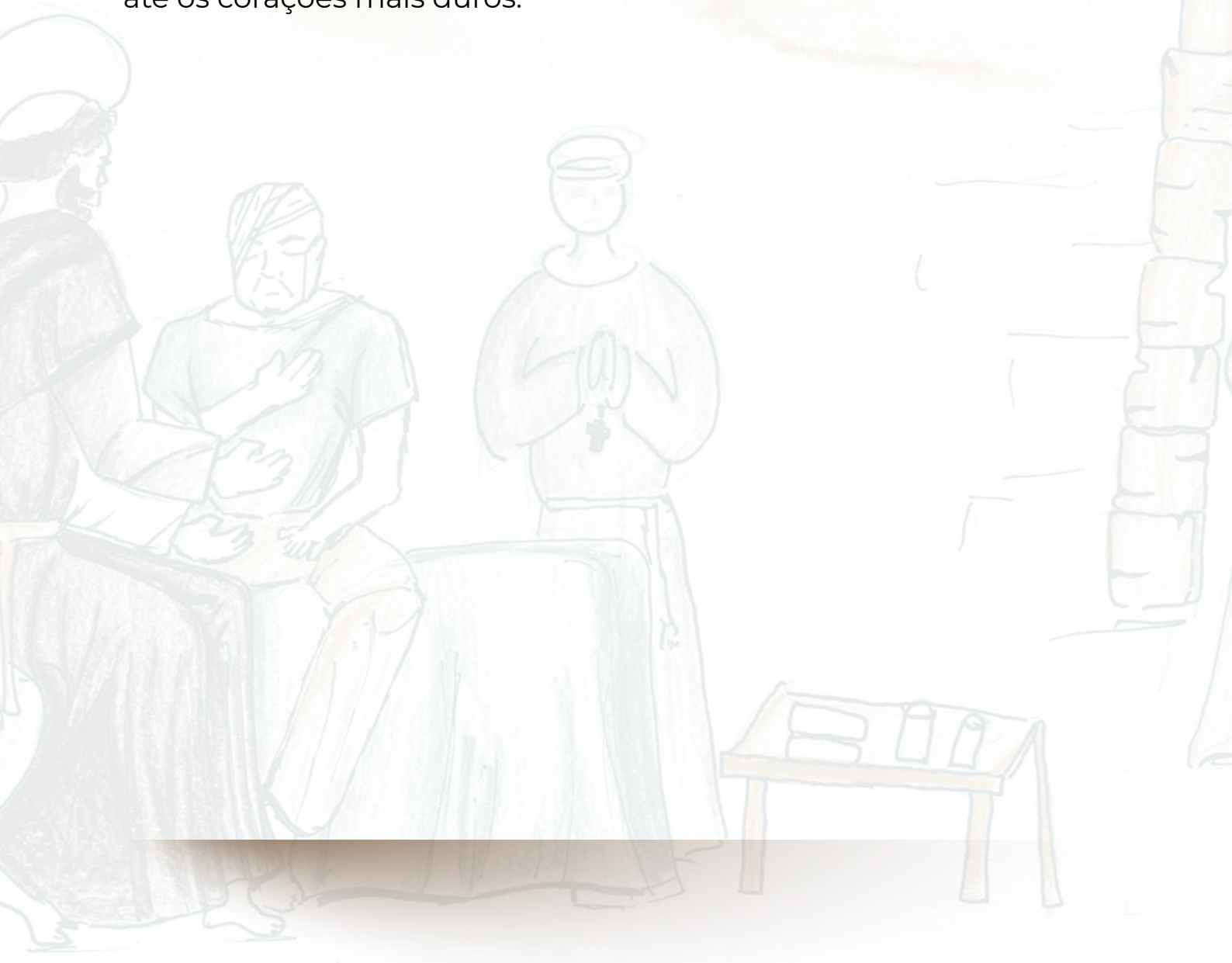
Pensar que a bondade se reduz àqueles atos heroicos que salvam vidas é empobrecedor e pode levar-nos a não dar importância aos pequenos gestos. Ser empático com todos aqueles com quem me cruza, sejam vizinhos, colegas, professores, e também, com aqueles que não conheço, mas que precisam de ajuda, é o que tenho procurado viver no meu dia-a-dia.

CAPÍTULO XXV

COMO S. FRANCISCO SAROU UM LEPROSO DE ALMA E CORPO...

S. Francisco e os seus frades serviam com carinho os leprosos, lembrando-se de que Jesus também sofreu por amor à humanidade. Num hospital, havia um leproso particularmente difícil: era rude, impaciente e até blasfemava contra Deus e a Virgem Maria. Ninguém o conseguia suportar. S. Francisco decidiu cuidar dele pessoalmente. Falou-lhe com doçura e começou a lavá-lo com as próprias mãos.

Milagrosamente, à medida que o santo o tocava, a lepra desaparecia e a carne do homem ficava sã. O leproso chorou arrependido pelos seus pecados, confessou-se e pediu perdão. Assim, S. Francisco curou-o não só no corpo, mas também na alma, mostrando que o amor e a humildade podem transformar até os corações mais duros.



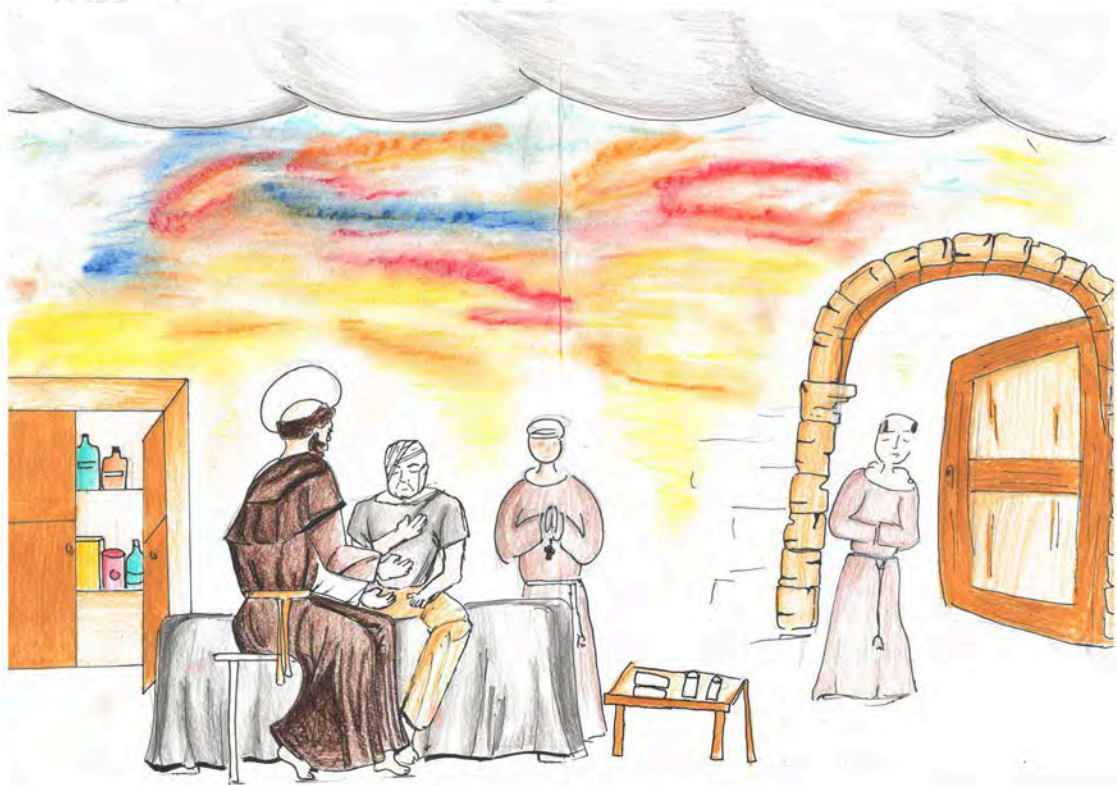
AS NOSSAS FLORINHAS

Fazia já algum tempo, que tinha entrado um aluno novo na turma. Ele era diferente dos outros: mais fechado, às vezes respondia de forma brusca e parecia estar sempre de mau humor. Muitos colegas começaram a evitá-lo e a tecer comentários menos simpáticos. Confesso que, ao início, também preferi manter distância.

Algum tempo depois, comecei a pensar e a refletir que, muitas vezes, as pessoas agem assim porque estão a passar por dificuldades. Foi, então, que eu decidi tentar aproximar-me. Num trabalho de grupo, convidei-o para ficar no meu grupo. De início quase não falava, mas aos poucos e poucos começou a participar. Um dia, contou-nos que tinha mudado de escola por causa de problemas pessoais e que se sentia sozinho. Percebi então que por trás daquela atitude difícil estava alguém magoado.

Com o tempo, foi ficando mais integrado e até mais sorridente. Não aconteceu nenhum milagre como na história de São Francisco, mas houve uma mudança no coração dele — e também no meu.

Aprendi que tratar os outros com paciência e respeito pode fazer a diferença. Tal como São Francisco, acredito que o amor e a humildade têm o poder de transformar pessoas.

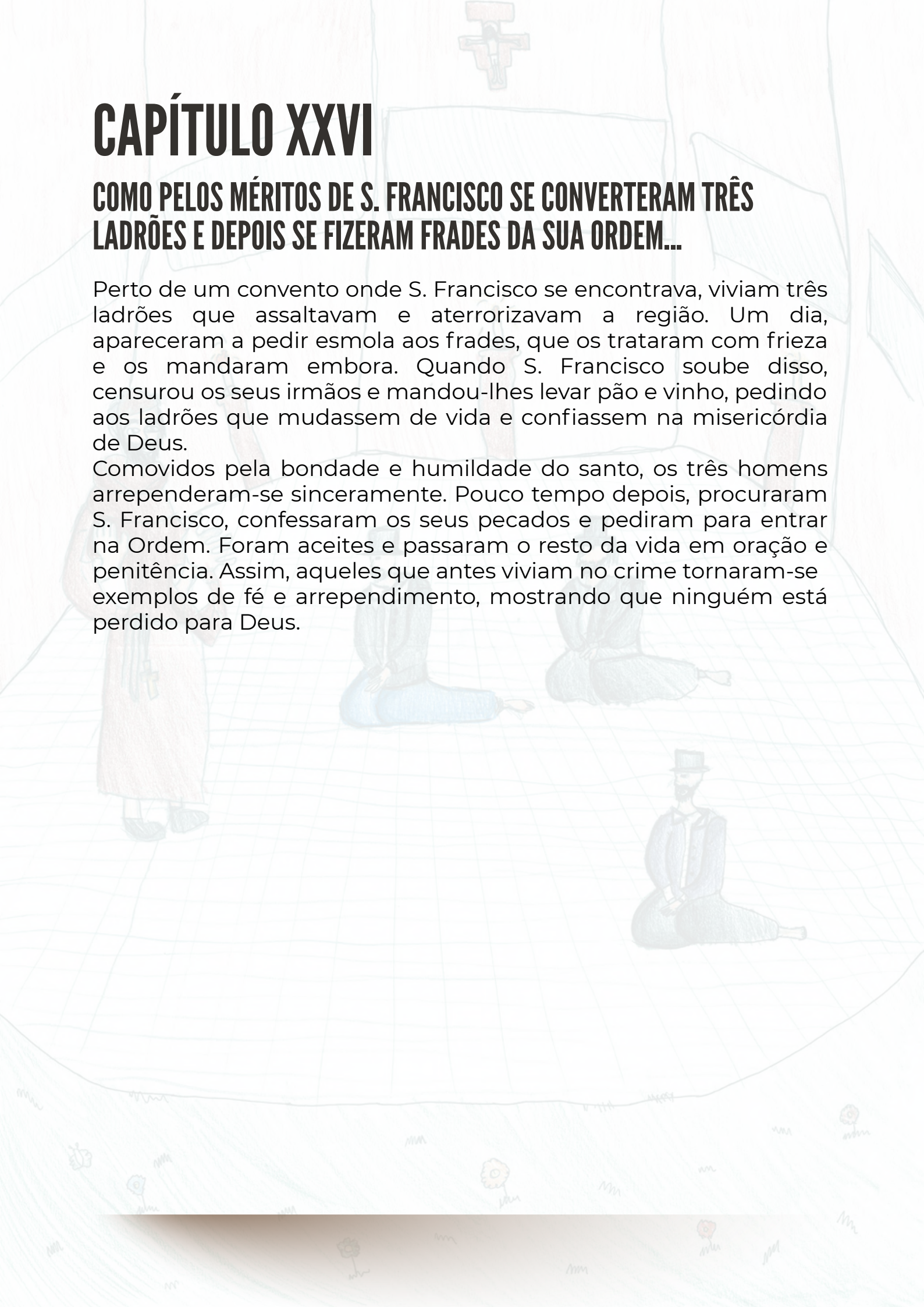


CAPÍTULO XXVI

COMO PELOS MÉRITOS DE S. FRANCISCO SE CONVERTERAM TRÊS LADRÕES E DEPOIS SE FIZERAM FRADES DA SUA ORDEM...

Perto de um convento onde S. Francisco se encontrava, viviam três ladrões que assaltavam e aterrorizavam a região. Um dia, apareceram a pedir esmola aos frades, que os trataram com frieza e os mandaram embora. Quando S. Francisco soube disso, censurou os seus irmãos e mandou-lhes levar pão e vinho, pedindo aos ladrões que mudassem de vida e confiassem na misericórdia de Deus.

Comovidos pela bondade e humildade do santo, os três homens arrependeram-se sinceramente. Pouco tempo depois, procuraram S. Francisco, confessaram os seus pecados e pediram para entrar na Ordem. Foram aceites e passaram o resto da vida em oração e penitência. Assim, aqueles que antes viviam no crime tornaram-se exemplos de fé e arrependimento, mostrando que ninguém está perdido para Deus.





AS NOSSAS FLORINHAS

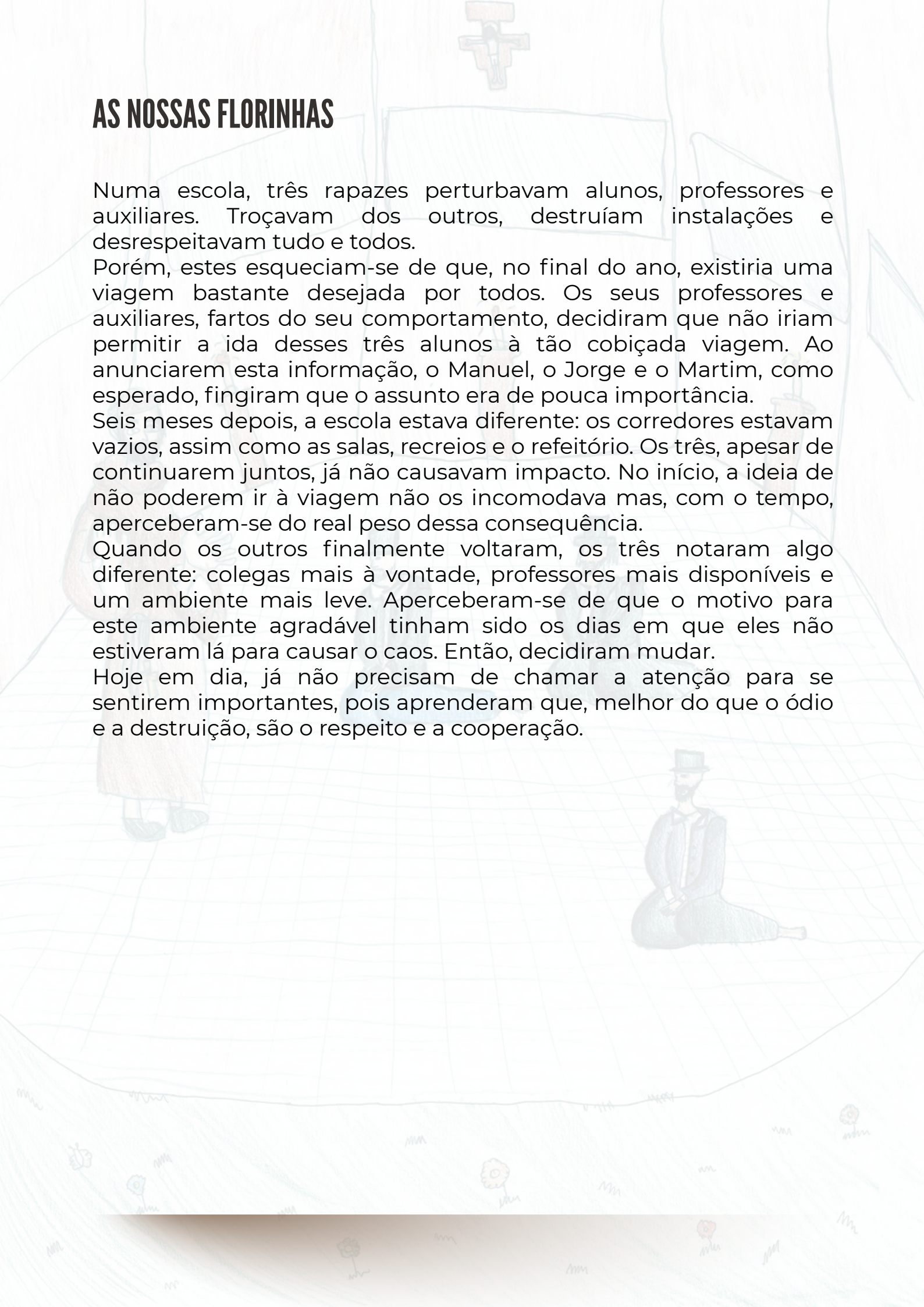
Numa escola, três rapazes perturbavam alunos, professores e auxiliares. Troçavam dos outros, destruíam instalações e desrespeitavam tudo e todos.

Porém, estes esqueciam-se de que, no final do ano, existiria uma viagem bastante desejada por todos. Os seus professores e auxiliares, fartos do seu comportamento, decidiram que não iriam permitir a ida desses três alunos à tão cobiçada viagem. Ao anunciarem esta informação, o Manuel, o Jorge e o Martim, como esperado, fingiram que o assunto era de pouca importância.

Seis meses depois, a escola estava diferente: os corredores estavam vazios, assim como as salas, recreios e o refeitório. Os três, apesar de continuarem juntos, já não causavam impacto. No início, a ideia de não poderem ir à viagem não os incomodava mas, com o tempo, aperceberam-se do real peso dessa consequência.

Quando os outros finalmente voltaram, os três notaram algo diferente: colegas mais à vontade, professores mais disponíveis e um ambiente mais leve. Aperceberam-se de que o motivo para este ambiente agradável tinham sido os dias em que eles não estiveram lá para causar o caos. Então, decidiram mudar.

Hoje em dia, já não precisam de chamar a atenção para se sentirem importantes, pois aprenderam que, melhor do que o ódio e a destruição, são o respeito e a cooperação.



CAPÍTULO XXVII

COMO SÃO FRANCISCO FOI A BOLONHA E CONVERTEU DOIS ESTUDANTES COM A SUA PREGAÇÃO...

São Francisco foi um dia pregar à cidade de Bolonha, onde havia muitos estudantes e doutores. Falou na praça com tanta simplicidade e fé que todos o ouviram com atenção.

Entre a multidão estavam “dois estudantes muito inteligentes”, mas que se riam dele e o achavam um simples pregador. Porém, quando Francisco começou a falar sobre o amor de Deus, sentiram-se tocados e começaram a chorar.

Depois da pregação, foram ter com ele e disseram:

— Queremos seguir-te, porque as tuas palavras fizeram o nosso coração mudar.

Francisco acolheu-os com alegria e ensinou-lhes que ser frade era viver em pobreza, alegria e bondade. Os dois rapazes deixaram os estudos e tornaram-se frades exemplares, ajudando muitos outros a conhecer Deus.

AS NOSSAS FLORINHAS

A Sara tinha dez anos e frequentava a catequese todas as semanas. Desde pequena, aprendeu que Jesus é o Salvador e que nunca abandona ninguém.

Na escola, havia uma colega que parecia estar sempre triste e ficava muitas vezes sozinha durante os intervalos. A Catequista dizia que ela estava a passar por momentos difíceis em casa.

Um dia, a Sara sentiu no coração que devia fazer alguma coisa. Lembrou-se de Jesus e dos ensinamentos que aprendia na catequese. Aproximou-se da colega e começou a conversar com ela. Com palavras simples, falou-lhe de Jesus e disse que Ele ama todas as pessoas e que escuta as nossas orações, mesmo quando somos crianças.

A colega ouviu com atenção e ficou surpreendida. Nos dias seguintes, a Sara continuou a falar-lhe de Jesus e convidou-a para ir à missa. A menina aceitou e começou a ir com mais frequência.

Com o tempo, ficou mais alegre e disse que passou a rezar em casa, sentindo uma paz interior.



CAPÍTULO XXVIII

COMO FREI BERNARDO DE QUINTAVALE ESTEVE ARREBATADO EM ÊXTASE, DESDE MATINAS ATÉ NOA...

Frei Bernardo de Quintavale, um dos primeiros companheiros de S. Francisco, era um homem profundamente devoto. Certa vez, durante a missa, ficou tão concentrado em Deus que entrou em êxtase — permaneceu imóvel, de olhos fixos, desde manhã até à hora de Noa (meio-dia). Quando voltou a si, exclamou que ninguém devia achar difícil suportar sacrifícios nesta vida, pois a recompensa no Céu era infinitamente maior. Frei Bernardo vivia quase sempre em contemplação, com o espírito voltado para Deus, e tornou-se tão sábio e iluminado que até grandes estudiosos o procuravam para esclarecer dúvidas. Passava longos períodos em solidão nas montanhas, orando e meditando.

AS NOSSAS FLORINHAS

Nos dias de teste eu, geralmente, fico nervoso. Por isso, nos dias anteriores, para além de estudar, rezo para ter bons resultados, porque acredito que, se eu me esforçar, Deus ajudar-me-á.

Durante a avaliação, mantenho-me concentrado e dou o meu melhor e, depois desta, repenso nas minhas escolhas, fazendo uma reflexão pessoal e avaliando os meus pontos positivos e negativos em relação ao teste. Quando o recebo, também faço uma reflexão e agradeço a Deus por ter reconhecido o meu esforço, ou peço-lhe perdão por não ter tido os melhores resultados.

Outra situação ocorre durante a noite: antes de ir dormir, fecho os olhos e rezo para que, no dia seguinte, me corra tudo bem. A minha família sempre foi católica, logo, estive sempre ligado à Igreja. Quando era mais pequeno, não gostava muito de ir à missa, mas agora já gosto mais de ir para agradecer por todas as coisas, desde as maiores até às mais pequenas.

Gosto também de contemplar as pequenas coisas. Por exemplo, por vezes, nas aulas, ponho-me a olhar pela janela e contemplo o céu; sinto que, cada vez que olho para lá, fico mais feliz comigo mesmo. Recentemente, acompanhei também um amigo meu à igreja para rezar por um familiar e decidi também rezar e contemplar a igreja; era tão bonita, com as talhas douradas e os quadros, tudo era lindo.

No fundo, percebi que os valores de oração e contemplação me ajudam a ser uma pessoa melhor, tanto na escola como em casa.



CAPÍTULO XXIX

COMO FREI RUFINO, PELOS MÉRITOS DE S.FRANCISCO FOI LIBERTADO DUMA TENTAÇÃO QUE LHE ARMOU O DEMÓNIO...

Frei Rufino era um homem muito importante de Assis e um grande companheiro de São Francisco. Era conhecido por ser muito bom e dedicado a Deus.

Um dia, começou a sofrer muito por causa de uma tentação do demónio. O demónio fazia-o acreditar que ele estava condenado e que nunca seria salvo. Dizia-lhe também que não fazia parte dos escolhidos por Deus e que tudo o que fazia na Ordem não tinha valor.

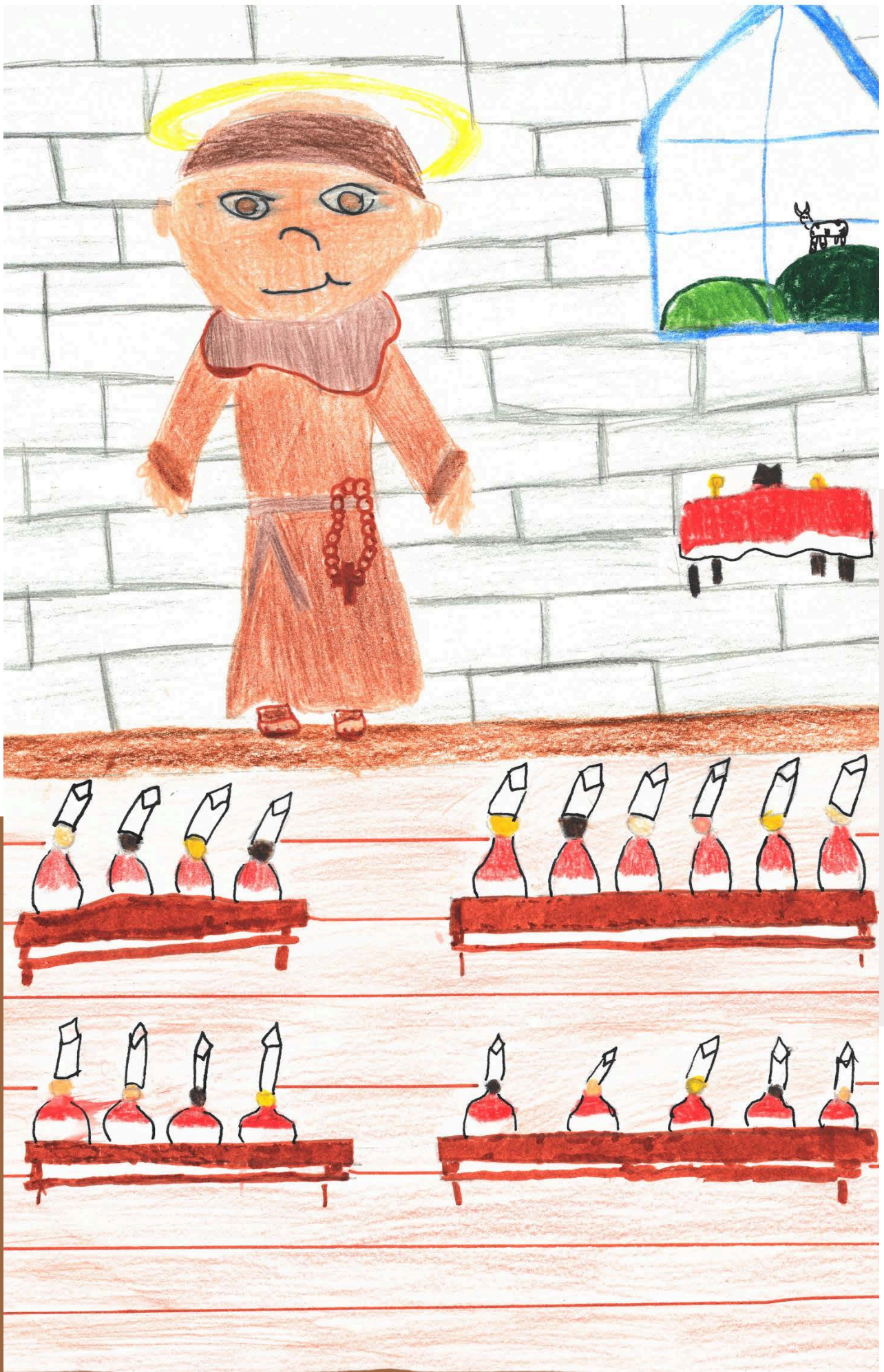
Por causa desses pensamentos, Frei Rufino ficou muito triste e desanimado durante vários dias. Sentia tanta vergonha que não teve coragem de contar o que se passava a São Francisco.

Mesmo assim, continuava a rezar e a pedir ajuda a Deus.

Deus, vendo o sofrimento de Frei Rufino, teve compaixão dele. Graças às orações e aos méritos de São Francisco, Frei Rufino acabou por ser libertado daquela tentação do demónio.

No final, voltou a encontrar paz e alegria no seu coração.





AS NOSSAS FLORINHAS

A Maria era uma rapariga que todos achavam simpática, mas, por dentro, ela estava a passar por uma fase muito complicada. Tal como aconteceu com o Frei Rufino no Capítulo XXIX das “Florinhas de São Francisco”, a Maria começou a ser atacada por pensamentos negativos que lhe roubavam a paz. Ela sofria de uma baixa autoestima profunda, sentindo que não era tão boa como as outras colegas e que nada do que fazia tinha valor.

Estes pensamentos eram como uma "tentação" que a convencia de que ela nunca seria suficiente. Por causa disso, a Maria isolou-se das suas amigas — a Joana, a Mariana e a Leonor. Ela sentia tanta vergonha da forma como se via a si própria que não tinha coragem de pedir ajuda, nem mesmo ao Padre Manuel, o seu guia espiritual. Ela tinha medo que eles confirmassem o que ela sentia: que não tinha importância.

Mas, tal como o Frei Rufino, a Maria não desistiu totalmente. Ela começou a dedicar mais tempo à oração, pedindo a Deus que a ajudasse a ver-se com os olhos d'Ele e não com os olhos da sua insegurança. Foi através deste acompanhamento espiritual e da persistência que as coisas começaram a mudar.

O Padre Manuel, percebendo o seu silêncio, aproximou-se e ajudou-a a entender que a sua autoestima não dependia da opinião dos outros, mas do amor que Deus tinha por ela. Aconselhou-a a partilhar o que estava a sentir com os seus pais. Com este apoio e da psicóloga da escola e o carinho das amigas, que nunca a abandonaram, a Maria percebeu que aqueles pensamentos de inferioridade eram errados.

A paz voltou ao coração da Maria quando ela percebeu que era única e valiosa. Ela conseguiu ultrapassar a baixa autoestima e voltou a conviver com alegria, convidando até a Mariana para partilhar esse novo caminho de fé. No final, o Padre Manuel deu-lhe os parabéns, não apenas por ser uma "boa menina", mas pela coragem de ter vencido a batalha contra a tristeza e de ter aprendido a gostar de si própria.

CAPÍTULO XXX

COMO S. FRANCISCO MANDOU A FREI RUFINO PREGAR, SEM HÁBITO, A ASSIS...

Frei Rufino estava tão concentrado em Deus, que quase não falava com ninguém e não tinha jeito para falar em público. Mesmo assim, S. Francisco disse-lhe que tinha de ir pregar a palavra de Deus ao povo de Assis. Frei Rufino tentou desculpar-se:

– Pai, não me mande, porque não sei pregar e sou muito simples.

Então, S. Francisco respondeu convictamente:

– Pela santa obediência, vais sem hábito, só com roupas simples e pregas ao povo.

Frei Rufino tirou o hábito e foi para Assis. Entrou numa igreja, fez uma reverência e subiu ao púlpito. As pessoas começaram a rir:

«Olhem só! Tanta penitência e parecem uns loucos!»

S. Francisco, vendo a coragem de Rufino e pensando na dureza da sua ordem, disse consigo:

«Como posso ser tão exigente? Vou mostrar eu próprio o que é pregar assim.»

Então, despido do hábito, foi para Assis com Frei Leão, que levava os hábitos dele e de Rufino. O povo riu-se ainda mais, pensando que ambos estavam loucos.

Dentro da igreja, S. Francisco pregou sobre deixar o mundo, fazer penitência, amar Deus e os outros e seguir os mandamentos. Todos choraram de emoção e, naquele dia, nunca se tinham visto tantas lágrimas sobre a Paixão de Cristo em Assis.

Depois, voltaram a vestir os hábitos e regressaram à Porciúncula, felizes por terem dado o exemplo e ajudado o povo a aproximar-se de Deus.



AS NOSSAS FLORINHAS

Há um homem chamado Ricardo, que é bombeiro voluntário numa pequena cidade. Ele gosta de ajudar as pessoas, mas às vezes sente medo, principalmente quando há situações perigosas. Numa noite de inverno, houve um incêndio num prédio antigo. Ricardo e a equipa foram chamados imediatamente. Quando chegaram, o fogo já estava alto e dificultava a entrada pelas escadas. Muitos vizinhos saíram rapidamente, mas Ricardo percebeu que algumas pessoas ainda estavam presas dentro do prédio. Respirou fundo, lembrando-se do que tinha aprendido nos treinos, e decidiu entrar. Subiu as escadas cheias de fumaça e ajudou os moradores a sair. Num dos apartamentos ouviu uma criança a gritar por socorro. O medo assolou, mas ele não hesitou. Pegou na criança e conseguiu levá-la em segurança para fora do prédio. No final, os colegas e vizinhos aplaudiram Ricardo. Ele sentiu-se orgulhoso e aliviado, mas percebeu que coragem não é não sentir medo, mas sim agir apesar dele. Tal como Frei Rufino teve coragem para pregar em Assis, Ricardo mostrou que a coragem é um dom que nos permite enfrentar desafios difíceis. Ele aprendeu que, mesmo com medo, podemos fazer coisas importantes e ajudar outras pessoas.

CAPÍTULO XXXI

COMO S. FRANCISCO, POR DIVINA DISPOSIÇÃO, CONHECIA TODAS AS VIRTUDES E DEFEITOS DE SEUS IRMÃOS...

S. Francisco, assim como Jesus conhece suas ovelhas, conhecia cada um de seus irmãos por inspiração de Deus. Ele sabia tanto as virtudes como os defeitos de cada frade e sabia como ajudá-los a melhorar.

Por exemplo, uma vez ele estava a falar sobre Deus e viu Frei Rufino a passar perto do bosque, enquanto estava em oração. S. Francisco perguntou aos outros frades:

– Quem vocês acham que tem a alma mais santa do mundo?

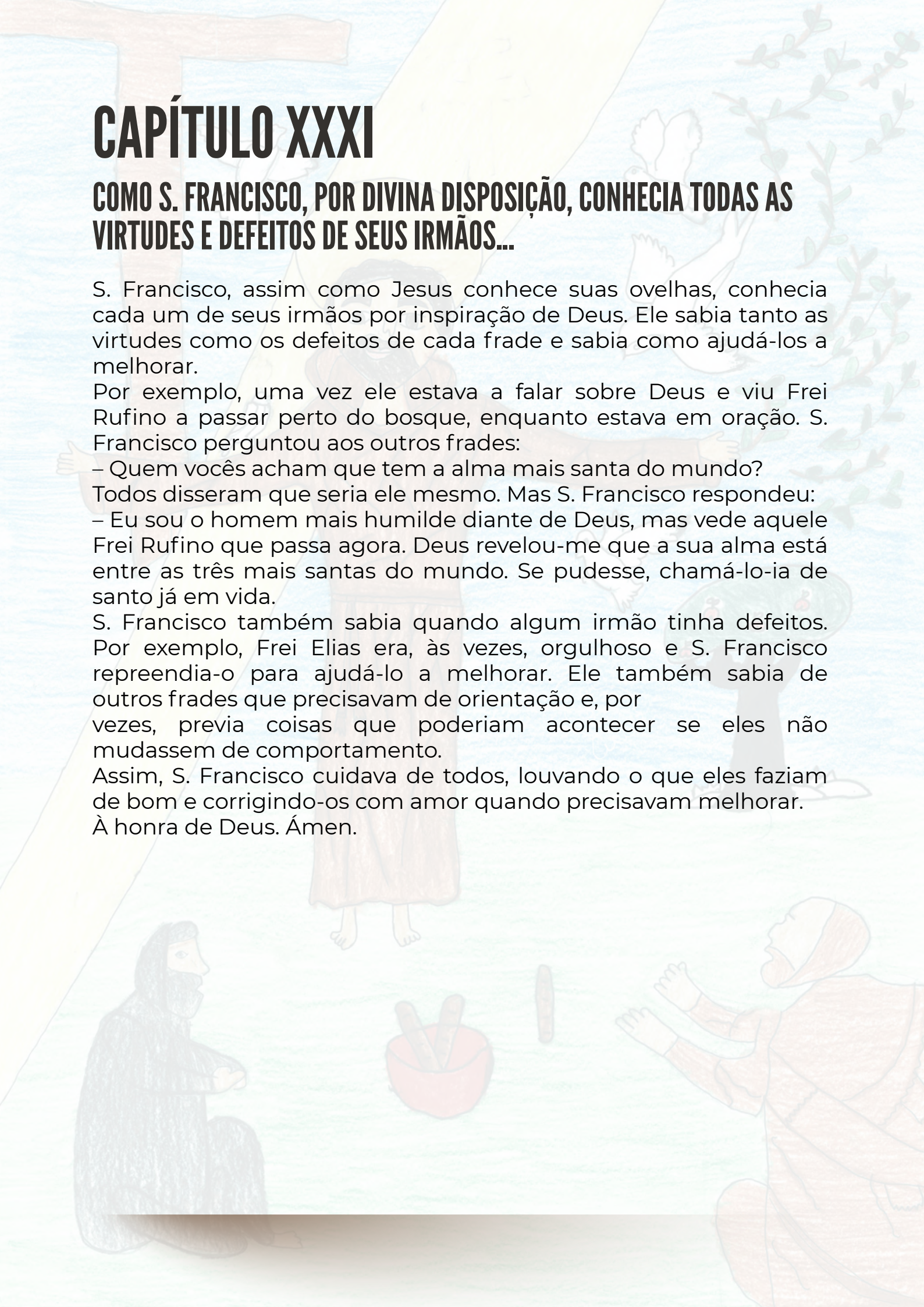
Todos disseram que seria ele mesmo. Mas S. Francisco respondeu:

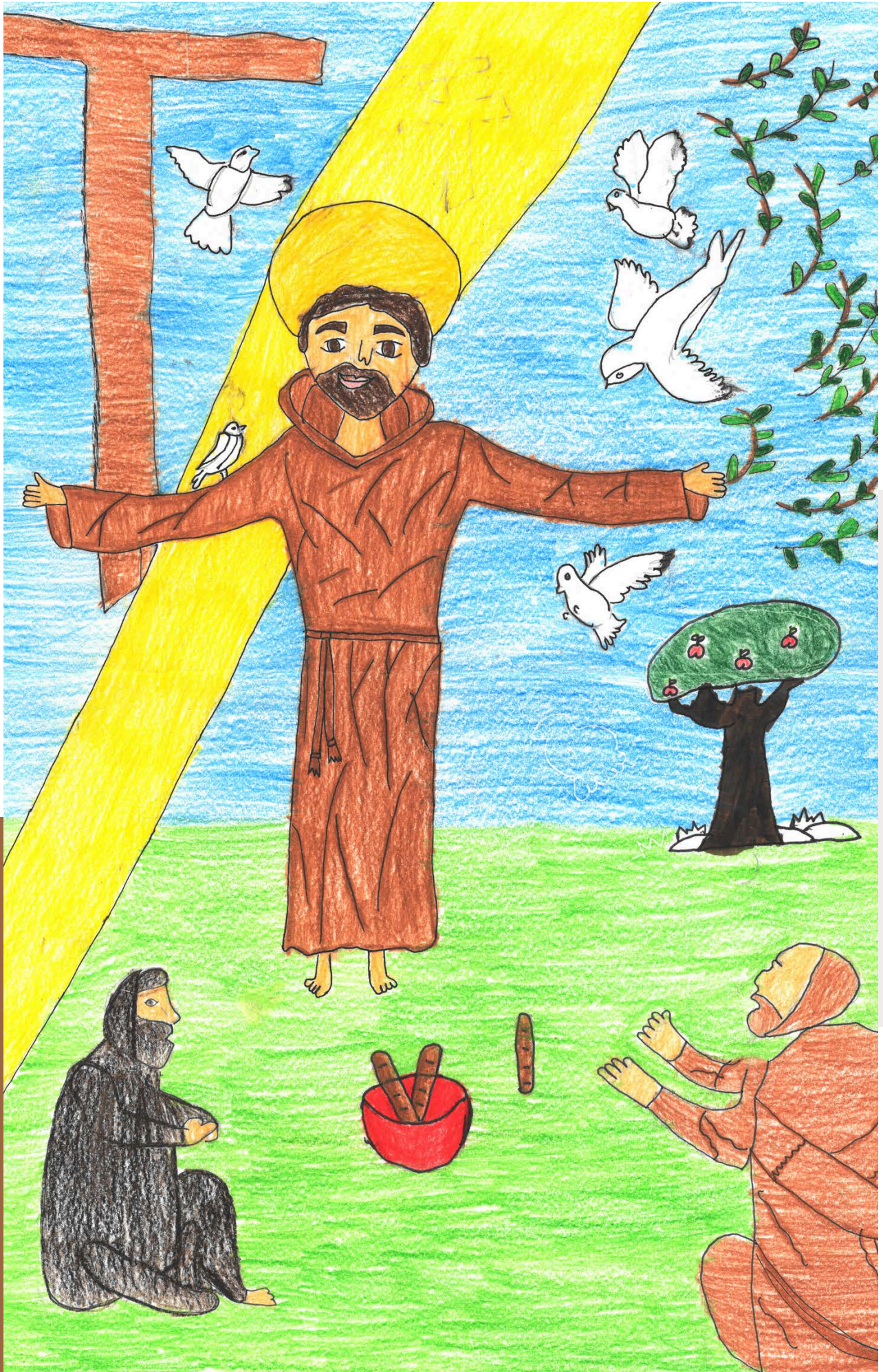
– Eu sou o homem mais humilde diante de Deus, mas vede aquele Frei Rufino que passa agora. Deus revelou-me que a sua alma está entre as três mais santas do mundo. Se pudesse, chamá-lo-ia de santo já em vida.

S. Francisco também sabia quando algum irmão tinha defeitos. Por exemplo, Frei Elias era, às vezes, orgulhoso e S. Francisco repreendia-o para ajudá-lo a melhorar. Ele também sabia de outros frades que precisavam de orientação e, por vezes, previa coisas que poderiam acontecer se eles não mudassem de comportamento.

Assim, S. Francisco cuidava de todos, louvando o que eles faziam de bom e corrigindo-os com amor quando precisavam melhorar.

À honra de Deus. Ámen.





AS NOSSAS FLORINHAS

Chamaram-nos para entrar e foi aquela confusão de sempre nos corredores (principalmente no meu). Eu estava com as minhas amigas, encostada aos cacifos, quando reparei no Miguel. Ele é o rapaz novo na turma e estava sozinho, com um ar de quem queria desaparecer dali.

O André fez logo um comentário em tom de gozo: — Olha ali o extraterrestre. Parece que veio parar ao planeta errado.

Todos começaram a rir. A minha primeira reação também seria rir, para não ficar mal no grupo, mas parei. Lembrei-me do que tínhamos aprendido na aula anterior sobre discernimento. Percebi que não é só uma palavra bonita: é aquela pausa que fazemos antes de agir por instinto. Tive de escolher: ou era covarde como os outros, ou fazia o que estava certo.

— Já venho — disse eu.

Fui ter com ele e comecei a conversar. Quando tocou para entrar, ele veio comigo. Ali percebi o que era a vida comunitária: é não deixar ninguém de fora e acolher quem é diferente.

Mais tarde, quando cheguei a casa, a minha mãe estava cansada do trabalho e a casa estava uma desarrumação. Só me apetecia ir para o quarto e ver o telemóvel, mas parei para pensar outra vez. Podia ser egoísta ou ajudar a minha família. Respirei fundo e fui arrumar a sala. O jantar acabou por ser tranquilo e, ao deitar-me, senti-me mesmo bem. Percebi que estes dois valores são simples e importantes: estarmos atentos aos outros e não pensarmos só em nós.

CAPÍTULO XXXII

COMO FREI MASSEU DESEJAVA A VIRTUDE DA HUMIDADE, E PARA ALCANÇAR QUIS DAR OS OLHOS, ALCANÇANDO-A POR FIM...

Os primeiros companheiros de S. Francisco procuravam ser pobres, humildes e pessoas de bem, para conseguirem chegar às riquezas do espírito.

Uma vez, estavam todos a falar uns com os outros sobre Deus, um deles contou uma história:

Havia um homem que era muito amigo de Deus, humilde e tinha muita virtude. Dizia que, por ser tão humilde, não era um grande pecador.

Frei Masseu ouviu esta história e também ele quis ser muito humilde, e pensou que, até conseguir alcançar toda essa humildade e virtude nunca mais ia ficar alegre.

Então frei Masseu fechou-se na sua cela, fez jejuns e rezou muito a Deus. Continuando com esta ideia na cabeça, Frei Masseu foi para um bosque onde andava a rezar muito, a chorar e a pedir a Deus para lhe dar aquela virtude da humildade.

Certo dia, frei Masseu ouviu uma voz a chamá-lo e percebeu que era a voz de Deus. Deus perguntava-lhe o que é que ele daria em troca de receber esta virtude da humildade. Ao que Frei Masseu respondeu que lhe daria em troca os seus olhos.

Deus, disse então, que lhe dava a virtude da humildade e queria que ele ficasse com os seus olhos na mesma.

A partir desse momento, frei Masseu teve a sua virtude da humildade e passou a andar muito feliz, referindo que não é preciso mudarmos algo, quando está tudo bem.

À honra de Cristo.Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

Nas Florinhas de S. Francisco, aparece o valor da humildade, pois ele mantinha sempre a calma e não se achava melhor do que os outros. Este valor também faz parte da minha vida, e vou dar o exemplo do futebol.

Como jogador de futebol federado, treino quase todos os dias. Por isso, tenho mais experiência do que os meus colegas do externato. Quando jogamos no recreio, há colegas que ainda estão a aprender e nem sempre conseguem ficar com a bola. Às vezes, o jogo fica muito confuso, mas eu procuro não me chatear. Sei que se me chatear não vão querer jogar comigo, e, provavelmente, vão começar a falhar mais, porque irão ficar mais ansiosos por não estarem a conseguir ajudar a equipa. Então, em vez de reclamar, procuro ajudar e explicar algumas coisas simples, e passo a bola para que todos joguem. Não gosto de me “armar em importante” nem de mostrar que sei mais, porque para mim o futebol é para todos se divertirem. Também tenho pessoas que sabem mais do que eu, e têm paciência comigo. Por isso, faço também isso com os outros. É importante que ninguém seja gozado por ainda não saber jogar bem. Quando ajudo os meus colegas, o jogo corre melhor, divertimo-nos e ficamos todos mais felizes.

Quando ajudo os outros em vez de querer mostrar que sou melhor, todos aprendemos mais e o jogo torna-se mais divertido. Um dia serei eu a precisar de ajuda, noutro eu poderei ajudar. A humildade ajuda-nos a sermos mais felizes.



CAPÍTULO XXXIII

COMO SANTA CLARA, POR OBEDIÊNCIA AO PAPA, BENZEU A MESA, E COMO, POR MILAGRE DE DEUS, APARECEU EM CADA PÃO DESENHADA UMA CRUZ...

Santa Clara era muito amiga de Jesus e vivia com outras irmãs num mosteiro.

Ela rezava muito e era tão boa, que até o Papa a ia visitar.

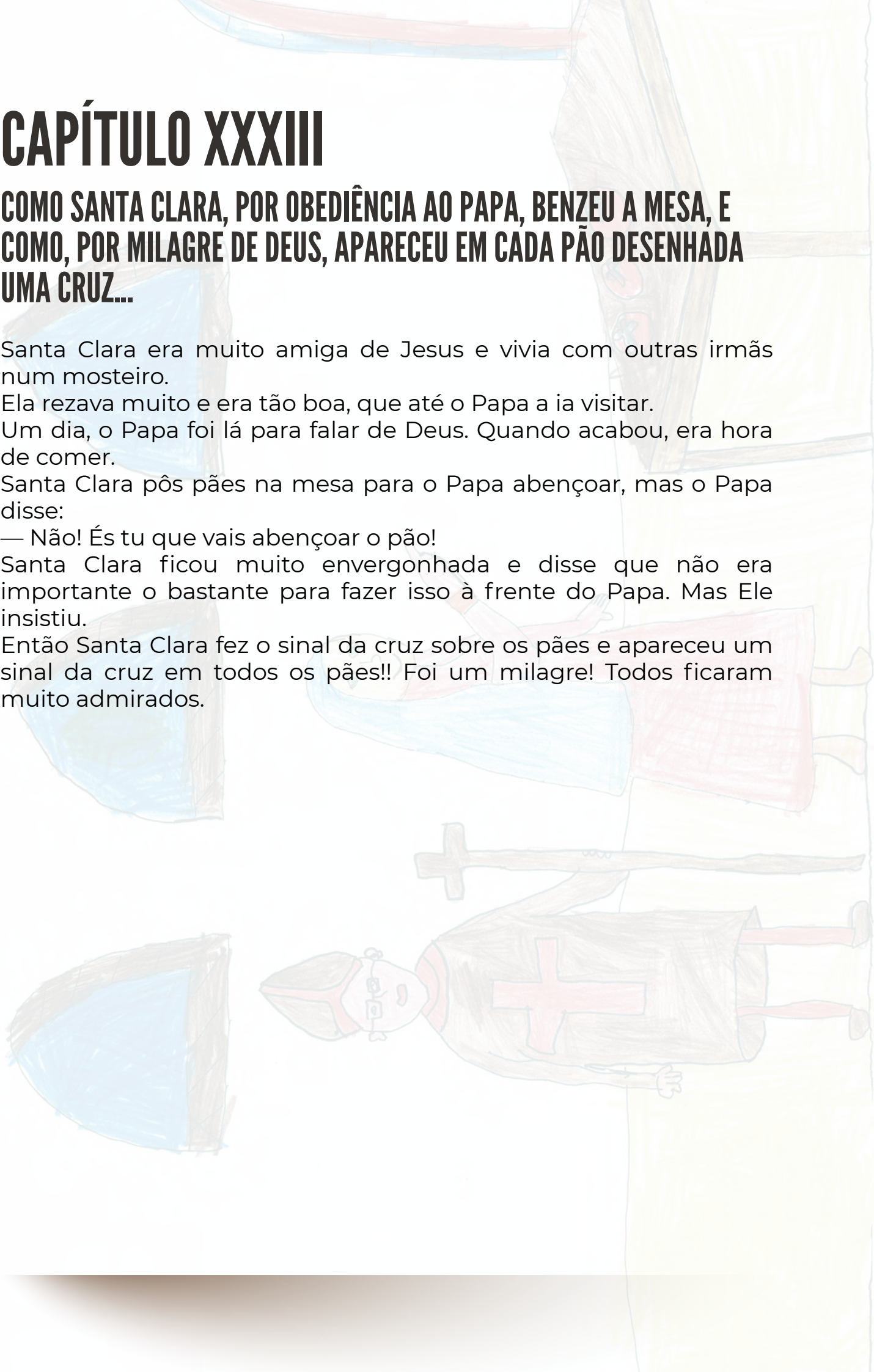
Um dia, o Papa foi lá para falar de Deus. Quando acabou, era hora de comer.

Santa Clara pôs pães na mesa para o Papa abençoar, mas o Papa disse:

— Não! És tu que vais abençoar o pão!

Santa Clara ficou muito envergonhada e disse que não era importante o bastante para fazer isso à frente do Papa. Mas Ele insistiu.

Então Santa Clara fez o sinal da cruz sobre os pães e apareceu um sinal da cruz em todos os pães!! Foi um milagre! Todos ficaram muito admirados.



AS NOSSAS FLORINHAS

Era uma vez um menino chamado João que adorava jogar videogames. Um dia, ele estava muito concentrado a jogar, a tentar passar um nível difícil. Nessa altura, os pais chamaram:

“João, vai tomar banho!”

Mas ele não queria. Pensou: “Só mais um bocadinho... não gosto de tomar banho agora.” E continuou a jogar, sem sair do lugar.

O tempo foi passando e o jogo ficou ainda mais divertido. Mesmo assim, João começou a lembrar-se do que os pais tinham dito. Ele sabia que tomar banho era importante, mesmo não sendo a sua coisa preferida.

Quando finalmente acabou o nível, pousou o comando e ficou a pensar um pouco. “Se eu fizer logo o que os meus pais pedem, depois fico mais descansado... e eles não precisam de repetir”, pensou.

Então, sem ninguém dizer nada outra vez, João levantou-se e foi até à casa de banho. Preparou tudo e tomou o seu banho direitinho.

Quando saiu, sentiu-se leve, limpo e até orgulhoso. Os pais sorriram e disseram que ele tinha feito uma boa escolha.

João percebeu que obedecer não era só fazer o que mandam, mas também pensar no que é certo fazer, mesmo quando não apetece.

E nesse dia, ele aprendeu que, às vezes, parar um jogo pode ser uma vitória ainda maior.



CAPÍTULO XXXIV

COMO S. LUÍS FOI VISITAR EM HÁBITO DE PEREGRINO A FREI GIL, E SEM NUNCA SE TEREM VISTO, SE CONHECERAM MUTUAMENTE, SEM FALAR...

São Luís, rei de França, ouviu falar de um frade muito santo chamado Frei Gil, que tinha sido companheiro de São Francisco.

Um dia, o rei quis conhecê-lo, mas foi disfarçado de peregrino, para que ninguém o reconhecesse.

Quando chegou ao convento, Frei Gil saiu ao seu encontro. Assim que se viram, sem dizer uma palavra, “abraçaram-se com grande alegria” — como se já se conhecessem há muito tempo.

Ficaram assim, em silêncio, cheios da presença de Deus. Depois de algum tempo, Frei Gil disse:

— Seja bem-vindo, irmão peregrino.

E o rei respondeu:

— Deus te abençoe, irmão santo.

Nenhum precisou de mais palavras, porque os seus corações já se tinham entendido. Foi um encontro cheio de paz e amor, e todos os frades que viram aquilo sentiram que estavam a assistir a um verdadeiro milagre de amizade espiritual.

AS NOSSAS FLORINHAS

Certo dia, depois de chegar da escola, estava no meu quarto quando a minha mãe disse:

— Ajudas-me a pôr a mesa?

— Não posso, mãe. Tenho de fazer um trabalho.

Ao acabá-lo, o meu pai, ao sair da sala de estar, perguntou:

— Queres ir dar um passeio ao jardim?

— Não posso. Vou lanchar.

Passaram dias e, assim, só dando valor ao que eu precisava e não ao que os outros necessitavam, fui-me sentindo mais sozinho. Na escola, um amigo meu disse-me:

— Deves ajudar os teus pais. Eles devem estar muito tristes.

Aquilo fez-me sentido. Assim, ao ajudar os outros, fui-me sentindo mais acompanhado e descobri que o amor verdadeiro não vem do que temos.

O amor verdadeiro vem das nossas ações.



CAPÍTULO XXXV

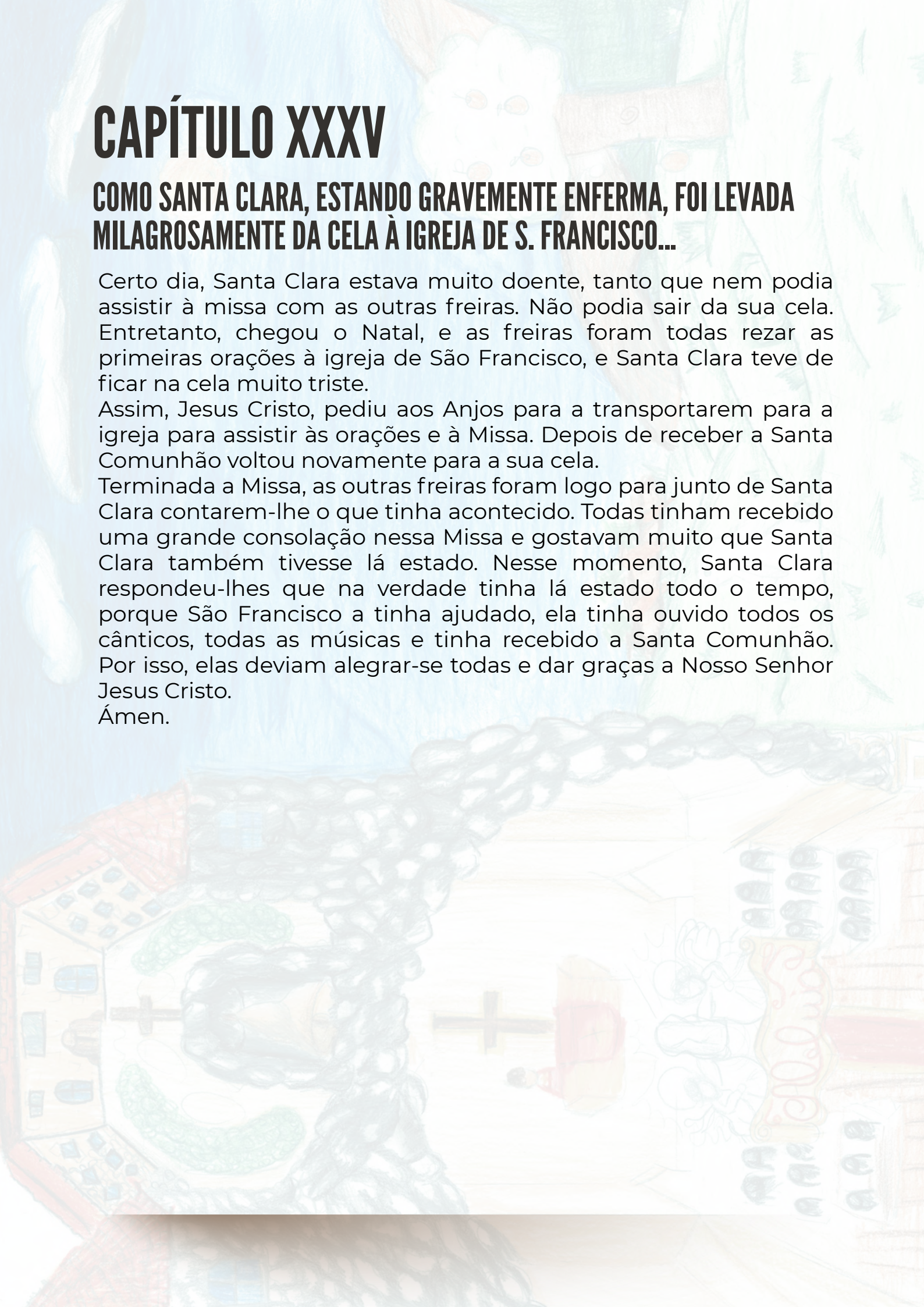
COMO SANTA CLARA, ESTANDO GRAVEMENTE ENFERMA, FOI LEVADA MILAGROSAMENTE DA CELA À IGREJA DE S. FRANCISCO...

Certo dia, Santa Clara estava muito doente, tanto que nem podia assistir à missa com as outras freiras. Não podia sair da sua cela. Entretanto, chegou o Natal, e as freiras foram todas rezar as primeiras orações à igreja de São Francisco, e Santa Clara teve de ficar na cela muito triste.

Assim, Jesus Cristo, pediu aos Anjos para a transportarem para a igreja para assistir às orações e à Missa. Depois de receber a Santa Comunhão voltou novamente para a sua cela.

Terminada a Missa, as outras freiras foram logo para junto de Santa Clara contarem-lhe o que tinha acontecido. Todas tinham recebido uma grande consolação nessa Missa e gostavam muito que Santa Clara também tivesse lá estado. Nesse momento, Santa Clara respondeu-lhes que na verdade tinha lá estado todo o tempo, porque São Francisco a tinha ajudado, ela tinha ouvido todos os cânticos, todas as músicas e tinha recebido a Santa Comunhão. Por isso, elas deviam alegrar-se todas e dar graças a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Com a esperança e a fé na minha vida, aprendo que há sempre algo de bom a esperar, mesmo nos dias difíceis. A esperança ajuda-me a não desistir perante os problemas e a fé dá-me coragem para acreditar que tudo pode melhorar. Ambas me tornam mais forte e feliz, mesmo quando algo corre mal.

Na minha família, estes valores são muito importantes. Às vezes, surgem discussões ou tristezas por pequenos problemas. No entanto, a esperança faz-me acreditar que podemos resolver tudo com paciência e amor, enquanto a fé me ajuda a confiar nos meus pais e na minha irmã. Assim, aprendo a ajudar, a respeitar e a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Na escola, a esperança ensina-me a tentar outra vez quando a matéria é difícil. A fé ajuda-me a acreditar em mim mesma e em Deus, a aprender com os erros e a crescer como aluna. Com estes valores, consigo ser uma boa amiga e mostrar respeito por todos.



CAPÍTULO XXXVI

COMO FREI LEÃO TEVE UMA BELA E ADMIRÁVEL VISÃO E COMO S. FRANCISCO LHE EXPLICOU...

Certo dia, S. Francisco estava muito doente e Frei Leão cuidava dele. Enquanto orava perto de S. Francisco, Frei Leão teve uma visão incrível: foi levado em espírito até a margem de um rio muito grande e com a água a correr.

Viu alguns frades a entrar no rio, carregados com coisas pesadas. A corrente era tão forte que muitos caíram e se afogaram. Uns chegaram só até metade do rio, outros quase até à outra margem, mas todos acabaram por cair na água. Frei Leão ficou muito triste por eles.

De repente, viu outros frades a atravessar o rio sem nenhum peso e sem perigo.

Eles viviam na pobreza e conseguiam atravessar com facilidade e alegria.

Quando voltou à realidade, S. Francisco percebeu que Frei Leão tinha tido uma visão e perguntou-lhe o que tinha visto. Frei Leão contou tudo. Então S. Francisco explicou:

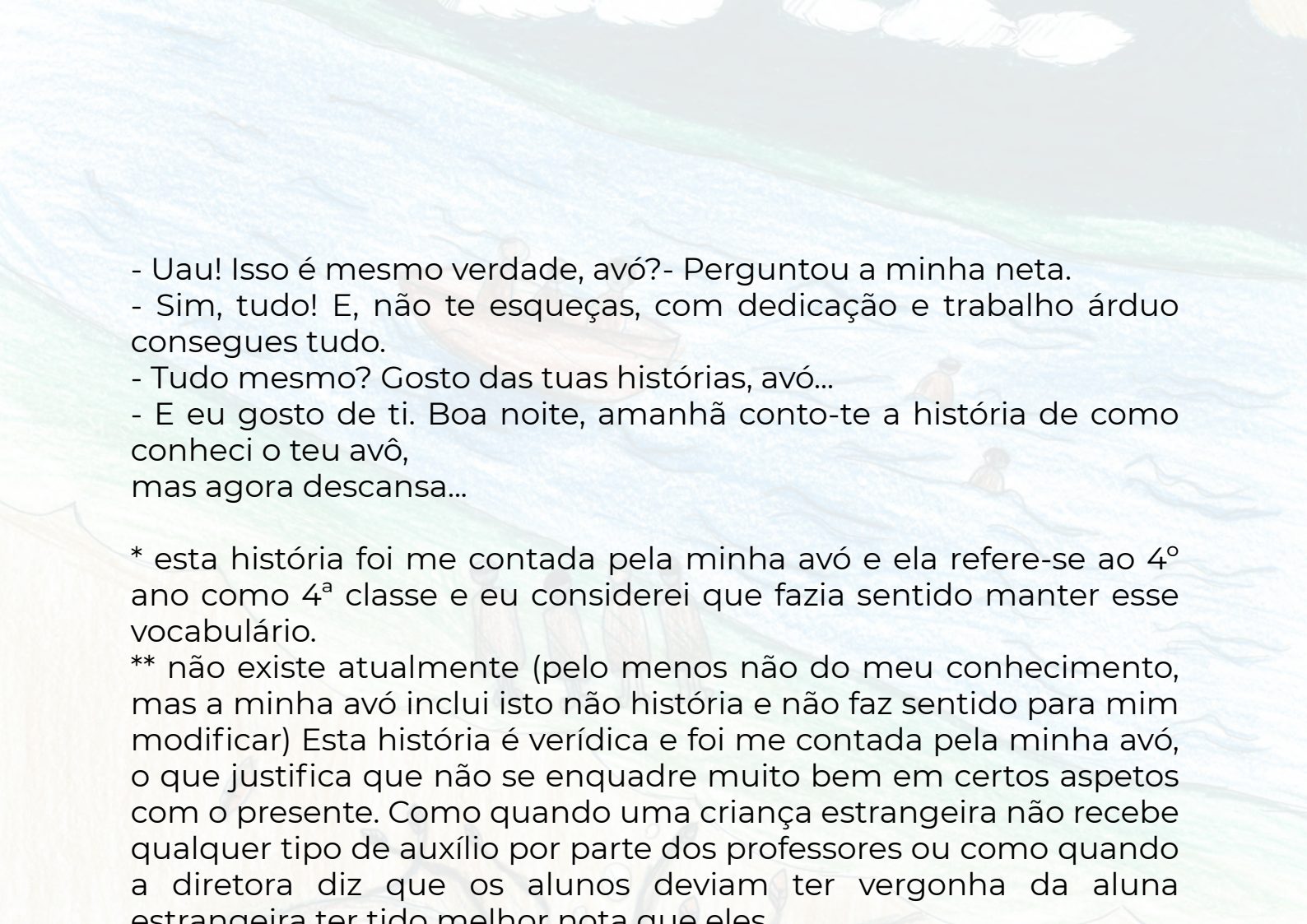
“O rio representa o mundo. Os frades que se afogavam são aqueles que não seguem a vida de pobreza e simplicidade que Cristo pede. Os que atravessaram sem perigo são os que vivem com o necessário, sem se prender a coisas materiais, e seguem Cristo com alegria. Por isso, passam da vida terrena para a vida eterna sem dificuldades.”

E assim tudo aconteceu para a glória de Deus. Ámen.



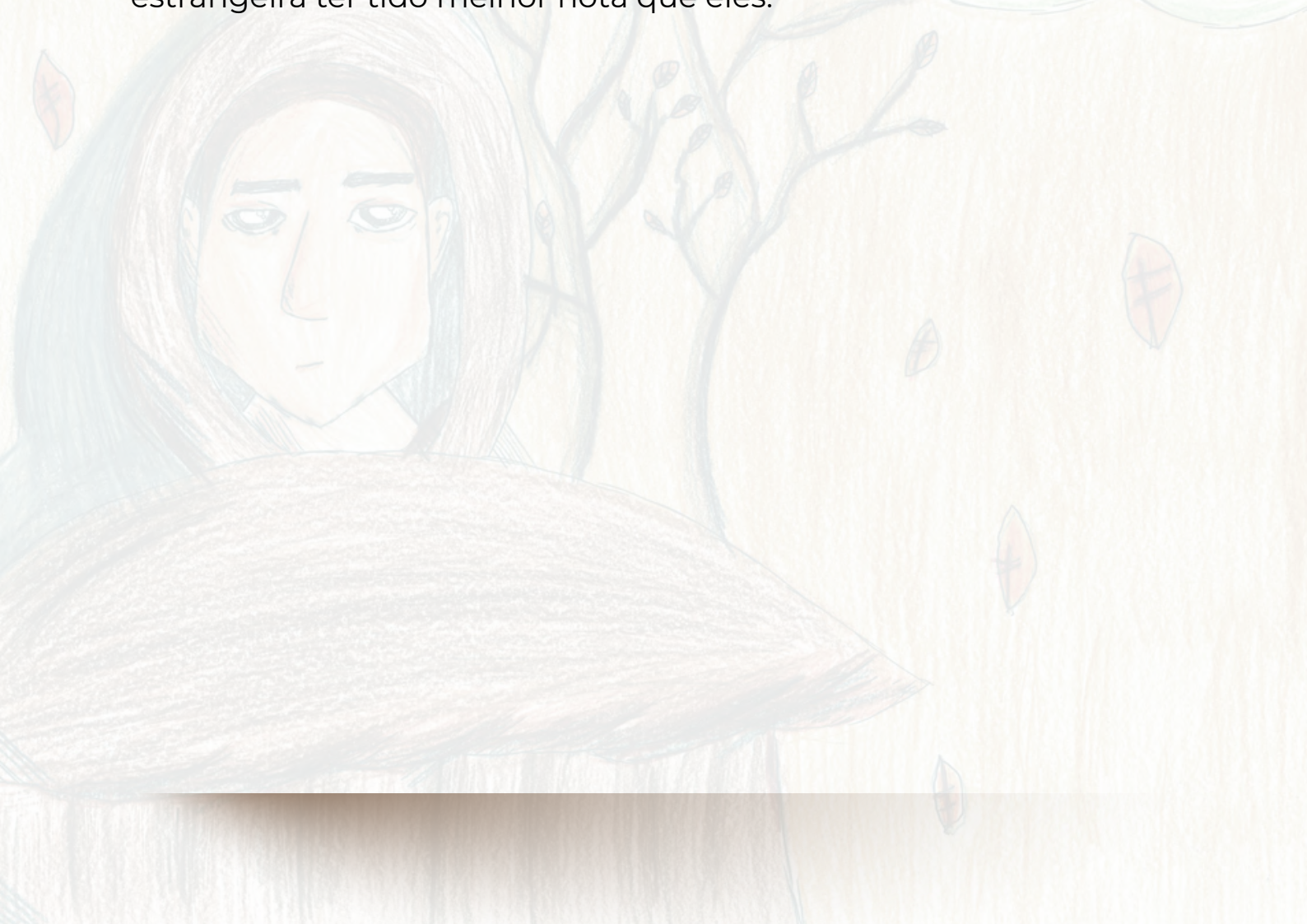
AS NOSSAS FLORINHAS

“Nos meus 12 anos de vida, eu nunca tinha viajado para fora de Portugal. Viver noutro país foi uma grande aventura. Não conhecia ninguém na Bélgica, não falava a língua, contudo, tínhamos melhores condições do que a vida que levávamos na aldeia. Ao fim de algumas semanas chegou a altura de voltar à escola. Apesar de já ter feito a 4ª classe* em Portugal, tive de a repetir, mesmo tendo tido as melhores notas da turma. Cheguei à sala e sentei-me num canto sozinha, sem falar com ninguém (não que o conseguisse fazer de qualquer maneira). Quando cheguei a casa sentia-me desesperada. Não tinha percebido nada daquilo que me tinham ensinado e, além do mais, também ninguém se tinha esforçado para que eu acompanhasse a aula. Foi nesse momento que percebi que se queria que as coisas mudassem teria que ser eu a tomar a iniciativa, pois ninguém iria fazer o trabalho por mim. A partir desse dia, quando chegava a casa estudava horas a fio, recolhendo todo o vocabulário aprendido durante o dia e fazendo resumos da matéria. Na escola ouvia e tirava notas a tudo o que a professora dizia e escutava com toda a atenção as palavras que os meus colegas diziam no recreio. Desta maneira aprendi a falar francês completamente sozinha. Chegou o dia de realizar os exames médicos** e, no fim do dia, tive de ir falar com a professora sobre os resultados. A professora ficou espantada assim que abri a boca. A rapariga estrangeira que não fala com ninguém e não participa na aula aprendeu a falar francês? E ainda por cima sozinha! Estava impressionada. A partir daquele momento, a professora mudou-me para a frente da sala, mesmo defronte à sua mesa, e comecei a participava nas aulas e a falar com os meus colegas. Quando recebemos os resultados dos testes ainda maior foi o espanto da professora. Tinha tido a nota mais alta, apesar de ter chegado ao país sem saber e conhecer a língua! Até a diretora da escola me deu os parabéns, e disse a todos os meus colegas: veem como estrangeira conseguiu ter estas notas? Ela aprendeu sozinha a nossa língua e superou as suas dificuldades ultrapassando a todos no vosso próprio país! Depois desse dia subi para a 5ª classe e terminei o ano com destaque”

- 
- Uau! Isso é mesmo verdade, avó?- Perguntou a minha neta.
 - Sim, tudo! E, não te esqueças, com dedicação e trabalho árduo consegues tudo.
 - Tudo mesmo? Gosto das tuas histórias, avó...
 - E eu gosto de ti. Boa noite, amanhã conto-te a história de como conheci o teu avô, mas agora descansa...

* esta história foi-me contada pela minha avó e ela refere-se ao 4º ano como 4ª classe e eu considerei que fazia sentido manter esse vocabulário.

** não existe atualmente (pelo menos não do meu conhecimento, mas a minha avó inclui isto na história e não faz sentido para mim modificar) Esta história é verdadeira e foi-me contada pela minha avó, o que justifica que não se enquadre muito bem em certos aspetos com o presente. Como quando uma criança estrangeira não recebe qualquer tipo de auxílio por parte dos professores ou como quando a diretora diz que os alunos deviam ter vergonha da aluna estrangeira ter tido melhor nota que eles.



CAPÍTULO XXXVII

COMO S. FRANCISCO, POUSANDO EM CASA DE CERTO CAVALEIRO, POR VER QUE ERA GENEROSO, OROU POR ELE, O QUAL SE FAZ FRADE E FOI PERFEITO...

Um dia, S. Francisco e seu companheiro foram visitar a casa de um cavaleiro muito rico e generoso. O cavaleiro recebeu-os com tanta cortesia e alegria, tratou-os como se fossem anjos, abraçou-os, beijou-os e até lhes lavou e secou os pés.

Preparou uma grande fogueira e uma mesa cheia de bons alimentos e serviu-os com muito prazer.

Depois de comer, o cavaleiro disse a S. Francisco:

– Padre, ponho à vossa disposição a minha pessoa e os meus bens. Tudo o que precisarem, basta pedir e eu darei. Quero usar tudo o que tenho para ajudar os pobres por amor de Deus.

S. Francisco ficou muito admirado com a generosidade e bondade do cavaleiro e disse ao companheiro:

– Este homem seria ótimo para nossa companhia, porque é grato a Deus, gentil e amoroso com os pobres. Deus é generoso e esta generosidade vem de Deus.

Vamos orar para que Ele toque o coração deste homem e o ajude a seguir connosco.

Poucos dias depois, graças à oração de S. Francisco, Deus inspirou o cavaleiro.

Ele sentiu no coração o desejo de deixar o mundo e seguir a vida de fé. Dirigiu-se, então, a S. Francisco e pediu para ser seu companheiro.

S. Francisco ficou muito feliz e agradeceu a Deus por aumentar a Ordem com um homem tão bom. O cavaleiro distribuiu os seus bens aos pobres, entrou na Ordem e passou a viver uma vida de penitência, santidade e pureza.

À honra de Cristo. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Em Pedra Clara, um povoado acolhedor, todos conheciam a Lúcia, uma senhora que acreditava que gestos simples traziam mudanças ao mundo. Diariamente, ela dedicava-se a auxiliar quem necessitava, varrendo o passeio de um vizinho já idoso ou preparando uma sopa para os mais carentes. Para ela, o que parecia insignificante ganhava força quando partilhado com afeto. Muitos ali buscavam renome e reconhecimento, mas a Lúcia sempre recordava um valor crucial: a modéstia. Tal como ensinou Francisco de Assis, a verdadeira virtude reside não em se mostrar superior, mas em valorizar as qualidades alheias e viver com respeito, simplicidade e generosidade.

Num certo inverno, o Rafael, um rapaz da aldeia, notou esses gestos. Ele ansiava por realizar algo grandioso, mas não sabia por onde começar. Certo dia, indagou a Lúcia sobre o que poderia fazer para transformar a sua vida. Ela sorriu e respondeu: — Ajudar o próximo desperta algo em ti. É o princípio de tudo.

Na mesma vila residia o André, um artesão que restaurava instrumentos musicais. Em certa ocasião, uma moça chamada Clara levou-lhe um violino danificado que havia sido do seu avô. Disseram que não valia a pena o reparo, mas o André viu a esperança da jovem. Trabalhou em noites frias, usando a sua perícia e peças próprias. Quando a Clara retornou e tocou a primeira nota, a melodia preencheu a oficina. Comovida, perguntou o preço. André sorriu e disse: — A música que tocarás já é o meu pagamento. Talento não partilhado é tesouro trancado.

Com o tempo, o Rafael entendeu a lição daquelas pessoas: não são os grandes atos que mudam o mundo, mas as pequenas ações feitas com amor. Assim, Pedra Clara tornou-se um lugar melhor, graças à bondade, à humildade e à vontade de ajudar.

CAPÍTULO XXXVIII

COMO FOI REVELADO A S. FRANCISCO QUE FREI ELIAS IRIA APOSTATAR E MORRER FORA DA ORDEM; E COMO S. FRANCISCO OROU POR ELE E FICOU SALVO...

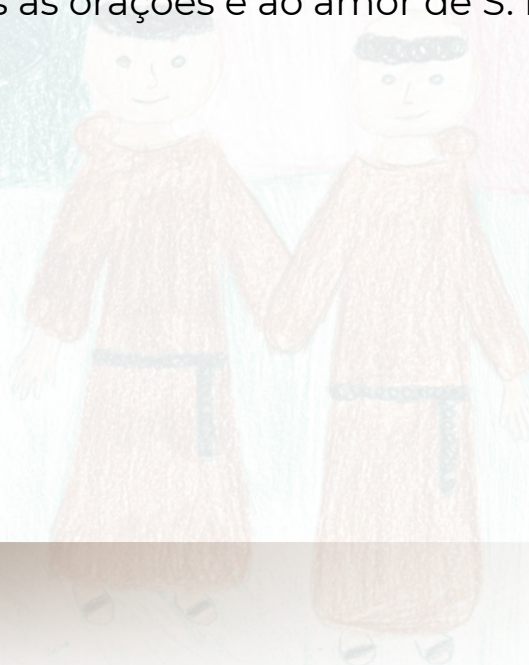
Um dia, S. Francisco estava num eremitério com frei Elias, quando Deus lhe revelou que frei Elias ia abandonar a Ordem e morrer fora dela. Por causa dessa revelação, S. Francisco ficou muito preocupado e até evitava falar com frei Elias. Sempre que podia, mudava de caminho para não encontrá-lo.

Frei Elias percebeu que algo estava errado e foi ter com S. Francisco para saber a razão. O Santo explicou-lhe que Deus lhe tinha mostrado a sua futura queda e condenação. Frei Elias, cheio de humildade e lágrimas, pediu então que S. Francisco não o rejeitasse, mas que orasse por ele, acreditando que Deus poderia mudar o seu destino se ele se emendasse.

S. Francisco orou por frei Elias com grande devoção e recebeu de Deus a confirmação de que a sua alma não se perderia, embora ele realmente viesse a deixar a Ordem e a morrer fora dela. De facto, frei Elias revoltou-se contra a Igreja e acabou excomungado pelo Papa, sendo privado do hábito da Ordem.

Quando frei Elias adoeceu gravemente, um irmão frade, que permanecera fiel à Ordem, foi visitá-lo e ofereceu-se para ajudá-lo. Frei Elias pediu que fosse ao Papa, pelo amor de Deus e de S. Francisco, para conseguir a sua absolvição e a restituição do hábito da Ordem. O Papa aceitou e, quando o irmão voltou junto de frei Elias, conseguiu absolvê-lo e devolver-lhe o hábito.

Pouco depois, frei Elias morreu, mas a sua alma foi salva pela misericórdia de Deus, graças às orações e ao amor de S. Francisco. À honra de Deus. Ámen.





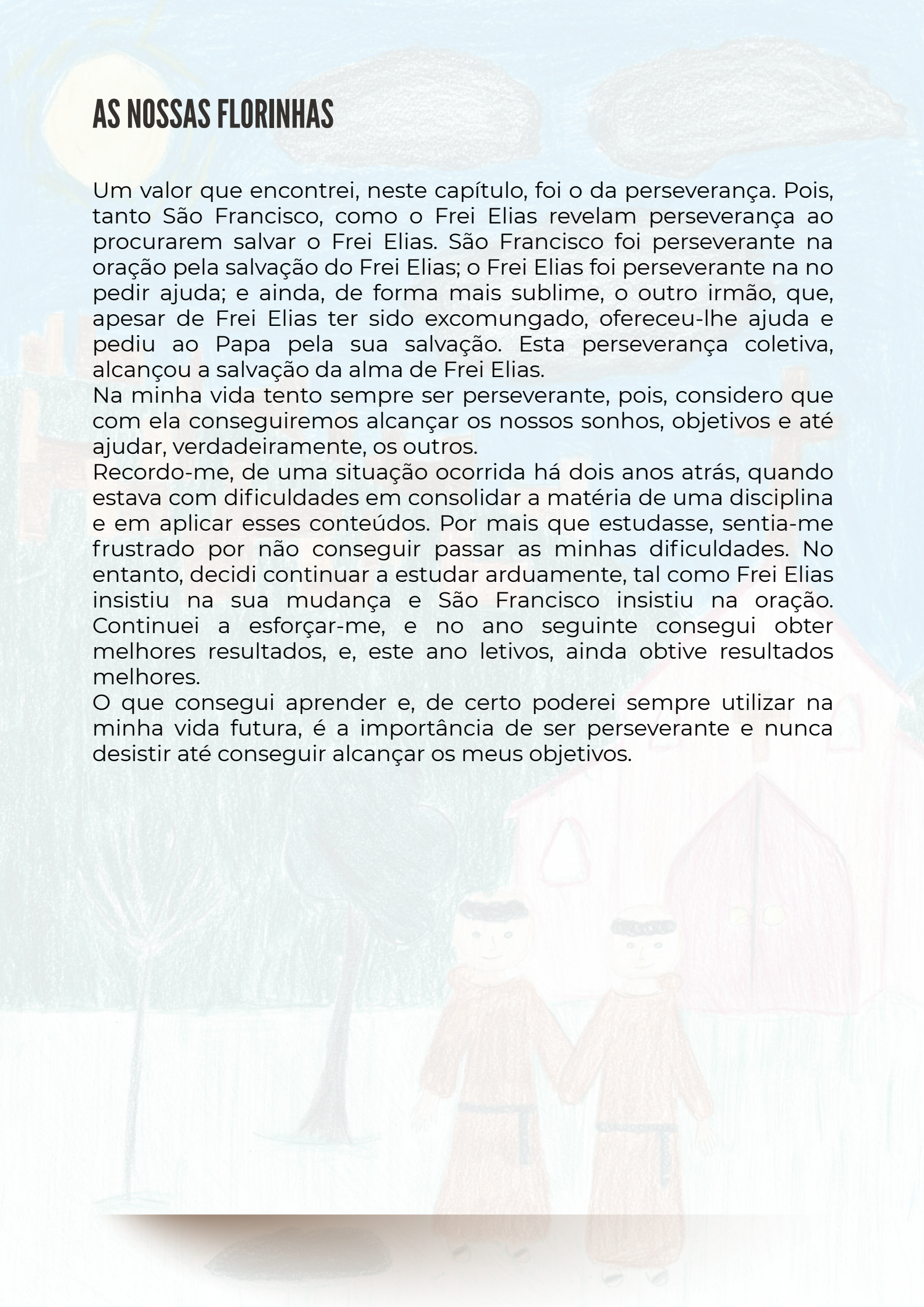
AS NOSSAS FLORINHAS

Um valor que encontrei, neste capítulo, foi o da perseverança. Pois, tanto São Francisco, como o Frei Elias revelam perseverança ao procurarem salvar o Frei Elias. São Francisco foi perseverante na oração pela salvação do Frei Elias; o Frei Elias foi perseverante na no pedir ajuda; e ainda, de forma mais sublime, o outro irmão, que, apesar de Frei Elias ter sido excomungado, ofereceu-lhe ajuda e pediu ao Papa pela sua salvação. Esta perseverança coletiva, alcançou a salvação da alma de Frei Elias.

Na minha vida tento sempre ser perseverante, pois, considero que com ela conseguiremos alcançar os nossos sonhos, objetivos e até ajudar, verdadeiramente, os outros.

Recordo-me, de uma situação ocorrida há dois anos atrás, quando estava com dificuldades em consolidar a matéria de uma disciplina e em aplicar esses conteúdos. Por mais que estudasse, sentia-me frustrado por não conseguir passar as minhas dificuldades. No entanto, decidi continuar a estudar arduamente, tal como Frei Elias insistiu na sua mudança e São Francisco insistiu na oração. Continuei a esforçar-me, e no ano seguinte consegui obter melhores resultados, e, este ano letivos, ainda obtive resultados melhores.

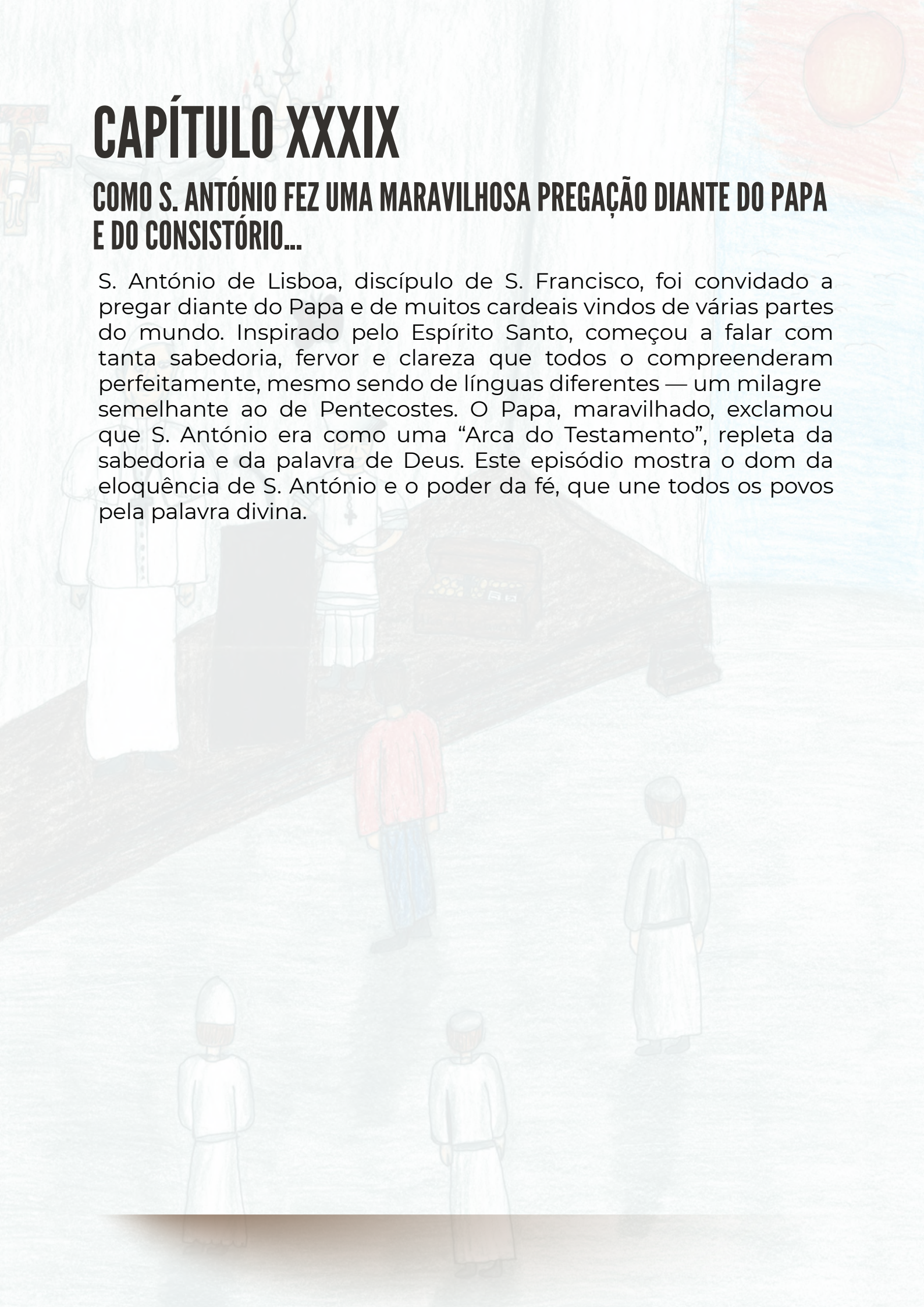
O que consegui aprender e, de certo poderei sempre utilizar na minha vida futura, é a importância de ser perseverante e nunca desistir até conseguir alcançar os meus objetivos.

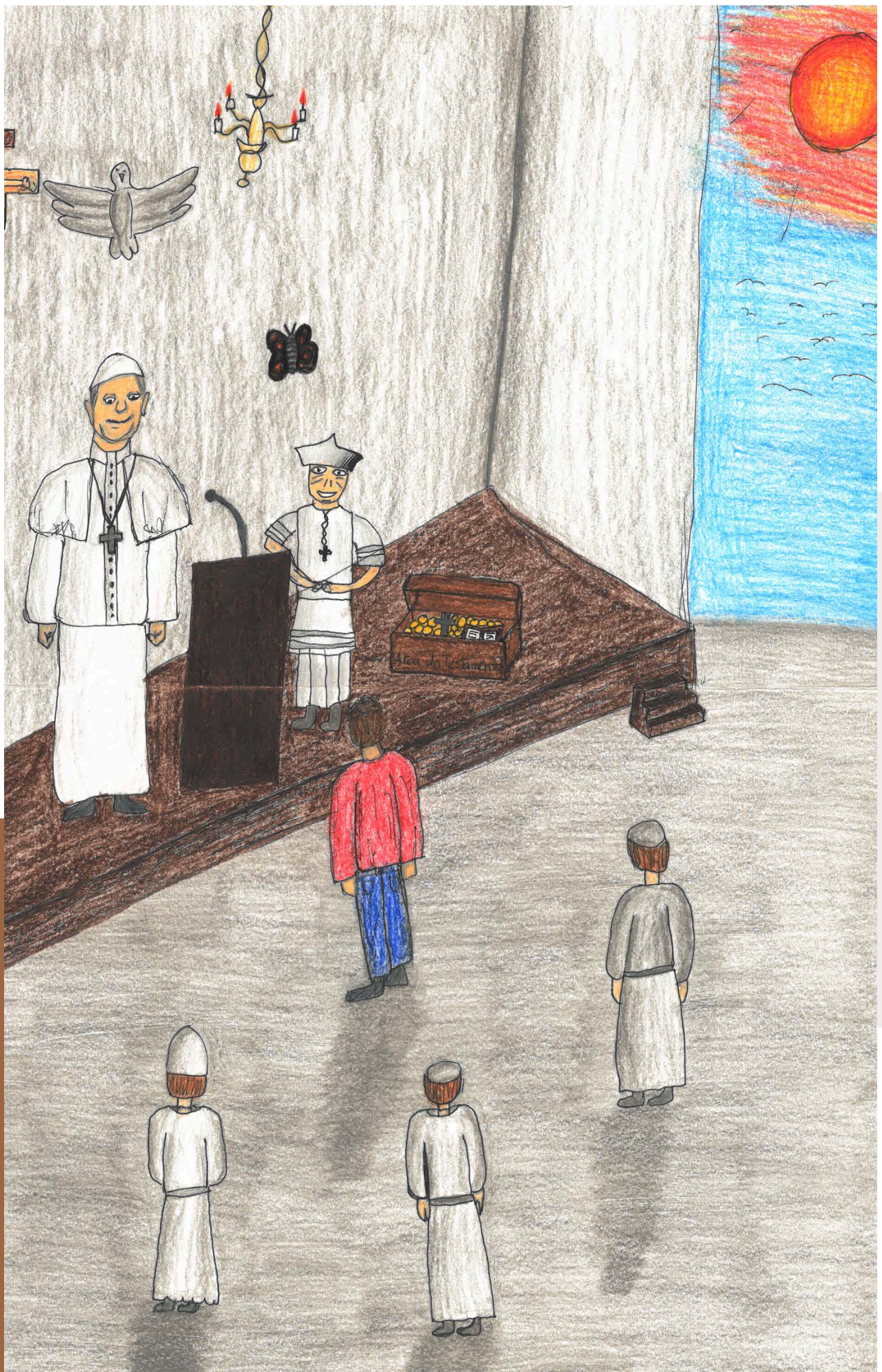


CAPÍTULO XXXIX

COMO S. ANTÔNIO FEZ UMA MARAVILHOSA PREGAÇÃO DIANTE DO PAPA E DO CONSISTÓRIO...

S. António de Lisboa, discípulo de S. Francisco, foi convidado a pregar diante do Papa e de muitos cardeais vindos de várias partes do mundo. Inspirado pelo Espírito Santo, começou a falar com tanta sabedoria, fervor e clareza que todos o compreenderam perfeitamente, mesmo sendo de línguas diferentes — um milagre semelhante ao de Pentecostes. O Papa, maravilhado, exclamou que S. António era como uma “Arca do Testamento”, repleta da sabedoria e da palavra de Deus. Este episódio mostra o dom da eloquência de S. António e o poder da fé, que une todos os povos pela palavra divina.





AS NOSSAS FLORINHAS

A Joana anda no 8.º ano e adora estar com os seus amigos, mas às vezes sente que não é fácil fazer o que está certo quando todos os outros fazem o que é errado.

Um dia, o grupo de amigos da Joana não parava de se rir de uma imagem no telemóvel. Era uma fotografia de um colega novo, o Manuel, que era muito calado e estava sempre sozinho. O grupo, a partir daí, não parou de gozar com o Manuel e de fazer piadas sobre ele.

A Joana sentiu-se mal pelo Manuel e pensou se se devia rir com o grupo para não ser posta de parte, ou se deveria defendê-lo. A Joana decidiu defender o Manuel. Então, quando o seu grupo se estava a rir dele, ela disse:

— Parem com isso! O Manuel é como nós e não merece ser tratado assim! Já pensaram como se sentiriam se alguém vos fizesse o que estão a fazer ao Manuel?!

As amigas ficaram caladas e algumas sentiram vergonha. A Joana foi-se embora e foi ter com o Manuel para conversar, já que ele estava sozinho.

Depois do almoço, as amigas dela foram ter com o Manuel e pediram-lhe desculpa pelo que tinham feito. Começaram a conviver mais com ele e descobriram que tinham várias coisas em comum. Assim, tornaram-se amigos e o grupo nunca mais gozou com ninguém; pelo contrário, passou a ajudar as pessoas que estivessem tristes ou sozinhas.

CAPÍTULO XL

COMO S. ANTÓNIO, PREGANDO AOS PEIXES, CONVERTEU A FÉ DE MUITOS HEREGES...

Santo António era fiel a Cristo e falava tão bem que todos queriam ouvi-lo.

Deste modo, Cristo serviu-se de Santo António e dos peixes nesta história, repreendendo as pessoas que não acreditavam Nele.

Santo António estava na cidade de Rimini, onde viviam muitas pessoas hereges e decidiu falar-lhes para as converter. Mas as pessoas não queriam ouvi-lo, nem acreditavam nele e ao aperceber-se disso, foi para onde desaguava um rio e começou a falar com os peixes. Mal ele começou a falar, apareceu uma enorme quantidade de peixes, como nunca se tinha visto. Santo António disse-lhes que eles eram abençoados por viverem na água e por muitas outras coisas, por isso, deviam louvar o Senhor todos os dias. Os peixes então começaram a abrir a boca e a acenar com a cabeça, como se estivessem a perceber tudo.

Santo António disse que os peixes eram benditos, porque escutavam a palavra de Deus com mais atenção e respeito, do que os homens. E quanto mais Santo António falava, mais peixes apareciam e nenhum se ia embora. Todos os peixes o entenderam e se converteram.

Ao verem isto, as pessoas da cidade que não tinham acreditado em Santo António nem na sua Fé, começaram a ouvir falar do milagre dos peixes convertidos por ele e vieram todos para o rio e começaram a ouvir Santo António com toda a atenção.

Santo António falou e explicou-se tão bem, que todas aquelas pessoas se converteram e ficaram alegres, felizes e satisfeitas. Nessa altura, Santo António disse aos peixes que já se podiam ir todos embora, e eles foram. O Santo ainda permaneceu na cidade alguns dias a pregar e a falar com todos, e todos ficaram felizes.

Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

No último ano letivo, tive muitas dificuldades na disciplina de Inglês. Sentia que não conseguia memorizar vocabulário nem compreender os textos. Cada teste parecia mais difícil e, muitas vezes, as notas eram baixas. Desanimado pensei desistir de esforçar. No entanto, decidi não me deixar vencer pela dificuldade. Comecei a organizar o estudo de forma diferente: todos os dias revia palavras, lia pequenas histórias em inglês e praticava exercícios de compreensão oral. No início, os resultados não apareciam e parecia que nada estava a funcionar. Mas continuei a praticar diariamente, mesmo quando me sentia cansado ou frustrado. Pedi ajuda à professora, quando tinha dúvidas, e, também, aos colegas que tinham mais facilidade na matéria.

Com o tempo, percebi que estava a melhorar. Conseguia entender melhor os textos, escrever pequenas redações e participar nas aulas com mais confiança. Quando fiz o teste final, a minha nota subiu bastante. Mais importante do que a nota foi perceber que a perseverança diante das dificuldades fez toda a diferença.

Apreendi que, mesmo quando algo parece muito difícil, não devemos desistir. Aceitar os desafios com paciência e dedicação permite-nos crescer, aprender e alcançar os nossos objetivos, transformando obstáculos em oportunidades de progresso.



CAPÍTULO XLI

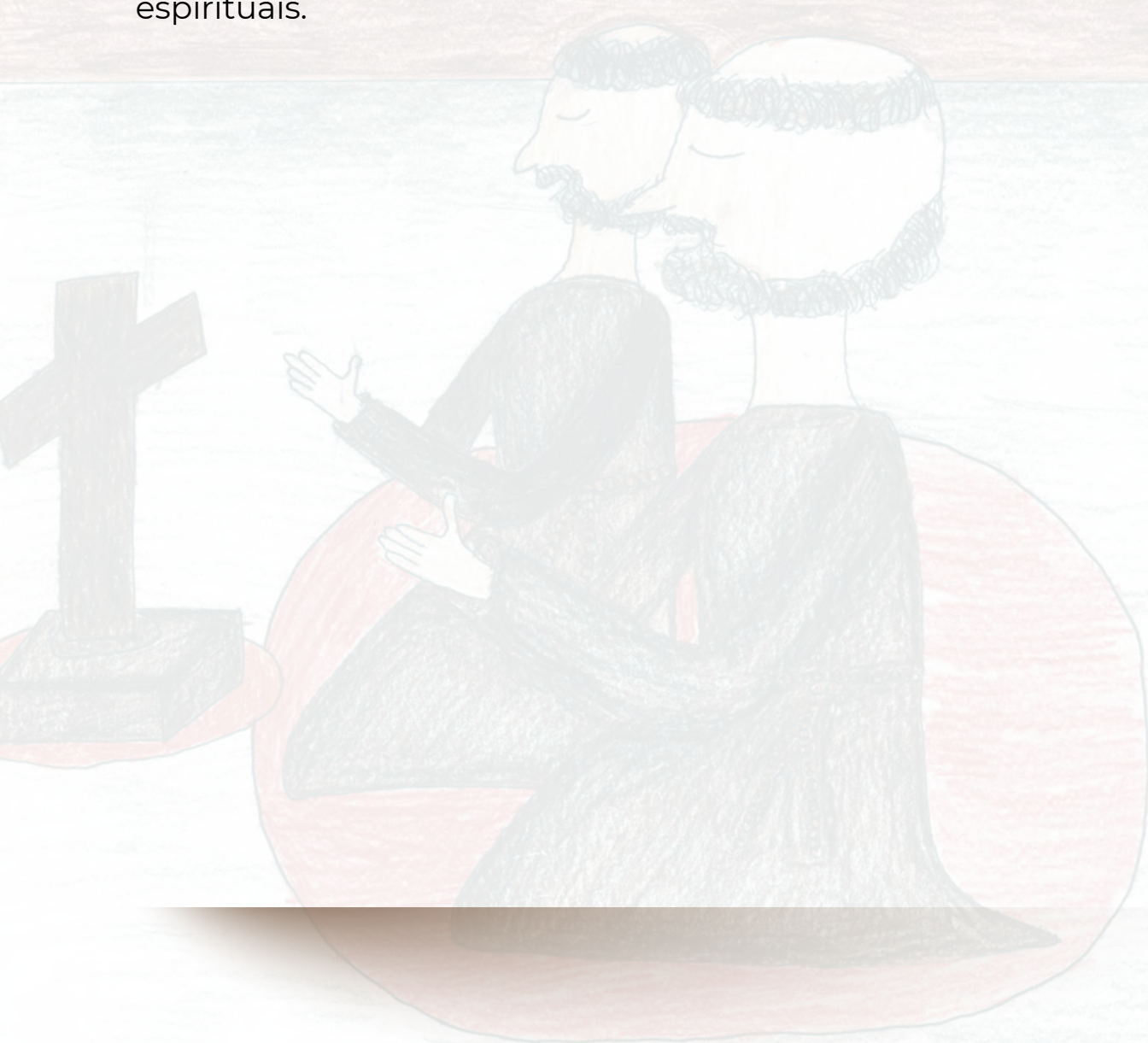
COMO FREI SIMÃO OROU POR UM IRMÃO MUITO TENTADO E DEUS O LIVROU DA TENTAÇÃO...

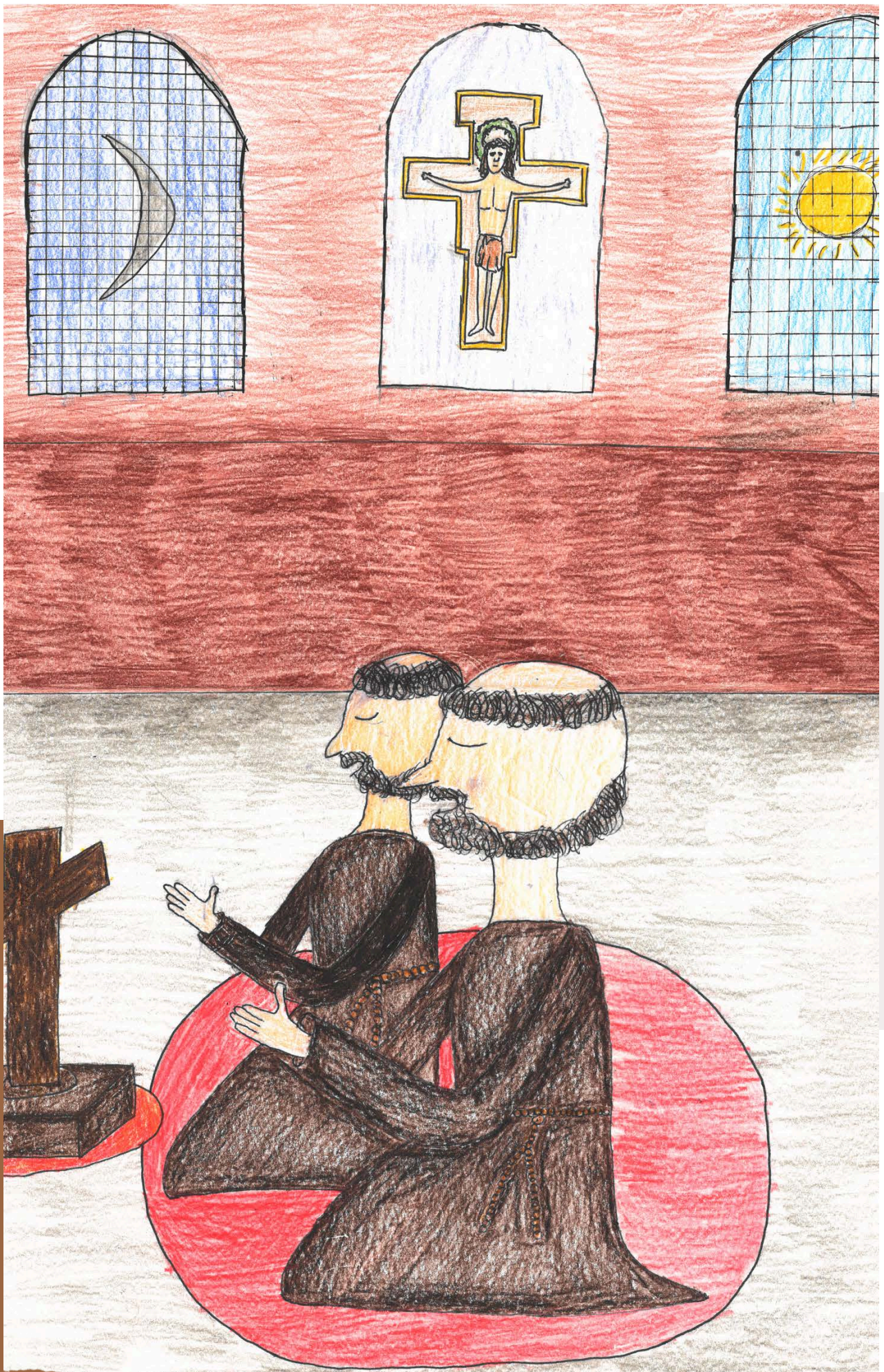
Na comunidade franciscana vivia um irmão que começou a ser atormentado por fortes tentações. Sentia-se angustiado e perdido, incapaz de rezar ou encontrar paz.

Frei Simão, percebendo o sofrimento do irmão, levou-o até à igreja e ajoelhou-se ao seu lado.

Com grande fervor, rezou por ele, pedindo a Deus que o libertasse daquela opressão.

Depois de algum tempo em oração profunda, o frade tentado sentiu uma paz imensa a invadir o coração. Toda a angústia desapareceu e regressaram-lhe a alegria e a confiança. O episódio mostra que a oração feita com fé e amor pode transformar e salvar, e que os irmãos devem apoiar-se mutuamente nas dificuldades espirituais.



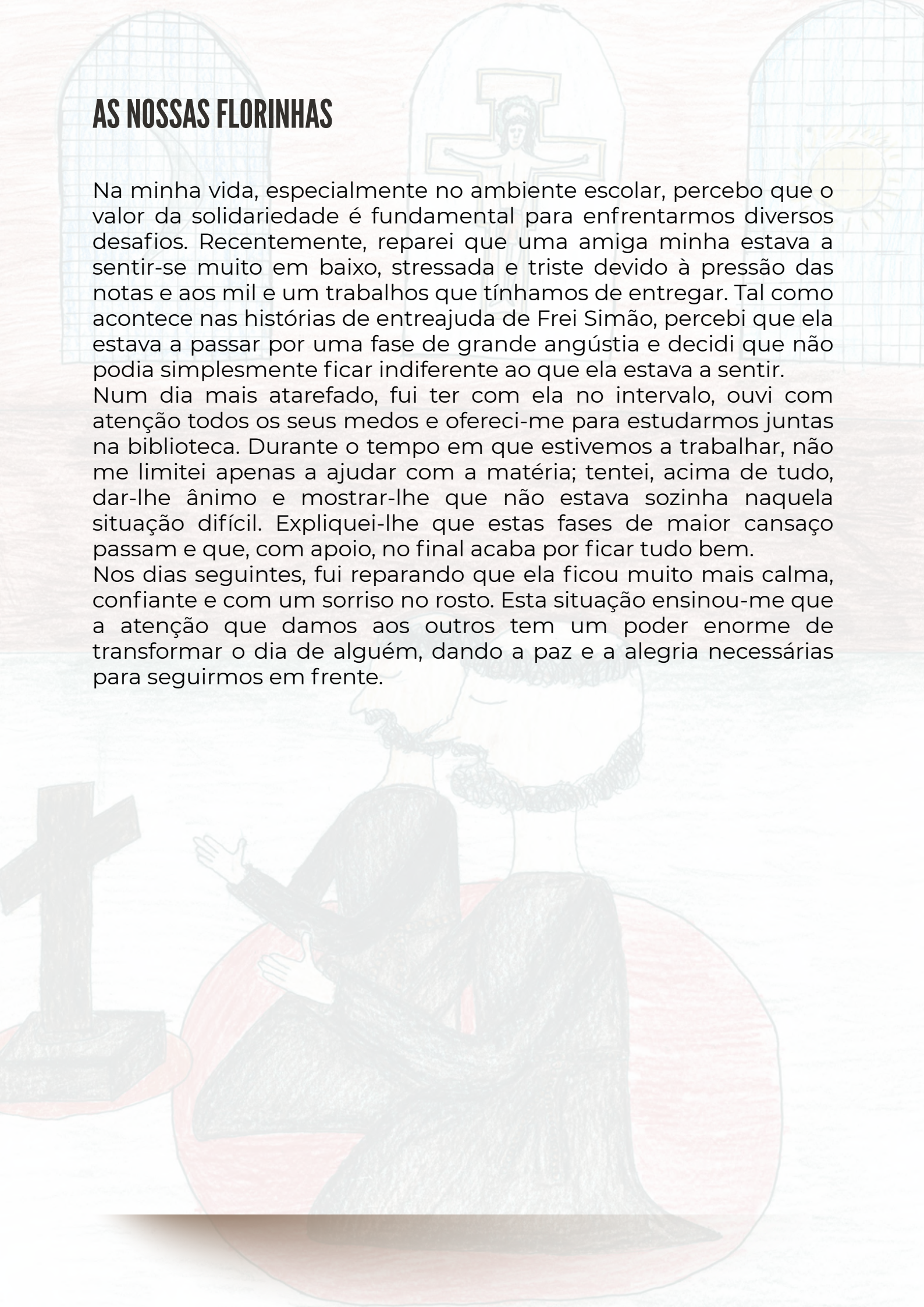


AS NOSSAS FLORINHAS

Na minha vida, especialmente no ambiente escolar, percebo que o valor da solidariedade é fundamental para enfrentarmos diversos desafios. Recentemente, reparei que uma amiga minha estava a sentir-se muito em baixo, stressada e triste devido à pressão das notas e aos mil e um trabalhos que tínhamos de entregar. Tal como acontece nas histórias de entreaajuda de Frei Simão, percebi que ela estava a passar por uma fase de grande angústia e decidi que não podia simplesmente ficar indiferente ao que ela estava a sentir.

Num dia mais atarefado, fui ter com ela no intervalo, ouvi com atenção todos os seus medos e ofereci-me para estudarmos juntas na biblioteca. Durante o tempo em que estivemos a trabalhar, não me limitei apenas a ajudar com a matéria; tentei, acima de tudo, dar-lhe ânimo e mostrar-lhe que não estava sozinha naquela situação difícil. Expliquei-lhe que estas fases de maior cansaço passam e que, com apoio, no final acaba por ficar tudo bem.

Nos dias seguintes, fui reparando que ela ficou muito mais calma, confiante e com um sorriso no rosto. Esta situação ensinou-me que a atenção que damos aos outros tem um poder enorme de transformar o dia de alguém, dando a paz e a alegria necessárias para seguirmos em frente.



CAPÍTULO XLII

TRATADO DE ALGUNS SANTOS FRADES E SINGULARMENTE DE FREI CONRADO E DE OUTRO FRADE QUE, DESDE A ALVA ATÉ AO NASCER DO SOL, TRANSPORTOU UM LEPROSO À DISTÂNCIA DE QUINZE MILHAS...

Numa província de Itália existiam muitos frades santos, que, como estrelas no céu, iluminavam a Ordem de S. Francisco e o mundo com bons exemplos e ensinamentos.

Entre eles estava frei Lúcio, conhecido pela sua santidade e pela sua caridade, que pregava maravilhosamente guiado pelo Espírito Santo. Outro foi frei Bentivólio de San Severino, que fez milagres notáveis e inspirou frei Masseu a deixar a paróquia para se tornar frade menor.

Certa vez, frei Bentivólio estava sozinho a cuidar de um leproso em Trave Bonanti.

Quando recebeu ordens para ir para outro lugar, a quinze milhas de distância, ele não quis abandonar o doente. Então pegou-o nos braços e, entre o nascer do sol e a manhã, levou-o até ao novo destino, o Monte Saracino, deixando todos admirados por ser um feito impossível.

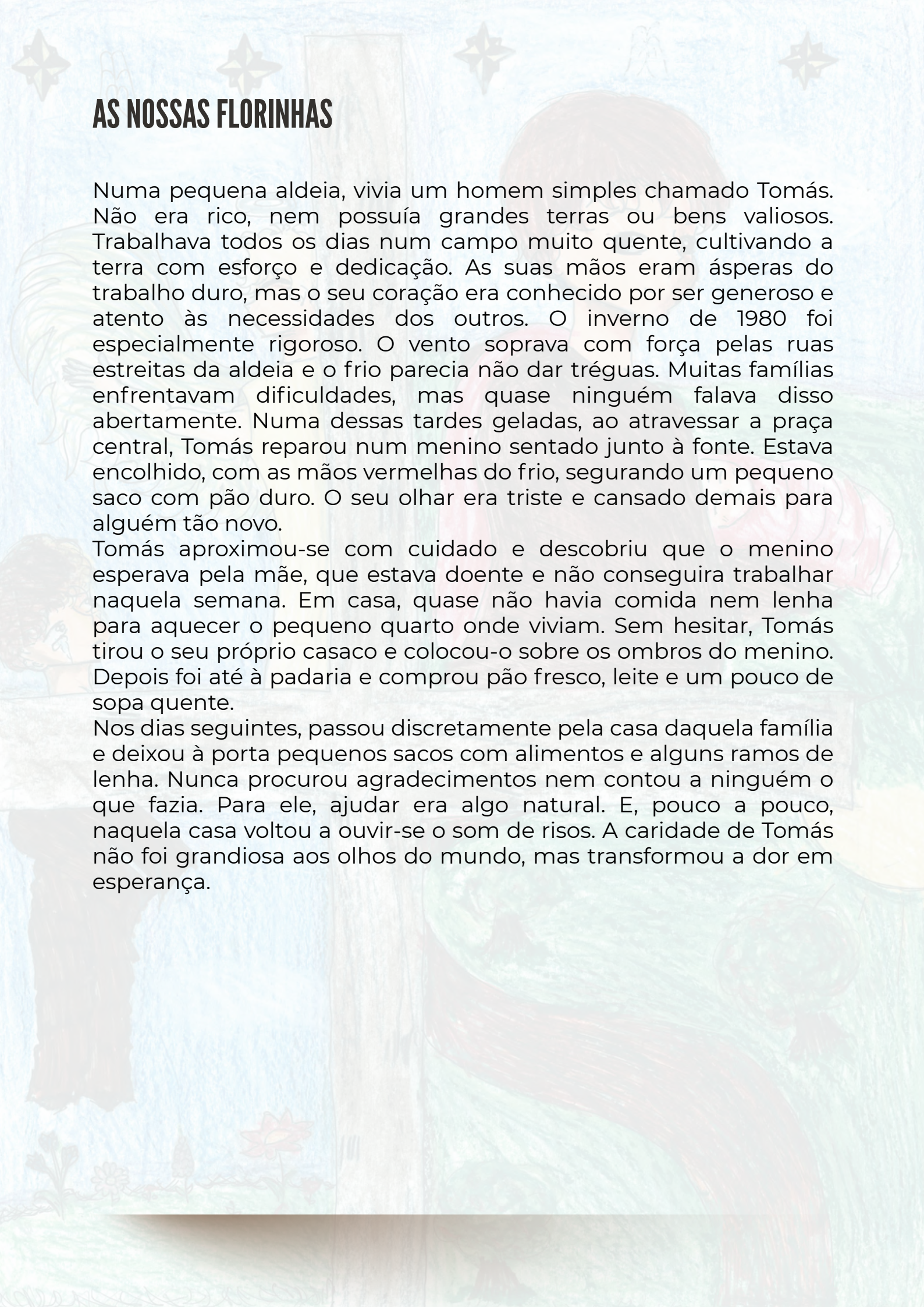
Outro frade, frei Pedro de Monticelo, também realizou milagres. Frei Servodeo de Urbino viu-o levantar do chão até aos pés do Crucifixo enquanto orava. Um jovem frade espiou-o durante uma oração a S. Miguel Arcanjo e ouviu o Arcanjo consolá-lo e oferecer-lhe qualquer graça. Frei Pedro pediu apenas o perdão dos seus pecados e S. Miguel prometeu concedê-lo, juntamente com outras graças.

Frei Conrado de Ofida era contemporâneo de frei Pedro. Um dia, ao rezar no bosque, pediu à Virgem Maria que lhe permitisse sentir um pouco da alegria que o santo Simeão sentiu ao segurar Jesus nos braços. A Virgem apareceu com o Menino Jesus e entregou-o a frei Conrado, que ficou cheio de alegria e consolação. Frei Pedro, que tinha seguido frei Conrado discretamente, percebeu o acontecimento, mas respeitou o segredo. Desde então, os dois frades tornaram-se muito próximos, quase como se tivessem um só coração e uma só alma.

Frei Conrado também ajudou uma mulher endemoninhada com as suas orações, mas manteve sempre a humildade, evitando qualquer reconhecimento.

À honra de Cristo. Ámen.





AS NOSSAS FLORINHAS

Numa pequena aldeia, vivia um homem simples chamado Tomás. Não era rico, nem possuía grandes terras ou bens valiosos. Trabalhava todos os dias num campo muito quente, cultivando a terra com esforço e dedicação. As suas mãos eram ásperas do trabalho duro, mas o seu coração era conhecido por ser generoso e atento às necessidades dos outros. O inverno de 1980 foi especialmente rigoroso. O vento soprava com força pelas ruas estreitas da aldeia e o frio parecia não dar tréguas. Muitas famílias enfrentavam dificuldades, mas quase ninguém falava disso abertamente. Numa dessas tardes geladas, ao atravessar a praça central, Tomás reparou num menino sentado junto à fonte. Estava encolhido, com as mãos vermelhas do frio, segurando um pequeno saco com pão duro. O seu olhar era triste e cansado demais para alguém tão novo.

Tomás aproximou-se com cuidado e descobriu que o menino esperava pela mãe, que estava doente e não conseguira trabalhar naquela semana. Em casa, quase não havia comida nem lenha para aquecer o pequeno quarto onde viviam. Sem hesitar, Tomás tirou o seu próprio casaco e colocou-o sobre os ombros do menino. Depois foi até à padaria e comprou pão fresco, leite e um pouco de sopa quente.

Nos dias seguintes, passou discretamente pela casa daquela família e deixou à porta pequenos sacos com alimentos e alguns ramos de lenha. Nunca procurou agradecimentos nem contou a ninguém o que fazia. Para ele, ajudar era algo natural. E, pouco a pouco, naquela casa voltou a ouvir-se o som de risos. A caridade de Tomás não foi grandiosa aos olhos do mundo, mas transformou a dor em esperança.

CAPÍTULO XLIII

COMO FREI CONRADO REPREENDEU UM MAU IRMÃO, COM TANTA CARIDADE, QUE DE REPENTE SE TORNOU O MAIS PERFEITO DOS QUE HABITAVAM O EREMITÉRIO...

Frei Conrado de Ofida era um frade muito santo e humilde, cheio de amor por Deus e pela pobreza evangélica. Um dia, alguns irmãos pediram-lhe que corrigisse um jovem frade que se portava mal e causava muitos problemas na comunidade. O jovem era desobediente, preguiçoso e pouco interessado nas regras do convento.

Frei Conrado chamou o rapaz à parte e falou-lhe com tanto amor e sabedoria que, pela graça de Deus, o jovem mudou completamente. Tornou-se obediente, bondoso, trabalhador, pacífico e atento a todas as virtudes. Antes, era motivo de preocupação para todos, mas depois passou a ser motivo de alegria e admiração na comunidade.

Pouco tempo depois, o jovem morreu. Os irmãos ficaram muito tristes, mas, uma noite, a sua alma apareceu a frei Conrado enquanto ele orava diante do altar. A alma cumprimentou-o com respeito, como se ele fosse seu pai, e explicou:

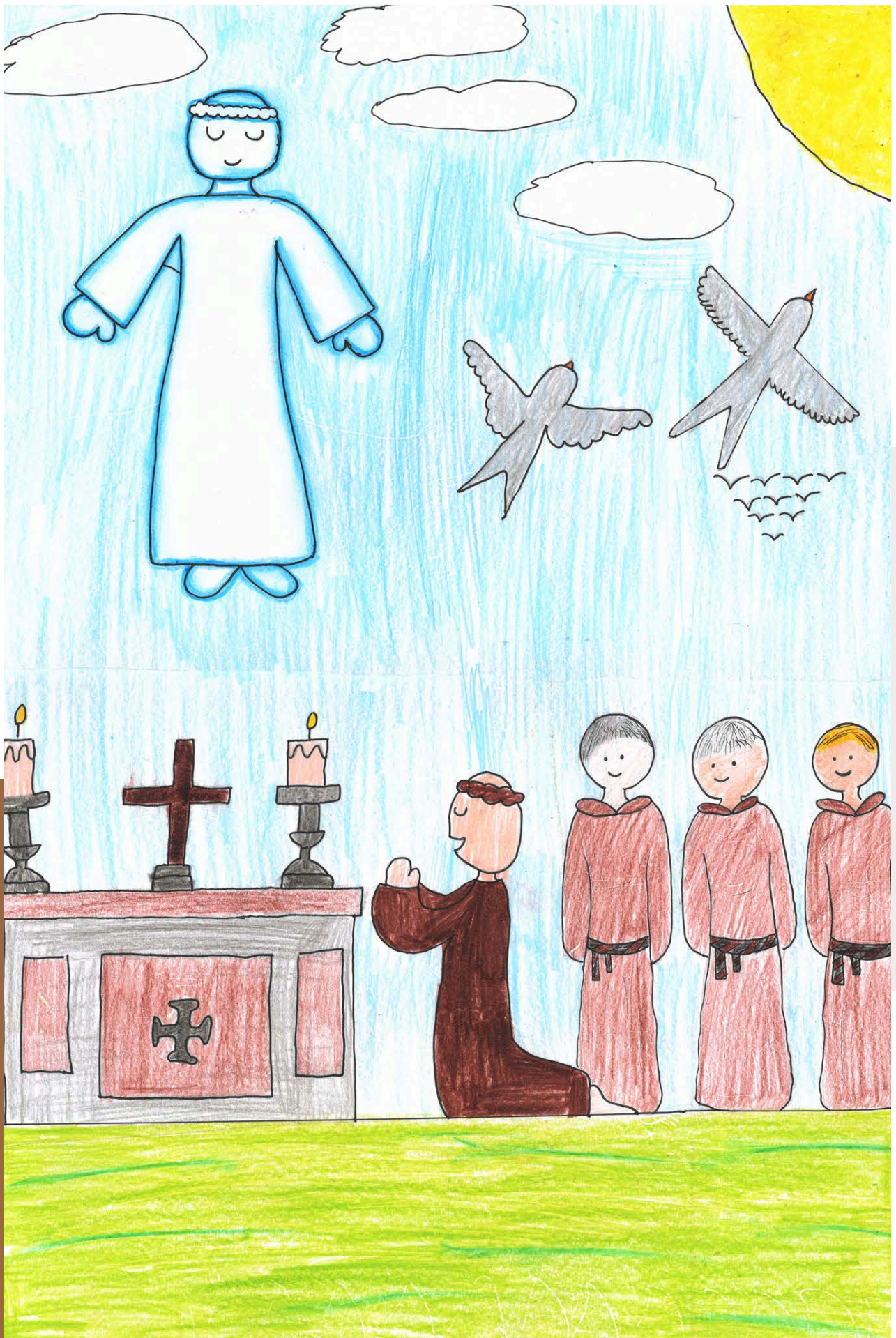
“Caríssimo Padre, estou bem, porque não fui condenado. Mas, por causa dos meus pecados, sofro muito no Purgatório. Peço que reze por mim, dizendo o Pai-Nosso algumas vezes, pois suas orações são muito aceites por Deus.”

Frei Conrado orou por ele, recitando o Pai-Nosso e o Requiem aeternam, e a alma sentiu grande alívio. A alma pediu que ele continuasse a rezar, e frei Conrado orou por ela cem vezes. Finalmente, a alma disse:

“Obrigado, Padre! Por causa das suas orações fui libertado de todos os tormentos e, agora, vou para o céu.”

Depois disso, frei Conrado contou aos irmãos, cheio de alegria, como Deus tinha usado as suas orações para ajudar a alma do jovem.

À honra de Cristo bendito. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Um dia, a Clara e as suas duas amigas estavam sentadas a conversar. A Patrícia estava chateada com a Marta porque achava que a Marta tinha contado um segredo seu a outras pessoas. A Marta negou e as duas começaram a discutir. A Clara ficou sem saber o que fazer, porque gostava das duas e não queria que ficassem zangadas uma com a outra.

Nessa mesma semana, na aula de EMRC, o professor tinha-lhes falado da vida de S. Francisco de Assis, capítulo XLIII. Essa história contava que S. Francisco ensinava que, quando vemos alguém a errar, não devemos gozar nem acusar, mas sim corrigir com amor, vontade de ajudar e humildade. Para além disso, o professor também disse que a correção fraterna é como estender a mão a alguém que está a tropeçar, em vez de o continuar a empurrar.

No dia seguinte, a Patrícia voltou a falar mal da Marta pelas costas e, por isso, a Clara lembrou-se da história de S. Francisco. A Clara respirou fundo e decidiu falar com a Patrícia, sem gritar. A Clara disse que percebia que a Patrícia estivesse magoada, mas que falar mal da Marta não ia resolver o problema e que só o ia piorar. A Patrícia ficou sem saber o que dizer e depois decidiu ir falar diretamente com a Marta.

Mais tarde, a Patrícia e a Marta fizeram as pazes e vieram agradecer à Clara por não ficar parada perante a situação e por ter ajudado a resolver a confusão. Depois desta discussão, a Clara percebeu que corrigir uma amiga não é ser chata, nem é estar a mandar nela: é querer o bem dela. Às vezes dá vergonha falar, mas se fizermos como S. Francisco fez, com amor e respeito, podemos ajudar as outras pessoas a serem melhores.

CAPÍTULO XLIV

COMO DOIS FRADES SE AMAVAM TANTO, QUE UM AO OUTRO SE CONTAVAM AS REVELAÇÕES...

Existiam dois frades muito amigos chamados Frei Conrado e Frei Pedro. Eles viviam juntos num convento e eram tão unidos que parecia que tinham um só coração. Combinaram os dois que se Deus lhes revelasse algo especial, partilhavam um com o outro.

Um dia, Frei Pedro estava a rezar e a pensar em Jesus na cruz, em Maria, Mãe de Jesus, em São João e em São Francisco. Ele queria saber qual dos três ficou mais triste quando Jesus morreu.

Então aconteceu uma coisa incrível! A Virgem Maria apareceu com São João e São Francisco, todos vestidos com roupas brilhantes e lindas. São Francisco tinha a roupa mais bonita de todas.

Frei Pedro ficou muito surpreendido com a visão e São João falou com ele para o acalmar, tranquilizando-o e esclarecendo as suas dúvidas. Segundo São João, ele e a Mãe de Jesus ficaram muito tristes com a morte de Jesus, tal como São Francisco. Talvez por isso São Francisco estivesse tão brilhante e com roupas tão lindas no céu!

Frei Pedro ficou muito curioso e perguntou:

— Mas... porque é que a roupa de São Francisco é mais bonita do que a tua?

São João respondeu:

— Porque quando estava vivo, São Francisco escolheu sempre as roupas mais simples e pobres. E quem é humilde na Terra, recebe coisas maravilhosas no Céu.

Então São João mostrou a Frei Pedro um manto muito bonito e ofereceu-lhe. Depois de o vestir, Frei Pedro ficou tão feliz que chamou o Frei Conrado para vir ver a sua roupa e contar-lhe que estava a ter uma visão. Ao chegar, o Frei Conrado já não conseguiu ver nada e o Frei Pedro contou tudo com muita emoção. Os dois agradeceram a Deus. Amén

AS NOSSAS FLORINHAS

Era uma vez duas crianças, o Tomás e a Inês, que estavam a brincar no parque. Eles tinham um carrinho vermelho muito giro que andava rápido quando empurravam com força. O Tomás empurrava e a Inês ria-se muito, e depois trocavam.

O sol estava a brilhar e o parque tinha muitas árvores. Eles estavam muito felizes a brincar só os dois. De repente, apareceu outra criança, chamada Miguel. Ele ficou a olhar para o carrinho com olhos grandes e perguntou se podia brincar também.

O Tomás fez uma cara estranha porque achava que o carrinho era só deles naquele momento. A Inês ficou a pensar um bocadinho e depois disse que podiam partilhar, porque brincar com mais amigos podia ser mais divertido.

Então fizeram uma regra: cada um brincava um pouco e depois passava ao outro. Primeiro foi o Miguel, depois a Inês e depois o Tomás. No início foi um bocadinho difícil esperar, mas depois começaram a rir-se todos juntos.

Eles até inventaram uma corrida e fizeram de conta que o carrinho era um carro de corrida mágico. No fim, estavam todos muito contentes e cansados.

O Tomás percebeu que partilhar não tirou a diversão, mas até a aumentou. E assim, os três novos amigos continuaram a brincar juntos até a hora de ir para casa.



CAPÍTULO XLV

COMO UM FRADE, SENDO MENINO SECULAR, FOI MILAGROSAMENTE CHAMADO POR DEUS À ORDEM...

Havia um rapaz que vivia com os pais e levava uma vida normal: estudava, ajudava em casa e divertia-se com os amigos. Mas no fundo do coração sentia um vazio, como se lhe faltasse algo importante.

Certo dia, ao passar diante de um convento de frades franciscanos, ouviu um cântico vindo da capela. Era tão bonito e sereno que o rapaz parou, como encantado. Sentiu dentro de si uma voz suave, quase como se viesse do próprio coração, a dizer-lhe: “Vem. Este é o caminho que te leva à verdadeira alegria.”

O rapaz ficou confuso, mas curioso. Voltou a casa pensativo. Naquela noite, teve um sonho: via São Francisco a sorrir-lhe e a chamá-lo para seguir o caminho de Deus.

Quando acordou, contou o sonho aos pais, mas eles riram e disseram que era imaginação. Ainda assim, o jovem não conseguiu esquecer o que sentira.

Alguns dias depois, decidiu ir falar com os frades. Um deles recebeu-o com carinho e explicou-lhe o que significava viver na Ordem: rezar, ajudar os outros, viver com simplicidade e amor.

O rapaz sentiu o coração cheio de paz. Pediu então para ficar com eles. Os pais ficaram tristes por o ver partir, mas, quando viram a sua felicidade, compreenderam que era mesmo uma escolha vinda de Deus.

Desde então, o jovem tornou-se um frade exemplar, conhecido pela alegria, pela bondade e pela dedicação aos outros. Muitos diziam que o próprio Deus o tinha chamado de forma milagrosa, porque o amor que ele espalhava era algo fora do comum.



AS NOSSAS FLORINHAS

Sempre considerei a Luna uma aluna exemplar: organizada, responsável e com bons resultados. Por isso, quando ela me disse que tinha tido uma nota baixa a Matemática, fiquei verdadeiramente surpreendida.

Ela contou-me que, para aquele teste, não tinha estudado tanto como o habitual. Andava cansada e acabou por ir adiando o estudo. Ao realizar o teste percebeu que não tinha entendido totalmente um dos conteúdos principais. Ficou nervosa, sobretudo porque tinha receio de desiludir os pais e de não corresponder às expectativas que ela mesmo tinha criado sobre si própria.

Durante o teste, a professora saiu da sala por alguns minutos e ficou apenas uma auxiliar a cuidar da turma. Nesse momento, a colega que estava sentada ao seu lado sussurrou-lhe a resposta do exercício que ela não estava a conseguir resolver. A Luna sabia que aquela pergunta teria um peso significativo na nota final e que bastava escrever o que tinha ouvido para conseguir um melhor resultado.

Contudo, hesitou. Percebeu que se copiasse a resposta não seria honesto nem justo, e iria ficar com o peso dessa decisão nos ombros. Optou, então, por não copiar e deixou a pergunta quase toda em branco.

Quando recebeu o teste obteve a nota mais baixa do que o habitual. Ele contou-me que se sentiu envergonhada ao mostrar a nota em casa, mas também tranquila por saber que tinha sido honesta.

Ao ouvir isso, eu percebi exatamente porque gostava tanto daquela miúda. Era corajosa a ponto de enfrentar as próprias falhas.

Este texto foi baseado em factos reais, em que o nome “Luna” foi o pseudónimo escolhido para manter a anonimidade da pessoa em questão. O texto foi escrito com a base de valor “a coragem”.

CAPÍTULO XLVI

DE UM FRADE QUE VIU IR PARA O CÉU A ALMA DE OUTRO FRADE SEU IRMÃO...

Dois frades viviam juntos num pequeno convento. Eram muito amigos e trabalhavam lado a lado, ajudando os pobres e rezando. Um deles adoeceu gravemente e percebeu que a morte estava próxima.

O outro frade cuidava dele com grande carinho e passava as noites a rezar ao seu lado. Um dia, o doente disse com um sorriso fraco:

— Irmão, não chores. Vou partir, mas não te deixarei triste por muito tempo.

Pouco tempo depois, morreu serenamente. O seu amigo, de joelhos, rezou com lágrimas:

— Senhor, recebe o meu irmão no teu reino.

Nesse instante, o frade sentiu uma presença luminosa no quarto. Levantou os olhos e viu algo maravilhoso: uma luz dourada subia lentamente em direção ao céu, e no meio dela reconheceu o rosto sereno do amigo. À volta, pareciam voar anjos que cantavam em harmonia.

Ele ficou cheio de emoção e gratidão. Percebeu que Deus lhe permitira ver aquele sinal para o consolar e para lhe mostrar que quem vive com fé e amor é recebido com alegria no Paraíso.

Durante o resto da vida, aquele frade nunca esqueceu a visão que tivera. Contava-a aos outros para lhes dar esperança, dizendo:

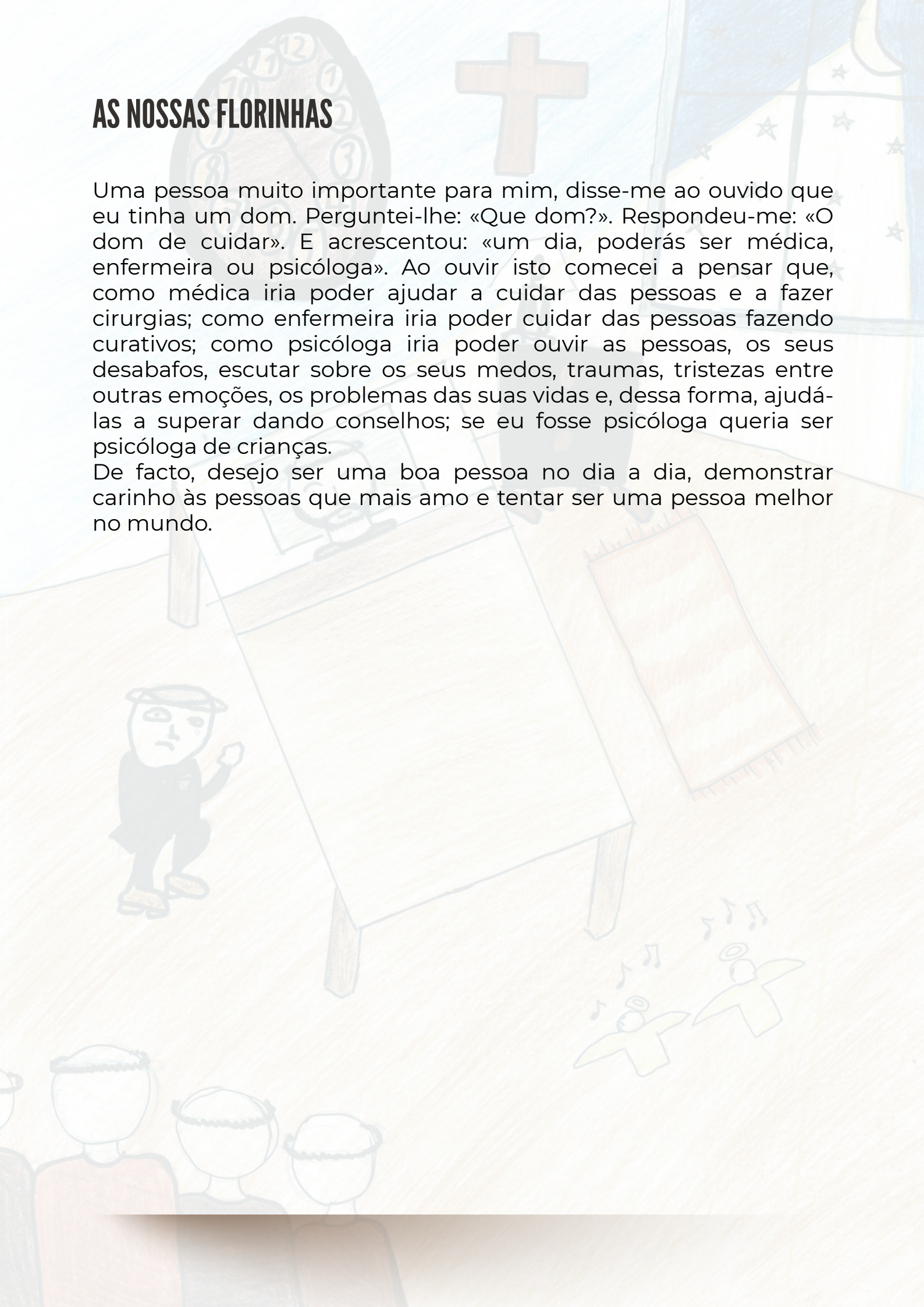
— Quem ama verdadeiramente e serve com humildade nunca está só na hora da morte, porque Deus vem buscá-lo com luz e paz.



AS NOSSAS FLORINHAS

Uma pessoa muito importante para mim, disse-me ao ouvido que eu tinha um dom. Perguntei-lhe: «Que dom?». Respondeu-me: «O dom de cuidar». E acrescentou: «um dia, poderás ser médica, enfermeira ou psicóloga». Ao ouvir isto comecei a pensar que, como médica iria poder ajudar a cuidar das pessoas e a fazer cirurgias; como enfermeira iria poder cuidar das pessoas fazendo curativos; como psicóloga iria poder ouvir as pessoas, os seus desabafos, escutar sobre os seus medos, traumas, tristezas entre outras emoções, os problemas das suas vidas e, dessa forma, ajudá-las a superar dando conselhos; se eu fosse psicóloga queria ser psicóloga de crianças.

De facto, desejo ser uma boa pessoa no dia a dia, demonstrar carinho às pessoas que mais amo e tentar ser uma pessoa melhor no mundo.



CAPÍTULO XLVII

DE UM FRADE ENFERMO A QUEM APARECEU A VIRGEM MARIA E O CONFORTOU...

Frei João de Alverne era um frade muito piedoso e sensível às dores dos outros. Tinha grande devoção pelos que já tinham morrido e costumava rezar por eles com fervor.

Um dia, estava a celebrar a missa dos Fiéis Defuntos — a missa dedicada às almas do Purgatório. Rezava com tanta emoção que parecia esquecer tudo à sua volta.

Enquanto pronunciava as palavras da consagração, levantou os olhos e viu uma visão espantosa: o altar encheu-se de luz, e no ar começaram a aparecer formas luminosas — eram ****almas libertas do Purgatório****, subindo lentamente ao Céu, como pequenas chamas pacíficas.

Algumas pareciam sorrir-lhe em sinal de agradecimento, outras juntavam as mãos em oração. Frei João chorou de alegria, sentindo que Deus lhe mostrava o poder da oração e da missa pelos defuntos.

Quando a visão terminou, ele ajoelhou-se em silêncio, cheio de humildade. Depois disse aos frades que estavam com ele:

— Irmãos, nunca deixem de rezar pelas almas que ainda esperam a luz de Deus. As nossas orações podem abrir-lhes as portas do Céu.

Os outros ouviram-no com respeito e emoção. A partir desse dia, Frei João passou a ser conhecido como o frade que vira a misericórdia de Deus com os seus próprios olhos.

AS NOSSAS FLORINHAS

Num dia de escola, o Henrique pôs-se a pensar como o Tiago parecia ser sempre o preferido de Deus. Então, foi perguntar ao amigo: — Tiago, por que razão és sempre o escolhido de Deus? Parece que Deus te dá todo o tempo do mundo — disse ele, enquanto o Tiago sorria e o escutava com calma.

O Tiago, calmamente, respondeu: — Eu nunca fui o único escolhido de Deus, nem eu nem ninguém neste mundo, porque somos todos irmãos. Deus não escolhe uns em detrimento de outros. Ele apenas ouve as minhas palavras de amor, porque através delas somos capazes de chegar ao coração de todos os que nos rodeiam.

O Henrique ouviu aquelas palavras e sentiu algo dentro de si. Compreendeu, finalmente, que somos todos irmãos. — Desculpa, Tiago, eu não tinha razão. — Não tens de pedir desculpa por seres quem és, porque ninguém é perfeito — retorquiu o Tiago.

A partir daquele dia, o Henrique descobriu que o Tiago era alguém realmente especial e solidário.



CAPÍTULO XLVIII

COMO FREI TIAGO DE MASSA TEVE UMA VISÃO EM QUE LHE FOI REVELADO O ESTADO DA ORDEM E O SEU FUTURO...

Frei Tiago de Massa era um frade muito santo e sábio, conhecido por todos pela sua grande devoção e entendimento das coisas de Deus. Um dia, enquanto orava, ficou em êxtase por três dias, tão concentrado em Deus que os irmãos pensaram que tivesse morrido.

Durante esse êxtase, Deus revelou-lhe o que aconteceria à Ordem de S. Francisco no futuro.

Frei Tiago contou, depois, a frei Mateus que viu uma grande árvore maravilhosa, cujas raízes eram de ouro e cujos frutos eram todos frades menores. Cada ramo representava uma província da Ordem, e nele estavam os frades de cada região. Ele viu também frei João de Parma no ramo mais elevado, enquanto outros ministros estavam nas pontas dos ramos.

Depois, viu Cristo sentado num trono branco, a entregar a S. Francisco um cálice cheio de vida, dizendo-lhe que fosse oferecê-lo aos frades. Aqueles que o recebiam com fé e devoção tornavam-se luminosos, como o Sol, enquanto os que não o recebiam ou o derramavam ficavam escuros e deformes. Frei João de Parma, que tomou o cálice com grande devoção, tornou-se o mais resplandecente.

De repente, levantou-se uma grande tempestade que sacudiu a árvore e fez cair muitos frades que não tinham recebido o cálice com devoção. Alguns foram levados pelos demónios para lugares de dor, mas os que receberam o cálice inteiro foram transportados pelos anjos para um lugar de luz e vida eterna.

Frei Tiago viu tudo claramente e soube o estado e o futuro de cada frade. No fim, quando a tempestade passou, da raiz de ouro da árvore nasceu outra árvore toda de ouro, cheia de folhas, flores e frutos brilhantes, símbolo da renovação e da força da Ordem de Deus.

À honra de Cristo. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Todas as manhãs, eu acordo às 6 da manhã. A casa ainda está em silêncio, e esse é o momento que mais valorizo. Ponho-me de joelhos, no chão, fecho os olhos e rezo pelo bem-estar da minha família e agradeço por mais um dia. A minha oração é simples, sem palavras difíceis, mas feita com o coração, como S. Francisco de Assis ensinava.

Nesse dia, sabia que iria enfrentar alguns desafios. Na escola, tive algumas confusões com as minhas amigas que me deixaram realmente chateada; tive vontade de lhes responder mal, como elas me responderam, mas lembrei-me do silêncio da manhã. Respirei fundo e escolhi não dizer nada. Mais tarde, percebi que esse gesto foi uma forma de oração, porque transformei a minha raiva em paz.

Ao regressar a casa, subi as escadas do prédio e entrei. Abri as janelas da sala e observei a rua lá em baixo, os prédios à minha volta e o céu a mudar de cor. Mesmo no meio da cidade, reparei nas árvores de um jardim e ouvi o canto dos pássaros. Esse pequeno momento fez-me sentir grata pela criação da natureza, lembrando-me de S. Francisco e do seu olhar atento à beleza presente em todas as coisas, mesmo nas mais simples. À noite, ajudei a minha mãe a fazer o jantar. Estava cansada, mas não reclamei; refleti sobre as minhas atitudes e percebi que as minhas ações humildes são uma oração vivida com gestos simples.

Antes de dormir, voltei a fechar os olhos e recordei todo o dia que passou; agradei pelas escolhas certas e pelos momentos de paz. Compreendi que viver o valor franciscano da oração é reconhecer Deus em cada situação do quotidiano, transformando uma ação num louvor. Assim, a minha vida torna-se, a pouco e pouco, uma oração constante.



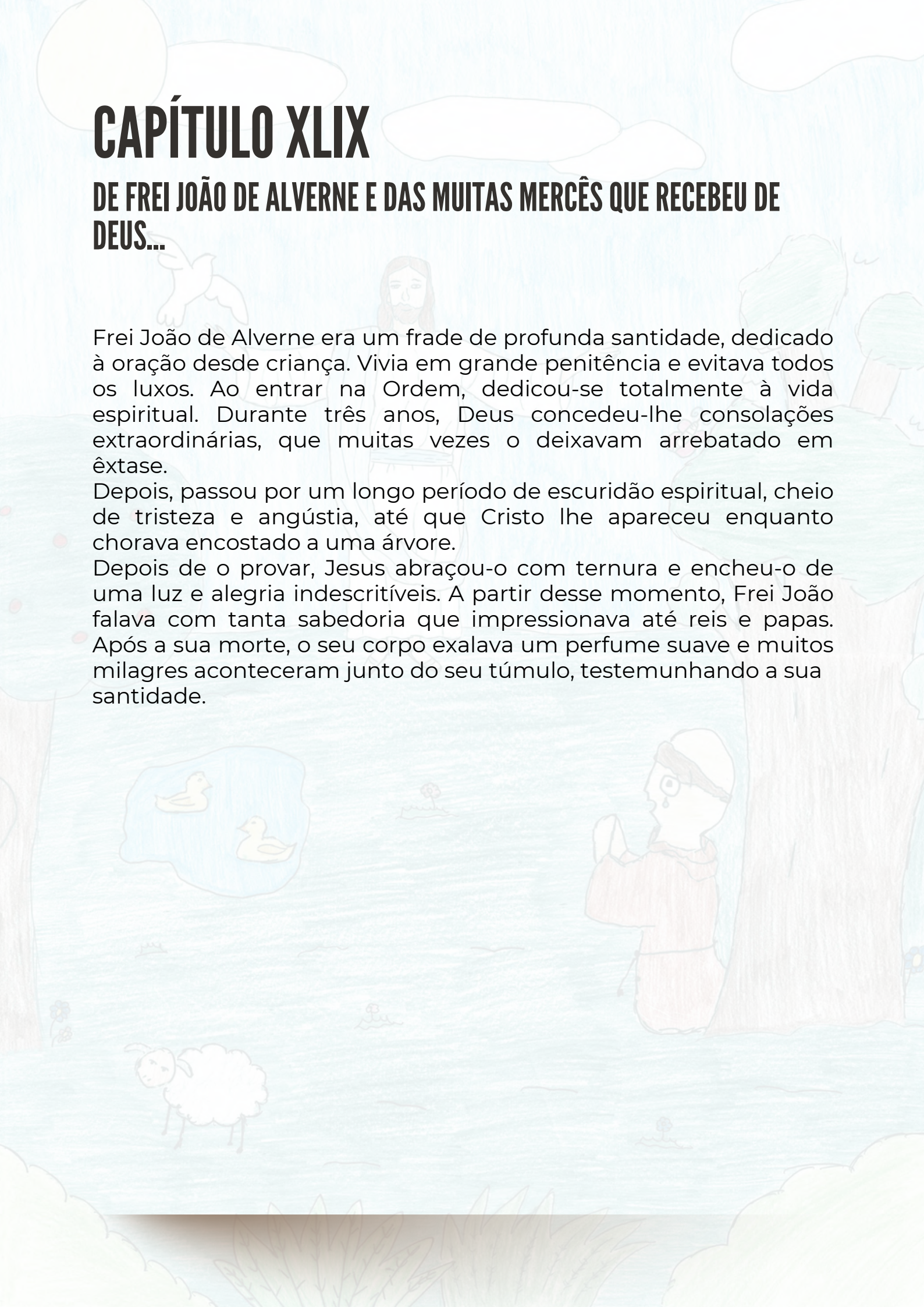
CAPÍTULO XLIX

DE FREI JOÃO DE ALVERNE E DAS MUITAS MERCÊS QUE RECEBEU DE DEUS...

Frei João de Alverne era um frade de profunda santidade, dedicado à oração desde criança. Vivia em grande penitência e evitava todos os luxos. Ao entrar na Ordem, dedicou-se totalmente à vida espiritual. Durante três anos, Deus concedeu-lhe consolações extraordinárias, que muitas vezes o deixavam arrebatado em êxtase.

Depois, passou por um longo período de escuridão espiritual, cheio de tristeza e angústia, até que Cristo lhe apareceu enquanto chorava encostado a uma árvore.

Depois de o provar, Jesus abraçou-o com ternura e encheu-o de uma luz e alegria indescritíveis. A partir desse momento, Frei João falava com tanta sabedoria que impressionava até reis e papas. Após a sua morte, o seu corpo exalava um perfume suave e muitos milagres aconteceram junto do seu túmulo, testemunhando a sua santidade.





AS NOSSAS FLORINHAS

A Andreia era uma rapariga determinada, aplicada e muito generosa. Tinha cabelos encaracolados, era morena e tinha uns olhos cor de mel. Era conhecida por ser uma pessoa simpática e por ajudar sempre os outros.

A Andreia frequentava o 9.º ano e, numa semana a caminho da escola, percebeu que tinha muitos testes e trabalhos para estudar. Estava preocupada, pois tinha medo de não conseguir bons resultados. Durante o dia sentia-se nervosa e, à noite, custava-lhe adormecer por pensar tanto na escola. Apesar de ser uma rapariga que não desistia facilmente, sentia-se triste e desmotivada.

Uma amiga de infância, com quem falava muitas vezes por mensagens, aconselhou-a a começar a rezar para se sentir mais calma e confiante, e para se aproximar mais de Deus. A Andreia decidiu seguir esse conselho.

Começou, então, a rezar todos os dias. Rezava de manhã antes de sair de casa, quando chegava da escola e antes de se deitar. Pedia tranquilidade, força e confiança para enfrentar as dificuldades do seu dia a dia. Com o tempo, a Andreia começou a sentir-se melhor. Percebeu que a fé lhe dava mais calma e ajudava-a a acreditar mais em si própria. No entanto, também entendeu que não bastava apenas rezar; precisava também de fazer a sua parte. Assim, passou a organizar melhor o estudo, a pedir ajuda aos professores e a estudar com mais atenção.

Aos poucos, foi-se sentindo mais tranquila e segura. Sabia que tinha o apoio da família, dos amigos e sentia-se acompanhada por Deus. Mesmo quando os resultados não eram os melhores ou não eram o que esperava, mantinha a fé e não desistia. Em casa, a Andreia mostrava respeito e gratidão pela família, ajudava nas tarefas e valorizava os pequenos momentos juntos. Aos fins de semana, começou também a ir à missa com a família, sentindo-se mais feliz e em paz consigo mesma.

No final do ano letivo, a Andreia terminou o 9.º ano com bons resultados, amizades fortalecidas e a certeza de que tinha crescido não só como estudante, mas também como pessoa, graças à fé e ao esforço que colocou em tudo o que fez.

CAPÍTULO L

COMO FREI JOÃO DE ALVERNE, DIZENDO MISSA EM DIA DE DEFUNTOS, VIU GRANDE NÚMERO DE ALMAS LIBERTADAS DO PURGATÓRIO...

Frei João de Alverne era um frade muito piedoso e sensível às dores dos outros. Tinha grande devoção pelos que já tinham morrido e costumava rezar por eles com fervor.

Um dia, estava a celebrar a missa dos Fiéis Defuntos — a missa dedicada às almas do Purgatório. Rezava com tanta emoção que parecia esquecer tudo à sua volta.

Enquanto pronunciava as palavras da consagração, levantou os olhos e viu uma visão espantosa: o altar encheu-se de luz, e no ar começaram a aparecer formas luminosas — eram ****almas libertas do Purgatório****, subindo lentamente ao Céu, como pequenas chamas pacíficas.

Algumas pareciam sorrir-lhe em sinal de agradecimento, outras juntavam as mãos em oração. Frei João chorou de alegria, sentindo que Deus lhe mostrava o poder da oração e da missa pelos defuntos.

Quando a visão terminou, ele ajoelhou-se em silêncio, cheio de humildade. Depois disse aos frades que estavam com ele:

— Irmãos, nunca deixem de rezar pelas almas que ainda esperam a luz de Deus. As nossas orações podem abrir-lhes as portas do Céu.

Os outros ouviram-no com respeito e emoção. A partir desse dia, Frei João passou a ser conhecido como o frade que vira a misericórdia de Deus com os seus próprios olhos.



AS NOSSAS FLORINHAS

A Mariana e a Júlia eram as melhores amigas, desde o 1º ano. Estudavam juntas, ajudavam-se mutuamente e partilhavam todos os segredos. A amizade delas era forte e cheia de confiança.

Um dia, a mãe da Mariana ficou doente e teve de ser hospitalizada. Ela ficou muito triste e preocupada. Na escola, já não se conseguia concentrar, quase não falava e raramente sorria. A Júlia percebeu que a sua amiga precisava de apoio. Sem pressioná-la com perguntas, sentou-se ao lado dela no recreio e disse:

— Não estás sozinha. Eu estou sempre aqui para ti.

Quando chegou a casa, Júlia rezou, não só pela mãe da Mariana, mas também por ela, para que se sentisse mais calma. No dia seguinte, levou-lhe um pequeno papel com uma mensagem: “Mesmo quando tudo parece escuro, a fé e a esperança são como uma pequena luz que nunca se apaga.”

Mariana emocionou-se. Não era só a mensagem que a confortava, mas saber que tinha uma amiga que se preocupava verdadeiramente com ela. Durante as semanas seguintes, Júlia ajudou Mariana com os trabalhos de casa, explicava-lhe a matéria e ficava com ela depois das aulas. Nunca a deixou sentir-se sozinha.

Entretanto, a mãe da Mariana melhorou e voltou para casa.

Mariana abraçou Júlia e disse:

— Obrigada por nunca desistires de mim. A tua fé deu-me esperança.

Júlia sorriu:

— A esperança ajuda, e a amizade é o que mantém a esperança viva.

E desde esse dia, as duas diziam que a sua amizade era como uma sandes de manteiga de amendoim e geleia, quando uma perdia o sabor, a outra mantinha-a com sabor.

(A história é verdadeira. É entre mim e uma amiga minha. Os nomes Júlia e Mariana são nomes que eu usei para não utilizar os nomes verdadeiros da história.)

CAPÍTULO LI

DO SANTO FREI TIAGO DE FALERONE, E DE COMO APARECEU, DEPOIS DA SUA MORTE, A FREI JOÃO DE ALVERNE...

Frei Tiago de Falerone era um frade muito bondoso e amigo de todos. Rezava com fé, ajudava os pobres e tinha um coração puro. Um dia adoeceu e percebeu que estava a chegar o fim da sua vida. Chamou Frei João de Alverne e disse-lhe:

— Irmão, sei que vou partir em breve. Quando eu morrer, peço-te que rezes por mim e que confies sempre na bondade de Deus.

Poucos dias depois, Frei Tiago morreu. Frei João ficou muito triste e chorou muito. Passado algum tempo, enquanto rezava por ele, sentiu uma presença luminosa.

De repente, viu Frei Tiago aparecer-lhe, vestido de branco e rodeado de luz.

— João, alegra-te! — disse o espírito com um sorriso. — Deus foi muito bom comigo e já me recebeu no Céu. Vim dizer-te que as tuas orações foram ouvidas.

Frei João ficou tão emocionado que caiu de joelhos, agradecendo a Deus. Quando levantou a cabeça, Frei Tiago já tinha desaparecido, mas o quarto estava cheio de um perfume doce e suave.

Ele contou tudo aos outros frades, e todos louvaram a Deus por lhes ter mostrado, mais uma vez, como recompensa os seus servos fiéis.

AS NOSSAS FLORINHAS

Na turma do 6.º C, havia uma menina chamada Maria. A Maria adorava as aulas de EMRC e acreditava na vida eterna.

Certo dia, o avô da Maria faleceu e ela ficou muito triste. Desde então, todos os dias a Maria ia à igreja rezar pelo avô. Certa vez, enquanto rezava, começou a chorar, mas não de tristeza, e sim de saudade. A Maria sentia muita falta do seu querido avô, com quem tinha uma relação muito especial. De repente, sentiu que estava ali alguém. O seu coração parou de bater por alguns segundos: deparou-se que era o seu querido avô.

O avô encontrava-se vestido com vestes brancas e delicadas. A Maria correu para perto dele e o avô abraçou-a, consolando-a. Quando ela já estava mais calma, o avô contou-lhe que tinha conhecido Deus e o Paraíso. A Maria ficou em choque à medida que ele lhe descrevia o Paraíso e, quando o avô acabou de falar, ela abraçou-o, mas segundos depois ele desapareceu.

Depois de algum tempo a tentar perceber se tudo aquilo tinha sido um sonho, a Maria foi a correr para casa contar à mãe o ocorrido. Mais tarde, a mãe levou-a à igreja para agradecerem a Deus pelo milagre que a Maria tinha presenciado.



CAPÍTULO LII

COMO FREI JOÃO DE ALVERNE VIU TODAS AS COISAS CRIADAS...

Frei João de Alverne amava muito a Deus e era muito feliz. Assim, Deus decidiu dar-lhe muita felicidade e bondade, especialmente nas festividades de Cristo.

O seu amor e dedicação a Deus eram tão grandes, que frei João quase sufocava, gritava, por vezes, em voz alta o seu amor a Deus e acreditava na salvação da sua alma. O Frei João sentia mesmo tudo o que recebia de Deus, sendo muitas coisas testemunhadas pelo seu irmão.

Uma noite, Frei João, estava a pensar tanto no seu amor a Deus, que conseguiu ver todas as coisas criadas por Ele, acreditando que Deus está mesmo em todas as coisas que existem. Percebeu também que Deus são três Pessoas e que Cristo, o filho de Deus, encarnou, para obedecer a Deus, seu Pai. Durante esta visão, frei João percebeu que Cristo era o caminho para a vida eterna, e que Ele é a verdade. Ámen.

AS NOSSAS FLORINHAS

Tenho a felicidade de ainda ter os meus quatro avós. Os meus avós maternos são mais novos, mas os paternos já têm 87 anos. Estão os dois muito velhinhos e doentes mas ainda estão em casa, com pessoas a cuidar deles.

No verão a minha avó paterna teve de ser hospitalizada. Deixou de nos conhecer, exceto ao meu pai. Foi muito difícil e todos pensaram, até os médicos, que seria o seu fim.

Eu sempre acreditei que ela iria melhorar e mesmo quando não abria os olhos não deixei de falar com ela e de dizer: avó, gosto muito de si!

Como gosto muito de desenhar no dia do seu aniversário fiz-lhe um postal, mas nem isso a fez abrir os olhos. Fiquei triste e preocupado. Nessa noite sonhei com a minha avó e que ela tinha melhorado.

O tempo foi passando e um dia voltei a visitar a minha avó com a minha mãe. Quando abrimos a porta do quarto ela estava sentada na cadeira de rodas e quando olhou para mim abraçou-me e começou a chorar.

Depois de dois meses, a minha avó regressou a casa. Emagreceu muito, mas recuperou o andar com ajuda, e, sobretudo, voltou a reconhecer-nos. Voltou a chamar por mim e sei que gosta muito de me ver.

É preciso nunca desistir daquilo em que acreditamos. É importante valorizar e cuidar da nossa família.



CAPÍTULO LIII

COMO FREI JOÃO DE ALVERNE, ESTANDO A DIZER A MISSA, FOI ARREBATADO EM ÊXTASE...

Frei João de Alverne estava num conventinho de Moliano, quando lhe aconteceu algo muito extraordinário. Na primeira noite, depois da oitava de S. Lourenço e da Anunciação de Nossa Senhora, acabou as Matinas e foi para a cerca contemplar a Paixão de Cristo, preparando-se com grande devoção para celebrar a missa da manhã.

Enquanto meditava sobre as palavras da consagração do Corpo, o seu coração encheu-se de um amor tão grande por Jesus que ele mal podia suportar. Sentiu uma doçura tão intensa que começou a repetir as palavras: “Isto é o meu corpo”, como se estivesse embriagado de espírito. Frei João via Jesus com a Virgem Maria e uma multidão de Anjos e sentia que o Espírito Santo lhe iluminava profundamente os mistérios do Sacramento.

Quando entrou na igreja para celebrar a missa, continuou tão arrebatado e cheio de fervor que ninguém imaginava o que se passava dentro dele. À medida que a missa avançava, o seu amor e devoção aumentavam e ele sentia um profundo e indescritível sentimento da presença de Deus. Ao chegar ao Prefácio de Nossa Senhora, o fervor tornou-se tão grande que ele quase não conseguia continuar.

No momento da consagração, ao dizer “Isto é...”, não conseguia terminar, pois via Jesus glorificado com os Anjos ao seu redor, e a presença divina era tão poderosa que o corpo de frei João ficou sem sentidos. Somente quando disse “o meu corpo” em voz alta, a Hóstia se transformou visivelmente em Jesus Cristo. Frei João foi então arrebatado em êxtase, caindo para trás, e só não caiu completamente, porque o guardião o segurou. Os irmãos e os fiéis, vendo-o assim, pensaram que estivesse morto e apressaram-se a levá-lo para a sacristia.

Frei João ficou desfalecido até à hora de Tércia, mas depois contou detalhadamente o que sentira e vira. Disse que o seu coração parecia líquido e que o corpo parecia tão leve que não conseguia fazer o sinal da cruz sobre a Hóstia ou o cálice. Contou ainda que Deus lhe tinha revelado antes da ordenação que isto aconteceria durante a missa, mas ele tinha esquecido a promessa.

À honra de Cristo. Ámen.



AS NOSSAS FLORINHAS

Tenho doze anos e ando no sétimo ano. Às vezes, a minha vida parece uma correria: acordar cedo, preparar a mochila, testes, trabalhos de grupo, treinos e ainda as discussões com o meu irmão mais novo. Num desses dias difíceis, acordei já atrasada e de mau humor porque tinha teste de Matemática. Enquanto me vestia à pressa, lembrei-me da história de S. Francisco e da importância de falar com Deus como se fala com um amigo. Parei por um minuto, fechei os olhos e disse apenas: «Senhor, ajuda-me a fazer o meu melhor».

Na escola, o teste não era tão fácil como eu esperava. Senti vontade de desistir, mas respirei fundo e repeti aquela pequena oração no meu coração. Não foi magia; continuei a ter dúvidas, mas senti uma calma diferente, como se não estivesse sozinha. Cada pergunta parecia menos assustadora quando confiava que Deus caminhava ao meu lado e me dava coragem para continuar.

Mais tarde, no intervalo, vi uma colega da minha turma sentada sozinha perto dos matraquilhos. Normalmente fico com as minhas amigas, a rir e a conversar, mas algo me disse para me aproximar dela. Sentámo-nos no banco e começámos a falar devagar. Descobri que estava triste por causa de problemas em casa e que se sentia perdida. Não fiz nada de extraordinário, só a ouvi com atenção e carinho. Mesmo assim, percebi que a união com Deus também passa por cuidar dos outros com gestos simples.

Nesse dia, entendi que a oração não é apenas rezar antes de dormir ou repetir palavras decoradas. É confiar, é agir com amor, é lembrar das pequenas coisas e nas decisões diárias para poder ir ao encontro d'Ele. Descobri que o mais importante é ter um coração humilde e unido a Deus em todos os momentos.

Laudato Si Mi Signore

